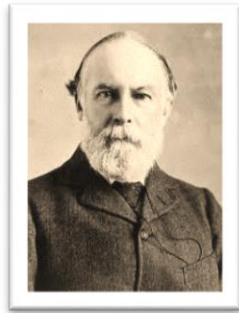
ALÉM DA PERSONALIDADE HUMANA

GERALDINE CUMMINS

Tradução:
Amadeu Duarte

Frederic Myers

Ano de publicação: 1935

Uma descrição detalhada da vida futura alegadamente comunicada pelo falecido F.W.H. Myers [Frederic William Henry Myers, 1843-1901] que contem um relato do desenvolvimento gradual de personalidade humana em personalidade cósmica, através de GERALDINE CUMMINS

"Pois foi minha sina interessar-me por um trabalho mais importante e mais bem-sucedido do que qualquer coisa que, na minha própria capacidade ou carácter me pudesse levar a esperar. Fiz parte do grupo central que esteve empenhado num grande empreendimento; o empreendimento de penetrar, por métodos científicos, no véu antigo como o mundo e jamais trespassado. O movimento que tomou forma em 1882, com a formação da Society for Psychical Research, foi auxiliado de facto por ajuda de outros quadrantes, mas no seu carácter essencial foi a conceção de uns quantos espíritos, e foi acompanhado ao longo dos primeiros perigos que atravessou, por um pequeno grupo de amigos íntimos. Com este empenho por apurar a verdade real sobre o destino do homem eu tenho estado desde o começo identificado e, por assim dizer, integrado. Edmund Gurney exerceu a tarefa com uma energia mais conscienciosa; os Sidgwicks com uma sabedoria mais altruísta; mas ninguém mais sem reservas do que eu apostou tudo nessa esperança distante e crescente."

Frederic Myers

ÍNDICE

Apêndices

PREFÁCIO

E. Beatrice Gibbes

"Indubitavelmente, a verdade ou falácia da teoria da sobrevivência da alma é, de longe, a questão mais formidável que a mente humana pode exercitar. Quanto mais pensamos nela, mais as demais questões parecem afundar na total insignificância, pois unicamente se a sobrevivência for verdadeira o Universo pode ser racionalizado, porque só assim e somente assim mesmo, poderemos enfrentar o problema do mal. Se a sobrevivência não for uma verdade, então a única filosofia possível será a do pessimismo, e o Regente do Universo não poderá ser ilibado da crueldade que haverá de deixar qualquer homem normal chocado."

Professor E.W. MacBride, F.R.S. (Psychic Science)

INTRODUÇÃO

Os ensaios que se seguem foram escritos de forma automática (de ligeiro transe) pela Srta. Geraldine Cummins da mesma maneira que os contidos no livro intitulado *‘The Road to*

Immortality' — 'O Caminho para a Imortalidade.' Eles pretendem ter sido comunicados pelo falecido Frederic Myers, um dos fundadores da Sociedade para Pesquisa Psíquica, e explicar a sua conceção de vida após a morte com maiores detalhes do que foi possível no volume anterior.

No livro mencionado também é apresentada uma série de casos comprovativos que parecem responder à questão do professor MacBride (p. 10) e oferecer uma prova convincente da sobrevivência da personalidade humana. Não pareceu, pois, necessário incluir no presente volume esses bem como outros casos comprovativos recebidos por meio da mediunidade da Srta. Cummins. Para tais evidências, os leitores deverão consultar o volume anterior assim como diversos artigos que apareceram no jornal *'Light'*, o *Journal of the Society for Psychical Research* e outros jornais psíquicos produzidos durante os últimos anos.

No prefácio que escreveu para o *'The Road to Immortality',* Sir Oliver Lodge descreve Miss Cummins como "uma escritora de transe diletante. . . uma amanuense dotada de um razoável nível de educação, caracterizada por uma pronta vontade de serviço dedicado e de honestidade clara." O presente volume foi-lhe enviado e numa carta a mim dirigida ele diz que não tem "nenhuma razão para duvidar da similitude que apresenta com as declarações de Myers, exceto talvez o que é dito sobre os seres solares e sobre as condições de vida nas estrelas. Na conclusão desta parte, o escritor lida com assuntos difíceis e não deve ser tomado como um guia infalível. No seu todo é interessante. . . acho que o capítulo intitulado 'Oração' é muito bom."

É interessante aqui citar um extrato de uma sessão que Miss Cummins concedeu a Sir Oliver Lodge. O comunicador anuncia-se como Frederic Myers, e Sir Oliver Lodge gentilmente consentiu na sua publicação neste volume.

[Extrato de sessão com Sir Oliver Lodge, 10 de Dezembro de 1933]

Frederic Myers — Cheguei à conclusão de que não existe um Mundo acabado do Absoluto; apague da sua mente essa conceção do pensamento Alemão e Indiano. Pois Deus é imaginação, é a iluminação ou *a luz* que está além da razão. Ele mantém e preserva o passado, e encerra a conceção ou imagem do futuro. Mas ele acrescenta a Si mesmo, o que perfaz uma questão importante.

Ora bem, a alma do homem é um enfoque finito ou centro de imaginação, em especial quando funciona nos níveis superiores, embora ainda associada ao corpo material. Essa alma manifesta vagamente um poder criativo que é semelhante e pertence à Grande Imaginação Cósmica.

Deus é muitos em Um, Um em Muitos. As almas e espíritos de todas as coisas vivas visam, em última análise, tornar-se um com o seu Criador. Assim, a Imaginação de Deus é alterada e enriquecida pela adição do processo do tempo. Atinge, última análise, uma perfeição num nível mais elevado. Schopenhauer, o defensor do inconsciente, parece-me estar errado. Pois Deus reflete, é intencional e cria com um êxtase para além da compreensão humana. . .

Estou muito satisfeito com a forma simples e explícita com que você desenvolveu a tese do éter no seu livro e nas suas discussões. Estou ciente de que os cientistas não apreciam essa sua opinião: mas os cientistas tornam-se muitas vezes cegos pelos próprios olhos.

O termo "éter" é termo pobre. Eu gostaria que pudéssemos encontrar termo mais sugestivo. Eu concordo consigo com respeito às suas propriedades. Gostaria de descobrir um termo do Grego que exprimisse a ideia do equivalente em Inglês "portador da vida." Descubramos um termo que transmita esse significado. Posso dizer que você está certo na conclusão a que chegou de que a mente não trabalha diretamente no cérebro. Existe um corpo etérico que é o elo entre a mente e as células do cérebro. Eu gostaria de explicar alguns aspetos a esse respeito. Estou ciente de que nestes últimos anos os cientistas têm falado de partículas corpusculares. Posso sugerir que partículas corpusculares de longe mais diminutas do que as já conhecidas se deslocam ao longo do encadeado de linhas do corpo etérico, ou duplo, até certas regiões do corpo e do cérebro. Essas partículas rodopiam com uma intensidade enorme. Eu poderia chamar-lhes elementos de vida.

As linhas de que falo estão ligadas às glândulas. Os médicos ficaram impressionados com as alterações no carácter provocadas por certas deficiências numa glândula em particular. Eles talvez venham a descobrir — com o tempo, quando descobrirem o corpo etérico — que essas deficiências são em parte causadas por algum enfraquecimento da linha que carrega a corrente da vida do corpo etérico para essas glândulas. Eu sei que estou a proferir uma heresia, mas quero que perceba que esse corpo invisível — que chamo de *duplo* ou mecanismo *unificador* — é o único canal através do qual a mente e a vida podem comunicar com a forma física. Se uma linha se romper entre os dois, instala-se imediatamente uma falha no controlo.

Oliver Lodge - Parece-me que o éter é subjacente a todo processo material, mas não há meios de chegarmos a ele.

Frederic Myers - Sim, o éter é o antepassado da matéria. Só serão capazes de chegar a ele através de considerável pesquisa, através da confeção, em suma, de um instrumento muito delicado que registe esse mistério e o torne inteligível à perceção do cientista. Vou discutir as possibilidades de tal trabalho com o Crookes; ele pode ter alguma sugestão a dar.

Oliver Lodge - Diz-se, de forma pragmática, que o éter não existe: tudo prossegue como se ele não existisse.

Frederic Myers - Eu entendo o que quer dizer. Na verdade, o éter faz a diferença. Afinal, eles sabem que é um meio para as mensagens. Acho que pode ser necessário, por exemplo, estudar o éter através da relação que tem com o corpo físico. Experimentos podem ser feitos com animais. Cada animal possui um corpo invisível unificador feito de éter modificado. Deverá ser possível conceber no devido tempo um instrumento pelo qual esse corpo possa ser percebido. Eu apenas lanço a sugestão. Não sou físico, mas sinto que poderá lançar uma luz sobre a sua tese principal se o éter for estudado com relação ao ser humano e esse mecanismo unificador de que tenho falado.

Oliver Lodge - Você acha que estou certo em defender a hipótese do éter? Tudo haveria de ser um caos se não existisse.

Frederic Myers - Está. Você não precisa recear que prova alguma seja obtida quanto à inexistência do éter. Eu profetizo que daqui a dez anos o éter se tornará uma realidade para os homens que pensam. Depois que você se juntar a mim aqui, Lodge, eles irão descobrir indícios da sua existência. Eles vão chegar a ele em parte pela experiência com um instrumento muito bom, assim como com a ajuda da química. O éter, conforme eu o vejo, é a própria matéria e o material da nossa existência aqui. Tem uma permanência que o torna mais difícil e evasivo para aqueles que vivem na matéria impermanente.

Seria possível você encorajar a iniciação de experimentos em relação com os animais? Que os animais não sejam estudados meramente como um mecanismo físico. Fazer valer na questão as melhores chapas fotográficas. Mas não esqueça a ideia de um instrumento por meio do qual o olho possa perceber o duplo, o corpo invisível do animal. Posso encaminhá-lo para algumas observações minhas sobre o corpo etérico que fiz a esta senhora na última ocasião?..."

O leitor de *'O Caminho para a Imortalidade'* lembrar-se-á do relato que Frederic Myers fez sobre o mundo da Ilusão — a memória ou mundo dos sonhos, para o qual passamos por altura da morte, assim como os comentários que fez sobre o quarto plano ou mundo de Eidos, que o sucede. No presente volume ele amplia o nosso conhecimento desses estados e, passando para o Quinto plano — o do mundo da Chama (iridescente) ou mundo de Hélios retrata uma notável imagem da existência que nos espera num futuro distante, em que nos tornarmos seres estelares.

Os ensaios que se seguem foram escritos na sua maior parte em 1933 e 1934 e poderá interessar os nossos leitores saber que Myers se viu, a princípio, impedido pela ignorância de certos termos técnicos, por parte da "automatista." Miss Cummins nunca se interessou pelas estrelas. Ele pediu-lhe, pois, que lesse, numa enciclopédia, alguns detalhes sobre astronomia antes de prosseguir — coisa que ela fez. Não foi feito nenhum estudo sobre a matéria indicada — os detalhes foram meramente lidos. Se for feita uma comparação entre a Enciclopédia Harmsworth's e a Parte 2 deste volume, veremos que apresenta muito pouco similitude. O que o comunicador exigia era apenas a terminologia sem a qual ele seria incapaz de desenvolver a descrição que faz do homem solar. Note-se que o suposto comunicador diz que "na sua existência pós-vida procurou conhecimento planetário — e que ele deriva parte da sua informação "de outros viajantes que foram mais longe no caminho."

Embora alguns dos pontos de vista aqui apresentados pareçam controversos e possam não merecer a aprovação unânime da senhorita Cummins eu acho que isso possa aumentar em vez de diminuir o interesse geral. É possível que uma objeção possa ser apresentada com respeito à Parte 2 de que as previsões de vida tão distantes possam não apresentar qualquer interesse particular para o homem de hoje. Apesar disso, esta parte do livro foi incluída, assim como a sugestão de que existem outros tipos de vida inteligente sobre as estrelas que, sem dúvida, atrairá àquela parte do público para quem o nosso misterioso universo constitui um enigma fascinante.

O pequeno ensaio intitulado "A Finalidade," foi escrito em resposta a uma pergunta feita por um estudioso que estava profundamente interessado nessa seção do livro. "Os nossos principais astrónomos," disse ele, "afirmam que o universo deve terminar em X milhões de anos com base na segunda lei da Termodinâmica — e que o sol e as estrelas se esgotam a si próprios com a

radiação. Será isso provável?" Essa foi a pergunta que coloquei ao suposto comunicador logo depois que ele começou a escrever a Parte 2. Ele respondeu que ia incorporar a resposta que ia dar nos ensaios que estava a escrever. Quando estavam quase concluídos, ele repentinamente referiu aquela pergunta e pediu que lhe fosse relida. À época, tínhamo-la esquecido. Ele então conduziu à resposta que termina esta parte do livro.

O leitor precisará perceber que, para um ser desencarnado, as dificuldades de escrever sobre tal tema como os mundos Chama devem ser enormes. Não há palavras adequadas nas línguas de terra que possivelmente pudessem ser encontradas para descrever as condições que, alegadamente prevalecem nesse estado de existência.

Este livro é completo em si mesmo, mas subsistem algumas pequenas alusões e repetições de 'O Caminho para a Imortalidade.' Isso é inevitável e necessário quando se trata de novos leitores. Devido ao facto de alguns leitores do referido livro terem manifestado o desejo de que a linguagem usada por Frederic Myers fosse um pouco mais simples, algumas revisões foram feitas ao texto a fim de esclarecer o significado.

Se o leitor aceitar a hipótese de "comunicação espiritual" deve considerá-la em certa medida como uma colaboração entre os vivos e os chamados mortos. Mas do estilo do escritor, do tempo em que ele viveu na terra, não se pode esperar que seja idêntico ao de comunicações que pretendem vir dele, quando ele está 'morto' há cerca de trinta e cinco anos. As dificuldades de transmissão são consideráveis e as experiências que fez durante esse período celestial são bastante susceptíveis de ter alterado a perspectiva que tinha e, possivelmente, até certo ponto, o seu carácter.

Parece igualmente que a automatista reconstrói as ideias e impressões recebidas pelo seu cérebro da parte do comunicador, e assim os ensaios neste volume devem necessariamente ser restringidos pelo vocabulário e cultura que a médium possua, médium essa que foi descrita pelo suposto Myers como uma "intérprete."

Conform no caso do volume anterior, o título do livro foi sugerido pelo suposto comunicador. Em vista da sua conhecida obra intitulada *'Human Personality and its Survival of Bodily Death,* ('*A Personalidade Humana e a sua Sobrevivência à Morte Corporal,'*) essa seleção parece ser característica de Myers. Para mais detalhes sobre a redação dos ensaios que se seguem, os leitores são encaminhados para o introdução e resumo que constam no *'The Road to Immortality'.*

Abril de 1935
E. Beatrice Gibbes.

PARTE I
A VIDA IMEDIATA APÓS A MORTE

Capítulo I
ESTA ERA MESQUINHA E INSIGNIFICANTE
(A MÁQUINA DO ESTADO)

O ideal Grego de saúde mental e corporal, a reverência que os Gregos tinham pela beleza e pela força precisa surgir de novo. Eu percebo a terra agora como que do cimo de uma montanha. Percebo as multidões fervilhantes, que não dedicam nenhuma reflexão real ou

efetiva ao futuro da geração vindoura. Vocês podem argumentar que as condições são perfeitas se comparadas com aquelas predominantes na era Vitoriana. É verdade que há graus de escuridão em todas as noites. O mundo aproxima-se um pouco mais do alvorecer e surge uma palidez tênue a leste. Talvez seja o presságio de um esplêndido nascer do sol de nuvens cor-de-rosa, da vinda de um grande orbe amarelo, que, com os seus raios vivificantes, ainda venha a deslumbrar e encantar a humanidade; ou talvez essa palidez fantasmagórica sugira a depressão esquálida de um sol aprisionado e enevoado; ou, mais terrível ainda, talvez sugira um dia de uma tempestade furiosa, coberto de nuvens cinzentas sobre o céu de oeste a leste, com o som do vento feroz, a abater-se sobre as colinas e cavidades e a fustigá-las, e aos amplos e tremendos espaços da terra.

A nenhum homem é permitido conhecer em pleno o segredo o porvir. Mas nós almas que residimos no pós-vida; nós, que vivemos em corpos resplandecentes de uma intensidade vivificada e com um deleite fogoso no primeiro mundo celeste chamado Eidos, vemos vagamente a tendência do pensamento do homem e, consequentemente pressagiamos o seu esforço nos tempos que se avizinham. É na ideia e nas fantasias das crianças que o futuro está a ser imaginado. Criado antes de ser lançado na fornalha do oleiro para ser endurecido no molde da idade, assume a escultura indestrutível da história e, uma vez mais, uma *era* chamada "o presente" passa, para ser registada no tempo de Deus, ou Eternidade.

Peço aos homens e mulheres da vossa geração que, mesmo agora, na pessoa dos seus filhos, estão a esculpir e modelar o amanhã, tenham em mente o velho sonho dos Gregos, recordem o seu ideal — o ideal da mente sã em corpo são, que recordem a devoção que tinham pela beleza e vigor.

Não é com espírito de sofisma nem de destruição que peço aos homens e mulheres desta era que considerem o ser humano aparte das máquinas, que considerem a vida aparte do ouro. No inquieto tinir dessas engrenagens e rodas monstruosas que agora giram sem parar e carregam a vossa chamada civilização sobre si, há pouco tempo livre para o sossego, para a calma ou a filosofia meditativa da qual brota o conhecimento; e que destino sombrio não poderá aguardar os filhos do amanhã se eles também se deixarem apanhar nas garras dessa criatura sem alma, que é conhecida na vossa era do aço como "a máquina" — essa última e corporificação final do deus do materialismo.

Cristo, o Filho do Pai, desceu à terra e fez-se carne e, ao fazê-lo, trouxe consigo junto dos homens, a beleza que não é deste mundo. No século XX, a Máquina, o filho do Bezerro de Ouro, o produto de todo materialismo, desceu à terra e assumiu corpo e substância. Nestes tempos finais, o seu credo é praticado por todos os cantos do globo. Homens veneram apaixonadamente, febrilmente o seu santuário.

Em muitas e diversas secções, esses seres humanos semelhantes a formigas são divididos, e essas secções são chamadas "nações" e cada nação é batizada com outro nome para a máquina que se torna rapidamente Estado isolado. Num país altamente civilizado, o Estado hoje

funciona com a suavidade automática de qualquer motor que move os teares em Lancashire: que dá força aos moinhos - às vastas empresas industriais que suprem as necessidades da vida fervilhante da terra. O Estado precisa necessariamente controlar essa multidão com algo da falta de alma da máquina, senão a sua população pode diminuir em número, e pode tornar-se vítima de febre e carência.

Mas, por o Estado possuir agora o carácter de um mecanismo muito delicado, correm sério perigo do mecanismo se deitar a perder com o homem. A nação pode despencar numa guerra, ou pode, de maneira mais lenta, produzir e propagar a miséria pelo incremento dos seus milhões de seres humanos e, sobretudo, pelo incremento dos ineficazes, dos fracos, dos degenerados e dos loucos. O propósito cego deste deus da Matéria — a Máquina de Estado — parece assentar sempre na quantidade e não na qualidade, sempre no seu objetivo da automática multiplicação de números e, por conseguinte, na multiplicação do sofrimento.

À exceção da sincera minoria que pensa, os homens ainda não são capazes de compreender nem captar as implicações que as palavras de Cristo encerram. Mas podem compreender vagamente o sonho Grego, mas agirão com sabedoria e bem se voltarem as páginas da história e estudarem o velho mundo Grego e, eliminando o primitivo elementos dessa aventura Helênica, levarem a sério, em prol dos seus filhos, a lição da mente e do corpo sãos, de reverência pela beleza e pelo vigor.

Esses preceitos representam, pelo menos, valores humanos. Sugerem à alma uma conceção da forma idealizada: declaram uma reverência pela beleza da vida que se acha tão tristemente ausente do pensamento febril dos homens no poder que controlam ou quando são controlados pelas engrenagens e os carretos do Estado. Além disso, essa visão Grega reflete vagamente a existência naquele mundo além da morte que chamei de "Eidos." Transmite, de uma forma vaga, o espírito desse esplêndido mundo, onde o corpo subtil, em perfeição radiante, expressa a forma na sua perfeição e intensidade máxima, onde o simples ato de viver pode ser acompanhado por uma exultação que transcende o êxtase sublime do maior artista terreno.

Se homens e mulheres desviarem os olhos da máquina, se incutirem nos seus filhos a ideia de que esta Máquina do Estado e todas as outras máquinas menores que tem sob controlo, são tão perigosas quanto eram os animais selvagens para o homem primitivo, então haverá esperança para o futuro da raça, então haverá uma formação e o cunho de uma imagem de paz para o amanhã. Se, do mesmo modo, eles se lembrarem de que o discernimento é prejudicado quando a máquina enfrenta a máquina, e que a guerra económica empobrece, e as guerras de agressão devastam a terra; (se tiverem em mente) que nem a beleza nem a saúde poderão sobreviver e florescer quando nação destrói nação e máquina destrói máquina, então o espírito de revolta contra esse automatismo monstruoso despertar-lhes-á no coração. Cada vez mais dirige e governa os destinos dos homens, destronando a alma, a carinhosa compreensão do homem inteligente e médio.

Uma vez despertado o desprezo e o espírito de irreverência, o deus ficará em perigo, o povo deixará de o invocar, os seus oráculos deixarão de ser escutados. O carvalho de Dodona,* com o tempo, é derrubado e lançado no fogo. Esse deus, o Estado, ou Super-máquina, terá assim que ser removido dos sonhos e do coração dos homens. E, em seu lugar, deve ser colocada a visão Grega, que, embora hedonista, possui uma sanidade salutar e encerra em si um respeito pelo templo do corpo, e que acabará por levar o homem a lembrar-se que ele é essencialmente um espírito. E assim ele será, a partir dessa matéria, conduzido finalmente a uma compreensão das Palavras de Imortalidade e então ele compreenderá o significado do Sermão da Montanha.

*"Dodona, no Épiro, a sede do mais antigo e venerável de todos os santuários Helenos. . . O seu templo era dedicado a Zeus e associado a ele havia um oráculo que parecia datar de tempos antigos; pois o método de coletar respostas passava pelo ouvir o farfalhar de um velho carvalho; talvez um resquício de muito antiga veneração das árvores." Enciclopédia Britânica.
Beatrice Gibbes

O homem, cada qual separadamente e em particular no seu lar, porventura, terá que chegar ao conhecimento de que o mundo de hoje precisa vislumbrar o ideal da qualidade em vez do da quantidade; o (ideal do) desenvolvimento e criação de uma civilização que represente a fina flor da geração vigente, que não permita mais a reprodução da fealdade, do sofrimento, o nascimento de corpos deformados; que não permita que seres humanos debilitados e enfermos entrem num mundo* que pode ser - caso o homem domine o seu presente 'deus' - um paraíso tão adorável quanto qualquer outro sonhado por vidente, poeta ou inspirado e filósofo iluminado.

*(Nota do Tradutor: Esta passagem poderá incorrer na interpretação precipitada da defesa da Eugenia, mas tal não é necessariamente o caso. O que dá a entender é justamente o facto de esta resultar da capitulação do homem ante a Máquina do Estado.)

Não defendo a destruição da máquina. Apenas peço que o seu verdadeiro carácter seja reconhecido. Um mecanismo sem alma deve ser o servo, não o mestre do ser humano que pensa. O homem precisa aprender a controlar e a examinar os poderes mecânicos que agora lhe influenciam de forma tão grave a vida e a mentalidade, e a bem da sua evolução espiritual ele será devidamente aconselhado se procurar, nas aventuras da mente e no exercício sadio do corpo e dos sentidos, os prazeres e a instrução que ele agora obtém do exército de máquinas que uma suposta civilização lhe forneceu de forma tão abundante.

Capítulo II
O HISTÓRICO DA CONSCIÊNCIA

A história da Consciência pode ser dividida em seis etapas, isto é, se optarmos por usar a avaliação como um termo que sugira o seu carácter.

(1) A limitação da consciência através da existência num mundo material.

(2) A expansão da consciência através da existência num mundo meta-etéreo (ou seja, o estado de vida imediato da alma após a morte).

(3) Uma crescente expansão. Consciência conforme existe no Quarto plano, o mundo de Eidos: o estado de existência em que a alma conhece a perfeição da forma, a sua sublimação por assim dizer.

(4) A limitação cósmica da consciência. A alma está mais uma vez confinada num corpo que existe no universo visível, ou seja, o viajante na eternidade desprende-se da comunhão íntima com o seu Grupo, assume um *corpo Chama* e vivencia a encarnação.

(5) A expansão cósmica da consciência. O viajante completou as suas experiências estelares. Ele retorna à alma-grupo e então, uma vez na comunhão com ela,* obtém e mantém dentro da sua consciência, conhecimento de todo o universo visível. Ele pode ainda retirar-se e ser o viajante, um ser desencarnado; e pode igualmente ser o ser cósmico; por outras palavras, pode perceber todas as experiências da sua alma-grupo e por meio dela conceber o universo.

(6) Expansão infinita da consciência. O viajante na eternidade torna-se um com o seu Criador. Ele comporta os universos na sua consciência. Ele é Deus e ainda assim ele é um dos Muitos em Um.

"Conquanto percebamos que a palavra "psique" constitui nome feminino no Grego, para fins de esclarecimento, sempre que referida, o pronome impessoal é sempre usado. Note-se que o Frederic Myers observa que a alma não é nem masculina nem feminina." Beatrice Gibbes

Capítulo III

A VIDA IMEDIATA APÓS A MORTE

"Nós somos o material de que são feitos os sonhos." Na verdade, somos a matéria da imaginação. Necessário é, contudo, descartar o significado limitado do termo, o significado que o dicionário lhe atribuiu. "A faculdade que a mente tem de criar imagens idealizadas de coisas comunicadas pelos sentidos," é de facto uma definição irrisória do poder criativo que, no ser humano altamente evoluído, pode responder pela glória, não apenas da vida terrena, mas é capaz de imaginar a eternidade numa frase.

Durante a sua existência no plano físico a imaginação do homem é alimentada pelos sentidos, estimulada pela sua alma-grupo;* o Eu Superior do qual ele é um ramo ou rebento. É igualmente iluminada, em certas ocasiões, pelo seu espírito — um termo que defini anteriormente como "A Luz de Cima."*

**Ver 'O Caminho para a Imortalidade.' Todas as alusões similares reportam-se à mesma obra. Beatrice Gibbes*

Precisam ter em mente que não somos pequenas histórias nas páginas da terra; somos um seriado, e cada capítulo termina com a morte. No entanto, o novo capítulo desenvolve-se a partir daqueles que o antecederam, e retomando os fios, damos continuidade a uma narrativa que sempre é dotada de desígnio e propósito, embora esse propósito possa estar oculto devido a que, por via de regra, aos seres humanos ser apenas permitido estudar uma vida, um período da sua história de cada vez.

Esses capítulos anteriores podem emprestar cor e animação a esse período, ou obscurecê-lo com matizes sinistros e lívidos, provocar estranhos acontecimentos que envolvam o homem em circunstâncias desfavoráveis e desastrosas. O seu organismo físico, aparte as influências hereditárias, é uma criação da memória, mas uma memória de um passado que agora jaz sepultado, porém, inteiramente intacto, no seu *eu* mais vasto ou *superior*. Entretanto, a imaginação, que governa e legisla a nossa existência, possui, nas suas diversas porções, uma liberdade legada por Deus, e assim, devido ao carácter limitado que possui quando consagrada no homem, cria tanto o mal como o bem e destrói o belo, busca a fealdade, cria infortúnio e pesar aos demais.

Deus, o Poder Criativo, o Poder Cósmico, permite as crueldades inventadas pela imaginação humana por somente através de tais excessos a alma do homem poder evoluir e desenvolver-se, abrindo-se para a consciência maior através da experiência amarga do mal no nível terreno.

Na vida após a morte ele entra num estágio intermediário e, nesse período, a sua alma é um espectador e percebe, a intervalos, os episódios da existência passada. Ele sonha; Por vezes o sonho é um pesadelo, outras vezes encerra muita coisa bela e sã. As memórias do mal deverão ser consideráveis se essas visões do Hades se tornarem de carácter extremamente angustiante. Pois, na realidade, a imaginação na sua totalidade permanece em estado ensonado durante esse período de existência percetiva.

Já descrevi o descarte do 'envoltório' e o desenvolvimento do corpo e da alma que ocorre nesse ponto particular da jornada. Um homem entra na vida contínua pós-vida envolto numa forma nova. Passa do Hades àquele estado de consciência em que toma consciência do mundo da Ilusão.* Pode mais apropriadamente ser chamado de "O Mundo da Imaginação Finita," pois é um mundo ainda influenciado em grande parte pelo nível de consciência terreno.

**O comunicador, (Myers), refere-se ao mundo imediato após a morte através do emprego de diversos termos: "O Mundo da Ilusão" - "O Mundo da Imaginação Finita" - "O Terceiro Plano" - "O*

Paraíso Flor-de-Lótus" - "O Mundo-Ilusório" - "O Estado da Memória Subconsciente" - "O Terceiro Nível da Consciência" - "A Esfera da Imaginação Terrena" - "A Terra da Ausência de Esforço" - "O Mundo da Realidade Finita."
Beatrice Gibbes

Das memórias da terra a alma cria o seu ambiente, constrói, por meio da sua imaginação, o sonho especial, o objetivo primordial dos seus apetites ou desejos durante esse estado de Ilusão. Bem, veremos que a imaginação desempenha um papel importante nas conceções que faz do paraíso. Se tiver sido pervertida pelos atos e pensamentos que entreteve na condição humana, a sua imaginação pode criar-lhe ambientes sinistros, ou porventura, reacender as velhas chamas do ódio até que queimem novamente e continuem a arder até que a sua loucura se torne aparente e assim, com o tempo, ele se canse da mesmice, da monotonia desse tipo particular de experiência. O amor, por outro lado, atrairá sobre a alma as condições necessárias à sua realização. E neste mundo além da morte, cenários muito belos poderão ser construídos pela imaginação daqueles que amam verdadeiramente. Estes últimos não são, entretanto, tão numerosos quanto comummente se acredita. Se houver qualquer sujidade ou mácula, qualquer fraqueza no seu amor, a imagem que eles terão criado como contexto ou pano de fundo será de alguma forma falha e, embora possibilite satisfação temporária, ficará muito aquém do ideal do aspirante ao Céu.

O MUNDO META-ETÉREO OU ESPIRITUAL

"Jamais existiu ou virá a existir alguém que tenha um conhecimento absoluto dos deuses.
Mesmo que ele profira toda a verdade, ele próprio não terá conhecimento dela. Mas todos poderão ter a sua fantasia." Eu gostaria de refazer as observações disciplinadoras de Xenofonte com a ressalva de que as minhas palavras não se aplicam àqueles espíritos que passaram para o Além e se tornaram um com a Imaginação Criativa. Jamais existiu ou virá a existir um ser encarnado ou desencarnado que possua um conhecimento absoluto e seguro do reino das "Coisas Divinas." Pois, mesmo que ele fosse capaz de expressar toda a verdade, ele não conseguiria enunciá-la, por não existir linguagem criada pelas mentes finitas que possa transmitir uma conceção clara e completa de Deus e da vida universal.

Um ser desencarnado ou encarnado pode, de forma fragmentária, revelar algum aspeto da Verdade Completa, mas cada interpretação do Mistério de Deus e da Criação é tingida pelos preconceitos naturais e instintivos do seu pensamento. Assim, o que era uma visão torna-se numa multiplicidade de visões todas diferentes umas das outras em algum particular. O ser desencarnado que tentar transmitir as próprias ideias e conclusões sobre o mundo espiritual através do mecanismo físico de outro ser humano, é dificultado de forma considerável. A possibilidade de tal comunicação ainda não é universalmente admitida e além do mais ele precisa dar um desconto à fadiga física, à mentalidade e à quantidade limitada de tempo que o ou a médium possa colocar à sua disposição.

Descrevi o mundo espiritual como consistindo em sete planos, sete estágios na viagem da alma. Deveria, porventura, ter designado esses planos como "sete níveis de consciência," mas o

termo "plano" é dotado de carácter popular, pelo que o escolhi deliberadamente para transmitir a minha conceção de eternidade. Pode-se dizer que não existe *localidade* na eternidade. No entanto, a consciência parecerá — à alma que percorre a eternidade — existir numa região ou lugar. Seguramente, essa conceção rege o estado inferior ou estados menos desenvolvidos.

A tal ser há de parecer que a volubilidade das circunstâncias influencie principalmente as condições em que ele existe. Ele acha, intuitivamente, que é um joguete de forças poderosas e assim apega-se ao senso que tem de localidade, mal percebendo que o seu entorno é ilusório e em grande parte criação da sua alma e *eu* subliminar — uma expressão do seu próprio nível de consciência, das suas aspirações e desejos. Se, no entanto, desejarmos estudar mais de perto o verdadeiro princípio ou lei que governa o mundo meta-etérico, seria bom que eliminássemos do pensamento toda a ideia preconcebida sobre *localidade* ou *espaço*, e, em vez disso, contemplássemos a ideia de movimento, de variação de velocidade, que assim entenderemos mais prontamente o mistério do espaço.

Quando eu estive na terra, homens e mulheres incultos frequentemente afirmavam que era impossível ao ser humano sobreviver à morte por o espaço não poder conter o inúmero exército de mortos. Esse argumento rude nunca foi apresentado por nenhum dos homens inteligentes detentores de conhecimento astronómico, por mais tênue e, consequentemente, vaga que seja a consciência que tenha da vastidão do espaço. Mas, além da visão astronómica humana do universo, toda a conceção de eternidade é falha quando se baseia meramente na perceção que temos de entornos materiais. Precisa ser fundada, como eu disse, na ideia de movimento. O ser desencarnado é invisível ao olho humano por o corpo etérico ou veículo de expressão vibrar a uma taxa mais veloz do que o corpo físico. Quando a alma passa para níveis mais elevados de consciência, a sua forma, ou expressão externa de si própria, torna-se mais e mais etérea. Ou seja, vibra com maior rapidez e numa intensidade muito maior.

Inúmeros seres desencarnados vibram ao vosso redor e no vosso seio, contudo eles não lhes pertencem, e em nenhum sentido respondem pelo que se poderia descrever como "contacto" com a vossa mente ou o vosso corpo físico. Quando buscamos comunicar com os homens passamos para um nível diferente de consciência e só o podemos fazer retardando os nossos processos de pensamento. Não é, para mim, de forma alguma angustiante fazê-lo, porquanto se me for permitido comparar a experiência com ideias terrenas, eu descrevê-la-ia como uma passagem da vida ativa para um mundo de uma quietude e sonolência que se assemelha, nas suas qualidades anestesiantes, ao meio-dia de um dia de verão Inglês em que o sol brilha e o ar se revela pesado e com ameaça de chuva.

Assim, os seres humanos não precisam recear vir a entrar em algum distrito congestionado de habitações, qualquer grande metrópole “Londrina” quando se descartam dos seus corpos mortais, quando o cordão da vida é cortado. Eles irão — se a consciência que tiverem for de carácter mediana — entrar numa liberdade mais vasta e encontrar as ideias que têm do espaço alteradas e ampliadas. Com o tempo, irão reconhecer que o movimento ou taxa de vibração, e

esse nível de consciência, são os princípios que governam as suas perceções da existência tanto parcialmente como num todo.

A morte significa apenas a passagem de uma velocidade para outra, o ajuste da alma a uma vibração mais intensa, para um estado de manifestação mais animado e mais veloz.
Quando falei de almas que permanecem em regiões Celestes, não pretendia transmitir ideia de localidade nenhuma. Desejava expressar uma menor rapidez de vibração com o termo *Celeste*, menor quando adotada em conjunto com os níveis superiores da consciência. O provérbio Japonês "Analise primeiro a pessoa e então depois pregue a lei" encerra uma profunda verdade. É preciso analisar cuidadosamente a estrutura do indivíduo quando se discute o mistério da vida eterna.

Sugeri a existência de sete níveis de consciência. Designei-os da seguinte forma:

(1) O Plano da Terra.
(2) O Plano Intermédio (Hades).
(3) O Plano da Ilusão (O Mundo Imediato subsequente à Morte).
(4) O Plano da Cor (O Mundo de Eidos).
(5) O Plano da Chama (O Mundo de Hélios).
(6) O Plano de Luz.
(7) O Além, ou Ausência de Tempo.

Em grande medida, residimos em cada um desses estados ou mundos durante o tempo em que estivermos apegados às aparências que constituem esse mundo, porém, gostaria de enfatizar o facto de que, nos planos superiores escapamos à forma e à aparência. Podemos viver numa ideia generalizada *(contorno, ou esboço)*. Podemos expressar-nos através da cor ou da luz, cor e luz essas que não podem ser percebidas pelos fracos sentidos do homem. No entanto, insisto em que nenhuma regra fixa deverá ser aplicada à nossa permanência em cada mundo ou estado.

O homem é um ser dual e identifica-se com os aspetos subjetivos e objetivos da sua natureza. Certos seres humanos raros podem passar para o que é chamado de estado subjetivo e entrar em outros mundos pelo poder do Espírito. São Paulo, por exemplo, escreveu sobre a visita que fez ao Terceiro Céu, mas não quis falar das experiências que fez nesse nível elevado para qualquer homem. Além disso, outros, enquanto viviam nos seus corpos físicos, visitaram o que os Gregos chamavam de "O Reino dos Mortos," e passaram para estados superiores e residiram por um breve período de tempo no mundo de Eidos, ou entraram nas condições do mundo solar que simbolizei com o termo *"Flama."* Nenhum ser humano, porém, poderá permanecer separado por muito tempo do corpo físico, por precisar completar a sua vida terrena, conquistar o tanto de experiência que lhe foi atribuído conquistar no plano da Matéria.

A LUZ NO TERCEIRO PLANO

A luz que ilumina o mundo das almas que partiram no Terceiro plano, ou mundo de Ilusão, não é a luz do sol. É verdade que quando comunicam com os seres humanos, certos Espíritos afirmam que o seu mundo gira em torno do sol e recebe os seus raios. Mas eles estão equivocados nessa crença. Pois esta nossa vida etérica é nutrida por raios cósmicos que iluminam de forma esplêndida o reino que criamos — o Paraíso da Flor de Lótus que brotou da nossa força imaginativa, do nosso poder espiritual. Esses raios cósmicos mudam de carácter de acordo com o ritmo do nosso tempo. Mas eles mudam para nós por a mente determinar essa mudança. Aqui, a mente dá evidência de ser a mola mestra da nossa vida diária de forma muito mais clara do que quando funciona na Terra.

As próprias ilusões humanas que certos homens e mulheres carregam com eles ao sair do mundo levam-nos realmente, durante um tempo, a perceber os raios cósmicos conforme perceberam o sol na terra. É tão difícil livrar-se dos hábitos mentais que, nesse período percebem — por esperarem perceber! — um sol, lua, estrelas e outros ambientes familiares. São igualmente capazes de se persuadirem de que continuam a comer e a beber, embora isso seja um ato puro da imaginação e seja, pois, diferente em todos os sentidos da ingestão de alimentos para o sustento dos nossos corpos. Consequentemente, por esse hábito mental ter continuidade, ele compele-os a seguir uma existência objetiva no que parece uma terra mais bela e mais vasta do que aquela de onde eles emergiram.

Mas se reduzirmos a sua condição a termos terrestres precisos, diríamos que eles existiram no éter e foram sensíveis aos raios cósmicos, e foram nutridos por eles. Essas emanações do universo, esses fluxos de luz, possuem uma dupla função. Elas tornam os objetos e ambientes percetíveis aos recém-falecidos e, ao mesmo tempo, sustentam e promovem — por alguma forma que eu não entendo — a vida deste éter omnipresente e, assim, a vida dos corpos etéricos de todas as criaturas dotadas de psique que passaram da terra.

Os nossos corpos etéricos dependem, para a sua nutrição, desses raios cósmicos, e períodos há estabelecidos à parte para a recarga da vida do ser etérico. Tais períodos têm alguma analogia com o sono e o cerrar das persianas da mente, o retiro do contacto com outras mentes quando o ser desencarnado no Terceiro plano deseja reabastecer a sua natureza para poder funcionar numa maior consciência e com renovação da alma. Enquanto neste estado passivo e retraído, a alma alcança o seu espírito e a sua mente renova-se, e recebe um estímulo necessário e essencial.

Na vida imediata após a morte, a alma depende, pois, nas suas necessidades essenciais, da luz interna e externa. Do mesmo modo o homem depende, nas suas necessidades, dos raios do sol e da luz do seu espírito que o inspira e sustenta durante a sua jornada terrena.

Nas zonas inferiores do mundo-ilusório, a pretensão de comer e beber pode ser mantida como parte da estrutura de cada sonho. Mas neste caso a desejada refeição surge através do ato que o homem tem de desejar. O gastrónomo experimentará os antigos prazeres se tal for a fantasia que criar. O asceta experimentará o deleite da privação em que, de acordo com a prática, subsiste a pão e água. Mas quando o gastrónomo aborrece a monotonia dos alimentos

raros tão facilmente obtidos, ele começa a desejar uma novidade; a sua imaginação é despertada e ele toma consciência do facto de o seu corpo etérico assimilar a luz automaticamente se precisar nutrir-se.

Estas observações que faço acerca da comida e da luz aplicam-se às condições de existência no estado imediato de vida, além das condições da morte — condições essas que podem prevalecer para o viajante na eternidade durante um prolongado período de tempo (em termos terrenos). Trata-se, pois, de um nível de consciência que, para o ser humano médio, deverá sempre encerrar um interesse muito profundo e constituir questão de afeto maior do que qualquer estado ou mundo mais elevado. Por essa razão, é necessário que eu realce uma vez mais a parte importante que a memória subconsciente da nossa vida terrena passada e da nossa faculdade criativa desempenham na edificação de uma nova vida, uma história nova que, contudo, durante um tempo, comporta naturalmente uma semelhança com o passado do qual brotou.

Por exemplo, acostumámo-nos a usar trajes pertencentes ao período específico em que vivemos. As imagens deles ficam profundamente marcadas na nossa memória subconsciente. Assim, o primeiro instinto que atua é no sentido de aparecermos aos que amamos conforme tivermos sido na terra. Embora inconsciente do ato imaginativo, a nossa mente modela a partir deste éter incrivelmente plástico cada fio, cada polegada das vestes que usávamos habitualmente durante a nossa vida terrena. Naturalmente que, passado um tempo, chegamos a perceber a mudança que sofremos e, conscientes por fim dos poderes criativos da imaginação, concebemos vestes esquisitas e encantadoras para os nossos corpos etéricos. Mas como essas fantasias são em grande parte extraídos da memória subconsciente, também são limitados por ela no carácter e no tipo.

Devido à natureza da personalidade humana, nós buscamos naturalmente aqueles poucos por quem nos sentimos atraídos naquele período passado, que a morte separou de nós, mas que de forma alguma obliterou do nosso pensamento. Por conseguinte, na criação do nosso entorno, das nossas vestes, das nossas habitações e das nossas ocupações, dependemos até certo ponto desses nossos camaradas e trabalhamos juntos em pequenas comunidades na construção dos nossos pequenos mundos, expressamos os múltiplos desejos humanos insatisfeitos de uma maneira que se mostre finalmente adequada e suficiente às nossas necessidades. Descrevo neste caso, é claro, o destino do ser humano médio, após a passagem das portas da morte.

O TEMPO NO TERCEIRO PLANO

Cada comunidade da alma-grupo vive no seu próprio espaço e tempo. Quando o viajante se cansa do seu pequeno mundo e deseja progredir, ele desenvolve uma maior consciência e torna-se capaz de visitar as comunidades que pertencem ao seu Grupo e que estão, por isso, ligadas a ele através de um espírito. Ele pode dar por si novamente no século dezoito, dezassete ou

mesmo dezasseis. Muito depende do tempo que os seus camaradas permanecem neste mundo ilusório ou estado de memória subconsciente.

Nenhum limite arbitrário pode ser atribuído aos períodos a que essas almas pertencem. Frequentemente, porém, eles só retrocedem duzentos ou trezentos anos e então o viajante não conseguirá encontrar nenhum retrato de vida social anterior ao século dezasseis. Mas em breve percebe que o seu Grupo não se limita a uma nação. Ele pode visitar uma povoação de Chineses, Indianos, Gregos, Italianos muitas vezes diversas raças assim reunidas ao redor do esplendor do mesmo *espírito*. É verdade, porém, que, por vezes, o peregrino encontra apenas uma raça quando faz essas estranhas viagens ao passado. Talvez ele encontre a vida da era Vitoriana conforme era conhecida na Londres nos anos oitenta *(século 19)*, ou as condições sociais que prevaleciam no Devonshire durante as guerras Napoleónicas, ou a vida camponesa dos arrendatários das Terras Altas *(Escócia)* durante o século dezassete.

Mas todos têm uma característica em comum, todas são sublimadas: ou seja, o sofrimento, a lida e a tristeza acham-se ausentes de toda fantasia. Homens, mulheres e crianças deliciam-se com a satisfação das ilusões terrenas que, pelos processos imaginativos, são satisfatoriamente saciadas. A ausência de dificuldade e esforço de tais vidas confere-lhes uma qualidade de sonho. Em muitos casos, tal condição sugere, no seu aspeto, o carácter pacífico de um dia tranquilo de verão. Poder-se-á dizer que esse seja particularmente o caso quando o sonho se está a desvanecer. Eventualmente, o desejo coletivo de progressão destroça essa vida comunitária. As unidades que a sustentam buscam ou o caminho de volta à terra, ou optam pelo caminho mais difícil que leva ao Eidos - o quarto nível de consciência.

A QUARTA DIMENSÃO

Percebo que, através da análise do tempo, os vossos cientistas terrenos estão a começar a descobrir provas da imortalidade da alma. Por isso, gostaria de explicar aos meus leitores qual é a visão que tenho da chamada Quarta Dimensão. A analogia que mais se aproxima desta condição de existência conforme atualmente vista pelos pensadores, encontrar-se-á nas zonas mais elevadas do mundo da Ilusão.

Todo ser humano tem a sua sombra; Todo evento e cena terrena tem uma sombra ou registo *(imagem)*. Antes que o viajante na eternidade se eleve ao Quarto nível de consciência, ele examina esta vida memorizada da terra. Vastos são os panoramas que se estendem diante da sua visão. As perceções sensíveis dele podem agora registar toda a beleza do período renascentista na Itália, todas as crueldades e brutalidades das guerras que devastaram a Europa durante os tempos medievais. Ele entra no mundo Grego e pode ir em busca — se ele possuir tal pendor para a filosofia — de Sócrates, Platão, Plotino, todos retratados no âmbito dessa memória, e ainda a instruir os fervorosos jovens da sua época. Mas ele terá consciência imediata da diferente ordem desses objetos percebidos.

Eles são automáticos, desprovidos de vida no sentido de que nenhuma alma controla essas cenas que a princípio passam uma a uma diante da visão do observador. Não obstante, ao observar as imagens gravadas na Grande Memória, ele fica arrebatado, absorvido, cativo na emoção do espetáculo, na estranheza e no carácter surpreendente desse extenso drama. A sua própria natureza descarta as suas limitações; mente e sentimento são fertilizados, e crescem em intensidade e poder. O viajante que viaja de volta à Idade da Pedra e ainda mais atrás no tempo, à Idade do Gelo, pode de repente rodar em frente e notar o germe das coisas e eventos que ainda estão por ocorrer. Porquanto já na Imaginação de Deus se acha consagrada a conceção de todo o futuro do planeta Terra nos mais pequenos detalhes. Dessa maneira é permitido ao viajante um vislumbre das cenas contidas neste vasto livro de vida antes de prosseguir no seu caminho pela eternidade.

Tal como Cristo foi levado a um lugar alto e dele pode sondar todos os reinos da terra, assim também o peregrino foi conduzido ao pináculo no âmbito da alma-grupo a partir do qual ele pode perceber a história da terra a estender-se aparentemente sem fim. No entanto, à medida que ele se desenvolve em perceção, o poder que tem de ver a totalidade de um período no tempo como um ato de pensamento também aumenta, e um século de acontecimentos memoráveis pode ser apreendido assim em, digamos, um único vislumbre abrangente.

Em verdade, o viajante emergiu do ventre escuro da terra e agora apercebe-se disso em detalhes e num todo. A partir de tal experiência ele alça-se um ser ressuscitado e passa para Eidos, o mundo da forma perfeita, onde ele experimenta a grande mudança que dissolve *(decompõe)* os elementos da sua própria natureza, criando a partir das suas limitações uma existência mais poderosa e grandiosa. Estas experiências de que tenho escrito são do conhecimento apenas daqueles que não precisam retornar ao mundo da Ilusão ou Terceiro nível de consciência, por se terem libertado de uma vez por todas da vida morosa da terra. Muitos dos viajantes que visitam Eidos há que, por serem meras aves migratórias, não participam, salvo porventura em pequena escala, da experiência que acabei de descrever.

AMOR E CASAMENTO

Ao deixarmos o Terceiro nível de consciência assumimos um corpo subtil que, em beleza e em contornos, já não se assemelha ao corpo físico. Quando, em verdade, a inteligência prossegue na sua jornada rumo a Eidos, estabelece uma rutura definitiva com o mundo material; e poucos dos que tiverem passado por aí voltam a falar aos homens. Mas, no mundo do pós-vida que chamei de esfera da "Imaginação Terrena," os homens são os detentores de corpos que reproduzem na forma e na aparência geral a forma física descartada, embora estejam envoltos numa substância etérea que vibra com maior intensidade.

Nessa esfera há uma ausência daquela luta árdua, que conduz à imaginação criativa - ao esforço criativo. As mulheres não têm filhos embora a ilusão da paixão sexual possa ser experimentada desde que corresponda ao desejo da alma. A mulher possui um corpo etérico de tal modo moldado que lhe pode servir como a forma material terá servido a diversos

propósitos, desejos e apetites na terra. Ao proferir aquele famoso ditado: "*Mas aqueles que forem considerados dignos de obter esse mundo e a ressurreição d'entre os mortos, nem se casam, nem são dados em casamento,*" Cristo falou das circunstâncias que prevalecem nos planos superiores de consciência. Enquanto existir no mundo da Imaginação Terrena o homem permanecerá preso nas suas memórias terrenas. Ele não é, pois, ressuscitado e ainda permanece dentro da fantasia do sonho terreno, e retém - se o desejo que nutrir for esse — a parte dela relacionada com o matrimónio.

O problema do matrimónio, no caso de dois (ou múltiplos) maridos ou esposas, geralmente é resolvido após a morte pela atração do afeto que se revelar mais forte e mais refinado. Cada alma é atraída para aquele que lhe é mais afim e simpático, ou é absorvida por qualquer paixão ou desejo especial que lhe complete a natureza. Um amor puro, porém passional, experimentado por um certo número de homens e mulheres normais na terra é de carácter criativo. Amplia e inspira a imaginação de modo que a morte não elimina nem apaga esse fogo para sempre. Antes pelo contrário, no mundo da Ilusão e no mundo de Eidos tais homens e mulheres conhecem o amor puro e apaixonado de novo. Assim eles criam com todo o seu ser e devido à maior sensibilidade de que são dotados, e tais experiências criadas por si próprios são muitas vezes ampliadas e intensificadas, e aumentam o vigor da alma.

Existe nas regiões superiores da esfera da Imaginação Terrena e em Eidos uma harmonia e liberdade que pode não ser o destino de verdadeiros amantes quando têm a mente embotada e eles são sobrecarregados e oprimidos por um corpo material pesado. No Quarto plano tal amor muda de carácter, por as condições de vida e consciência serem amplamente diferentes daquelas que prevalecem na terra.

Um grande cientista pode procurar imediatamente aquele ambiente em que encontre total liberdade para prosseguir mais estudos científicos, embora agora esses sejam, e naturalmente, de um carácter bastante diferente. Na vida, para ele, a coisa e não a pessoa despertou-lhe e agitou-lhe a imaginação. Assim, ele opta por viajar sozinho e, assim, satisfazer a paixão ou desejo fundamental da sua natureza. Do mesmo modo homens e mulheres que se importam mais com algum trabalho, prazer ou atividade *(busca),* do que por qualquer alma humana, ou círculo de almas, continuará a deixar-se absorver nele até que a saciedade seja alcançada. Tampouco exigirá companhias íntimas do tipo habitual embora, quando as condições se mostram satisfatórias, ele possa encontrar e manter relacionamento com residentes do mesmo plano inflamados por um entusiasmo afim. Assim como pode deixar-se atrair para um agrupamento por o interesse mútuo lhe ter sido despertado, ou por cada um ser necessário ao outro num sentido mais amplo e mais intelectual.

O DESTINO DO TIRANO

Infinita é a variedade da imaginação; infinita, pois, é a variedade da experiência no mundo além da morte. De facto, não há nenhuma entrada ciméria *(lúgubre)* para o mundo das almas. Percorremos uma longa galeria, por assim dizer, que comporta as cenas do nosso passado. Cada

indivíduo percebe retratos e quadros de fantasias memorizadas que não estão pendurados nas outras galerias. Cada um tem que reagir a esses quadros da sua própria criação, de acordo com a natureza do seu ser. Quando, finalmente, entra no mundo etérico, afasta dele, em grande parte, a sua experiência dentro do *salão de eco* que encontra imediatamente além da morte.

A princípio, com a ajuda de outros, ele extrai instintivamente, das cenas da terra, que se erguem à sua volta, em companhia dos seus íntimos, um mesmo cenário, o mesmo estágio terrestre. É, obviamente, muitas vezes idealizado ou obscurecido pela fantasia. E aqui pode ser encontrada a chave para um conteúdo vegetativo, para a felicidade e deleite ou para dramas estranhos, sinistros e por vezes aterrorizantes. O tirano, por exemplo, que se regozijou com as vítimas que torturou cruelmente experimentará sofrimentos semelhantes na sua alma. A sua imaginação entusiasmou-se e deleitou-se com a hediondez da dor, de modo que a hediondez cerca, penetra e oprime, nos lugares escuros da sua própria criação.

É claro que ele experimentará essa fantasia febril apenas durante um período de tempo. Ele chega a um ponto em que o seu *eu* acicatado anseia por dar o salto na evolução. Ou deverá ir mais longe no mundo ilusório e entrar num estado de escuridão e isolamento onde ele poderá reorganizar todo o seu ser, ou poderá optar por retornar à terra. Normalmente, o último curso é o preferido, já que tais indivíduos raramente conseguem enfrentar um período de existência na escuridão e na solidão.

Se, porém, ele retornar à terra, ele enfrentará uma existência de frustração e deceção, de impotência em muitos casos, e só assim ele poderá evoluir lentamente, e chegar, porventura, dessa vida terrena fresca, à herança de piedade que ele deriva dos desastres da sua sorte. As diversas figuras sinistras da história passam todas por tais fases e todas reagem de maneira diferente. Algumas aprendem rapidamente a controlar os erros do seu processo de imaginação, e mudam fundamentalmente no espaço de uma vida. Outras obtêm pouco progresso, mas podem eventualmente ser resgatadas por outras almas dentro do seu Grupo e ser conduzidas assim além do alcance do malefício dos fogos funestos das suas próprias naturezas.

Em certos casos, a salvação só é obtida através da destruição real de uma parte, com efeito, da imaginação dessa alma, daquelas cenas de mal que a provêem; e, atendendo à sua sugestão, renovam e alimentam de novo o traço sádico que obscurece a natureza do homem. Vocês poderão agora perceber quão vital é a atividade criativa que existe em cada ser humano, como constitui de facto, o próprio âmago do seu ser, e prepara e constrói uma vida além da vida, circunstância e felicidade para o bebé não nascido, seja no mundo além da morte, ou de novo nesta terra.

A CONSTRUÇÃO DO MUNDO ALÉM DA MORTE

Cada molécula, cada célula tem o seu equivalente (congénere) meta-etérica. Mas na Vida Futura, tempo e lugar são conhecidos como estados - estados de espírito por aqueles espíritos

que designei por "os Sábios." Estes últimos podem ser descritos como uma hierarquia divina de almas. Eles servem a grande Imaginação Cósmica e governam e guiam as marés da vida e da morte. Ao seu encargo são confiados os cuidados dos chamados mortos.

Os Sábios mantêm a ordem e a unidade, embora não possam alterar o destino do viajante que vem da Terra. Cada indivíduo cria o seu futuro a partir do seu passado. Ele goza de livre arbítrio, e também é em certa medida responsável pela vida daqueles que pertencem ao seu Grupo.

Tomemos como exemplo a alma de uma esposa e de uma mãe que chamaremos de Margery Fitzgerald. Vamos romper o mistério da morte e segui-la até o outro mundo. Ela foi uma mãe dedicada e, enquanto esposa, trabalhou duro e desinteressadamente pelo marido. Entre os membros da sua família, ela é a primeira a fazer a travessia da morte. Segue-se um período de descanso e de sonho no Hades, o mundo intermediário que descrevi anteriormente.

Com o tempo, Margery emerge do seu estado de crisálida e toma consciência da sua nova existência e do incremento das suas potencialidades de viver e amar. A certo ponto da jornada, ela encontra-se suspensa no que pode ser descrito como "uma atmosfera de matéria." A todo o seu redor estende-se a imensidão do espaço. Parece às perceções dela como que pálida e praticamente transparente. Mas Margery não está assustada; ela é sensível a uma alegria extraordinária, de um maior vigor mental e, pela primeira vez na sua história, ela sente-se como um pássaro a pairar alegremente, por assim dizer, ao vento, a vagar pacificamente dentro do Desconhecido. Após um período os pensamentos daqueles que lhe eram próximos e queridos, que já tiverem feito a travessia da morte, preenchem-lhe a mente; ela anseia pela presença deles, e o seu pensamento urgente soa como que uma voz através deste mundo aparentemente sem ruídos.

Rapidamente eles surgem; pois eles amaram-na muito e assim estão em sintonia com a sua mente e podem 'ouvir' os pensamentos dela a dirigir-se a eles. Ela ainda é uma alma muito jovem, embora estivesse com sessenta anos quando morreu. Eles levam-na a uma região radiante em beleza, tão poética quanto um quadro de Ticiano. Porque, esses amigos da Margery eram almas avançadas e, consequentemente, quando libertados da escravidão do corpo físico, foram capazes de criar a partir das suas finas e sensíveis imaginações entornos que pareciam bastante materiais em carácter, contudo, não passavam, em todos os sentidos, de uma criação da sua mente e espírito inspirador.

Eles explicam a Margery que esse mundo além da morte, que a princípio parecia um espaço vazio, na verdade consiste de eletrões diferindo apenas na sua textura refinada ou qualidade vibratória ampliada daquelas conhecidas pelos cientistas. Essas unidades bastante subtis são extremamente plásticas e, portanto, podem ser moldadas pelo pensamento e pela vontade. Por outras palavras, na terra, a matéria não pode, via de regra, ser alterada pelo poder de ação do pensamento diretamente sobre ela. Mas no pós-vida, os seres humanos controlam a substância através da sua — e por isso subtilizada — imaginação.

Agora a vida altruísta da Margery, a sua coragem, a sua fidelidade aperfeiçoaram-lhe o instrumento criativo, a imaginação. Assim, doce como flores colhidas ao amanhecer será o seu futuro no mundo além da morte. Ela aprende com os companheiros a moldar e a regular o seu ambiente, cuja criação ela naturalmente extrai das suas memórias terrenas. No início ela pensa, por exemplo, num jardim, e com o tempo, através do processo imaginativo, ele aparece. Ela deseja o tipo de casa que nunca poderia ter tido em vida por causa da pobreza em que viveu. Gradualmente, por meio de trabalho agradável e ditosa fantasia criativa, a sua imaginação constrói essa casa de sonho, molda-a tal como um escultor molda mas não trabalha sozinha. Pois o amor atraiu-a para o querido e íntimo círculo da sua juventude e, na companhia de outros, ela continua assim radiante a viver por um período de tempo considerável, até que, porventura, todos aqueles que ela deixou para trás, marido, filhos e filhas, se juntaram a ela no além.

O GRUPO-FAMÍLIA

Para uma mais clara compreensão do leitor é necessário afirmar que esta família hipotética é composta pelo professor Fenwick, a sua esposa, os seus três filhos, Martin, Walter e Michael e uma única filha, Mary. Martin fica noivo de Margaret, que, após a sua a morte se casa com Richard Harvey. Esta família é inteiramente fictícia.

E. B. Gibbes

É necessário ilustrar o futuro tomando como exemplo a história de uma Família unida - fenómeno bastante raro, mas que ainda se encontra ocasionalmente. O professor John Fenwick é titular da cátedra de Física da Universidade de. . . *(Nome omitido no original).* Ele é muito apegado à esposa, Anne Fenwick. Ela também ama o marido aplicado e deixa-se absorver pela sua vida e pelos seus filhos. O filho mais velho deles, Martin, estuda filosofia e pretende tornar-se membro da Universidade. A filha, Mary, morre aos dez anos. Essa é a primeira perda pessoal naquela família unida e ambos os pais ficam, durante um tempo, transtornados e angustiados pela estranha crueldade da morte que tão impiedosamente lhes arrebatou a adorável filha. Com o passar dos anos, a recordação dela esbateu-se e a tristeza passa; a imagem da filha desaparece da sua consciência. Mas o problema de uma vida não vivida não foi resolvido para o Professor, que por vezes pensa na sua filhinha e pondera sobre o carácter inacabado da sua experiência.

Na verdade, quando Mary, antes do nascimento, escolhera nascer de novo na terra, ela encontrava-se num estado ou condição de evolução psíquica, que não exigia uma longa permanência no mundo da matéria. Numa encarnação anterior a alma da menina vivera até se tornar num ser humano muito velho, pelo que uma outra vida completa não era necessária ao seu desenvolvimento. Foram-lhe pois, poupadas as experiências da existência adulta e voltou para os do seu Grupo que viviam no mundo da Ilusão. Lentamente, ela absorveu a memória de sua vida anterior, e assim a sua alma atingiu o auge e foi capaz de imaginar e, por conseguinte, criar — com o tempo, o corpo de uma mulher adulta no seu período de maior beleza. Quando ela

encontrou os pais durante o sono *(destes)* ela assumiu a forma que tinha tido na terra. Ela imaginou-a mentalmente e assim foi capaz de lhes aparecer num aspeto familiar.

Existia entre ela, o Professor e a Sra. Fenwick um vínculo forte e permanente. Eles tinham tido, numa vida anterior, algum relacionamento íntimo; embora pudesse turvar temporariamente a recordação, o mero facto da morte não poderia romper esse laço. Assim, durante o sono, os pais e a filha encontram-se num nível de consciência que pode ser descrito como "câmara interior da imaginação." Nela — a esse nível — a memória consciente não exerce função. Contudo, no caso dos pais, o duplo ou corpo do sono passa a estar ligado na experiência da relação, com o registo dessa experiência. No caso da filha a experiência é registada na sua memória mais profunda. Por via de regra, ela não consegue trazer de volta ao seu próprio mundo consciência desse encontro de três almas. Mas, dessa forma, os pais mantêm contacto com a filha e alcançam a sua herança de memória subjetiva que implica o conhecimento dessas experiências do estado de sono em que eles também passam a pertencer à Grande Maioria.

O professor Fenwick e a esposa passam para o outro mundo cerca de trinta ou trinta e cinco anos após a morte de Mary. Apesar dessa lacuna de mais de um quarto de século, eles não experimentam estranheza por ocasião do encontro com a filha. Como são companheiros da alma, por pertencerem ao mesmo Grupo, e terem podido manter contacto uns com os outros durante a vida do sono. O sono — se vocês o soubessem — comporta a sua própria existência vívida, construtiva. Apenas o corpo físico, a consciência superficial, os níveis mais baixos da consciência, repousam durante as horas de sono.

Certas crianças que morrem antes de atingirem a adolescência não encontram os pais no mundo intermediário, por terem tido apenas uma conexão física fugaz com eles; ao nível da alma, permaneceram estranhos às almas uns dos outros; não estiveram ligados uns aos outros pela camaradagem de grupo. Assim sendo, o desejo desvanece-se rapidamente e, após a morte, tais pais não se unem aos filhos que partiram antes deles num momento anterior. No Grupo existem o que se poderia chamar — por falta de palavra melhor — "átomos psíquicos" que consistem porventura em quatro ou cinco almas; a quantidade difere, tal como a quantidade no átomo varia. De qualquer forma, esses seres formam pequenos grupos dentro do Grupo maior, e podem, como no caso da família Fenwick, ter a sua própria vida íntima, vida essa que, durante todos os estágios iniciais da evolução, eles não partilham com os demais.

Quando a Grande Guerra foi declarada em 1914, Martin ficou profundamente abalado com a notícia. Ele tinha acabado de ficar noivo de Margaret Ellerton e diante de si abria-se uma carreira interessante. Em pouco tempo veio o chamado a que poucos jovens da sua idade e disposição desobedeciam. Ele tornou-se soldado, embora detestasse a vida militar. Dois anos após a sua convocação para um regimento de infantaria, foi enviado para a França e, em companhia de outros jovens, foi súbita e impiedosamente massacrado numa das grandes batalhas.

Na vida do estado pós-vida, durante a sua estada no Hades, a sua irmã mais nova, May, veio até ele. Ela sentiu-se atraída para esse irmão por um amor muito terno que haviam nutrido um pelo outro, e que permaneceu apesar dos anos de separação. Os dois viajam juntos pelo mundo da Ilusão ou da Imaginação Terrena. A imaginação deles estende-se mais agora que eles habitam o corpo subtil etérico, e eles criam todo o antigo entorno da cidade universitária na companhia de outros, que o habitaram anteriormente, e que são, na maneira de ver, semelhantes a eles e que partilharam das suas atividades terrenas.

Martin retoma os seus estudos filosóficos, e a eles se dedica com o zelo escolástico que herdou do pai. Ele sente-se feliz por poder satisfazer esse desejo, e a companhia da irmã Mary compensa-lhe, em certa medida, a perda de Margaret, a garota com quem ele teria casado se a sua vida não tivesse sido tão repentinamente interrompida. Com o passar do tempo, o irmão dele, Walter e o seu outro irmão, Michael, saíram de casa, assumiram profissões e afastaram-se mais ou menos da vida dos pais, tendo, contudo, ficado ligados a eles por fortes laços de afeto. A Margaret, porém, rompera por completo com os Fenwicks. Casou, e na meia-idade morreu, na companhia do seu marido, num acidente enquanto viajavam pelo estrangeiro.

Pareceria, pois, que ela estivesse diante de um dilema difícil no mundo além da sepultura. O marido, Richard Harvey, havia morrido ao mesmo tempo que ela e acompanhara-a na jornada pelo Hades. Durante esse período a sua alma encontrava-se num estado sonolento de reflexão em que imagens da sua vida passada lhe pairavam diante da visão interior. A revisão dessa fase do tempo resolveu o aparente enigma do futuro para a jovem alma. Margaret percebeu então que só Martin, o seu primeiro amor, importava para ela, por eles terem sido psiquicamente afins; enquanto o marido mantivera as suas afeições apenas através do laço físico que se desvaneceu com a morte. Assim, através da lei psíquica da gravitação, ela sentiu-se atraída para a vida do soldado que havia sido morto vinte anos antes na Grande Guerra.

No mundo da Imaginação Terrena ela experimentou os sonhos não concretizados que se aninhavam na sua imaginação, a vida de amor que ela deveria ter desfrutado com Martin Fenwick se ele não tivesse sido tão impiedosamente arrancado dela nos dias da sua juventude terrena. O marido dela, Richard Harvey, amara-a e deparou-se com o facto da sua perda. De que maneira o Mundo das Ilusões lhe haveria de fornecer as compensações características dessa fantasiosa esfera isenta de esforço?

Ele era muito apegado à mãe. A antiga afeição reviveu enquanto ele examinava o seu passado no Hades. Ele encontrou-a, sábia e maternal, com todas as qualidades protetoras características dessa forma de afeto. Ele voltou-se para ela, entrou na vida dela e, tendo-se deixado absorver pelo desporto e atividades de um proprietário de terras, procurou novamente, na sua companhia, aqueles prazeres familiares que agora podiam ser facilmente criados a partir da imaginação.*

** Ver capítulo ‘A Sobrevivência Animal’.*

O professor Fenwick e a esposa são uma representação típica da vida universitária. Tinham possuído uma certa escassez de imaginação, e sido inteiramente sensatos para experimentar, fosse por que tempo fosse, uma existência diferente daquela que eles encontram no mundo de Realidade Finita (um outro termo para o estado de Ilusão). Mas pelo menos eles tinham tido carinho e afeto um pelo outro e considerado o resto do mundo com benevolência, embora num desapego um tanto egoísta. Assim, quando o Professor e a esposa passam pela longa galeria eles não reagem violentamente, nem são levados aos lugares escuros da fantasia criativa. As suas vidas não tinham sido manchadas pela crueldade nem por nenhuns vícios pronunciados. Eles tinham sido gentis e afáveis, embora egoístas e desprovidos de compaixão pela humanidade.

No mundo da Realidade Finita, eles experimentam alegria no encontro com o filho, Martin, e a sua filha, Mary, e vivem felizes durante um tempo no antigo ambiente da Universidade. No entanto, Mary, Martin e Margaret, sua esposa, possuem uma natureza mais profunda, mais rica, e logo passam para um nível mais elevado. Neste mundo eles evoluem no sentido espiritual, criativo e aborrecem a monotonia de uma existência do âmbito das memórias terrenas. Assim, partem para a aventura mais elevada. Despedem-se dos pais e deixam para trás os velhos colégios cinzentos, a igreja Gótica e os arredores tranquilos e enclausurados que pareciam, ao mesmo tempo, satisfazer todas as suas necessidades. A causa dessa mudança encontra-se no impulso criativo que se agita no seu íntimo de novo; que busca um conhecimento cada vez maior, um novo empreendimento e ambientes que não mais moldados com base em memórias da terra, mas que na aparência, estrutura e existência, estão além de quaisquer conceções que eles tivessem formado da realidade quando habitavam os seus corpos físicos.

Esses três estão, de facto, ao nível do *Homem-da-Alma* e, portanto, embora sintam tristeza despedindo-se dos seus amigos e parentes e da antiga cidade universitária — agora imaginativamente concebidos — ainda assim não hesitam, pois receberam a convocação para o estado seguinte de existência, para o mundo de Eidos. A sua ardente e mais espiritualmente ativa natureza obriga-os a dar esse passo ascendente, a dar um salto na evolução e, devido a que as suas perceções se tenham tornado mais refinadas, entram no gozo de um mundo mais sublime, magnífico, requintado, repleto de estranhas belezas e formas que podem ainda, em certos aspetos, lembrar a terra. Contudo, eles são infinitos na variedade. São compostos de cores e luzes desconhecidas para o homem. Lá, nesse nível, será encontrada uma perfeição na forma externa, na aparência superficial; uma perfeição apenas ocasionalmente realizada nas criações do maior dos artistas terrenos.

Há certas desvantagens associadas à pertença a uma família unida. Tal unidade pode levar ao egoísmo, à falta de consideração ou atenção pelos outros seres humanos. A Sra. Fenwick fora, enquanto mãe e esposa, bastante possessiva, e foi o principal responsável pela criação dos laços familiares. O seu marido e os seus dois filhos, Walter e Michael, ficaram tão estreitamente ligados uns aos outros — em grande parte pelas qualidades dela — que eles fracassaram, na terra, em criar qualquer contacto seguro com homens e mulheres fora do

círculo familiar. O Walter casou-se, mas foi um marido insatisfatório por o amor de mãe ainda envolver o homem adulto como se fossem fraldas. Surgiu a amargura, marido e mulher brigavam com frequência, e eventualmente separaram-se. Então Walter dedicou-se a ganhar dinheiro e permaneceu ligado à mãe e à sua casa. O Michael não se casou; o amor que a mãe lhe dedicava e o orgulho que o pai tinha por ele levaram-no a desenvolver uma afeição desmedido por si próprio, de modo que não lhe sobrava mais amor por nenhuma outra criatura viva. Contudo, também ele reverenciava o pai e sempre preservou uma afeição egoísta pela mãe. Ele era muito popular e, no final dos seus dias, passou a maior parte de seu tempo no clube.

Foi um tanto surpreendente para o Michael acordar dos seus sonhos egoístas. Mas ele descobriu, na sua galeria, as agradáveis imagens dos seus dias de infância e juventude, e nelas sempre figurava a mãe adoradora, o pai orgulhoso. Assim, quando o seu termo no Hades foi concluído, ele viu-se junto do Professor e da Sra. Fenwick na cidade universitária ilusória, imaginativamente concebida de. . . *(Nome omitido no original).* Walter seguiu o irmão muito rapidamente, na sua partida da terra; e agora todos os desejos pareciam ser satisfeitos.

Os pais e os seus dois filhos podem continuar a viver e a deliciar-se no seu mundo de memórias. Na terra eles tinham sido uma família unida, e agora eles eram unidos mais uma vez, enquanto o laço, que havia sido afrouxado pela morte e pela separação, se mostrava mais apertado do que nunca. Todos os quatro tinham manifestamente alcançado o céu: podiam prosseguir velhas atividades, procurar velhos prazeres e admirar uns aos outros como nos dias passados. Na verdade, porém — enquanto seres espirituais — eles estavam extremamente subdesenvolvidos e não tinham, consequentemente, a capacidade de criar nem um céu nem um inferno para si próprios. As suas almas haviam murchado, por assim dizer, por toda a desconsideração que tinham tido por tudo, exceto pelo seu *eu* imediato.

Na terra, a atividade favorita de Walter tinha sido ganhar dinheiro. Dera-lhe importância aos olhos sua família e isso não interferira no amor que sentia pela mãe. De modo que ele obteve prazer considerável de uma fortuna honestamente ganha, e cuidadosamente acumulada, pois ele era avaro e nada dera por caridade. Aqui neste outro mundo onde, a princípio, a memória governa a existência, ele buscou o velho jogo do negócio e do intercâmbio, pelo desporto da compra e venda de ações e títulos. Ele conheceu outros da sua espécie que estavam preparados para participar com ele, mas a aventura de juntar dinheiro logo perdeu o encanto. Ele descobriu que, no mundo da *Imaginação Terrena*, o dinheiro não era mais representava o critério de valor. A maioria das pessoas não ansiava mais pelo dinheiro porque as suas mentes e o *espírito maior* por trás dessas mentes, forneciam-lhes tudo o que desejavam. O homem que abrigava belas e vívidas recordações da vida e do amor fiel era o homem rico, e a esse a memória rendera os seus tesouros abundantes.

Walter, porém, possuía apenas uma mentalidade empobrecida pela busca de dinheiro, pela total ausência de qualquer amor pela vida na alma, pelas pessoas ou pelas coisas. É verdade que ele tinha uma certa afeição pela mãe; e em face do tédio que sentiu pelo fracasso do jogo de

títulos e ações, ele voltou-se para ela e tentou encontrar a felicidade no relacionamento anterior que tivera de mãe e filho querido.

Como ele descobrira que ganhar dinheiro na companhia dos seus colegas corretores não passava de uma farsa, um jogo em que, por maiores que fossem as fortunas conseguidas, elas não tinham valor, então finalmente ele percebeu que o amor da mãe era pouco sensato e ridículo. Os sentimentos que ela nutria por ele tinham brotado da gratificação da posse, e ela admirava-o por ele ser seu filho. Ao mesmo tempo o orgulho que o pai sentia pelo Walter estava a ser minado por essa apreciação gradual do facto de que agora ele vivia num mundo onde o sucesso financeiro era estimado no seu valor real. Aqui homens dedicados a obter dinheiro e nada mais, eram considerados mendigos; governados por mentes que conheciam apenas uma paixão, deficientes em imaginação, incapazes de acumular para eles próprios o tesouro que é eterno e que é tão necessário à vida da alma.

Logo Walter começou a sentir um sofrimento agudo. Não conseguia obter qualquer prazer da existência neste nível de consciência. Os valores eram de uma ordem diferente daqueles que o haviam absorvido na terra. Nas horas de lazer, as exigências da sua mãe tinham-no saturado e finalmente deixado furioso. O pai humilhara-o com críticas ao fracasso que se revelara enquanto membro daquele mundo da Ilusão. Ele ansiava, pois, de todo o coração pela vida terrena, por aquelas horas de entusiasmo em que comprava e vendia na Bolsa, pela satisfação de ser cortejado e lisonjeado como um homem endinheirado. Com efeito, começou a sonhar de volta, e então surgiu aquilo que é chamado de *atração da terra*, a atração pelo nascimento. Ele retornou ao mundo intermediário e aí repousou durante um tempo no estado de crisálida; nessa condição ele percebeu a si próprio e ao seu passado como num espelho.

Então, quando tudo aquilo que tinha composto o seu ser pairou em procissão naquela superfície vítrea, o espírito enquanto juiz avaliou a visão por ele e confrontou-o com a escolha. Dificilmente seria necessário definir a natureza dessa escolha. Inevitavelmente a alma deste homem primitivo voltou-se para trás em direção à terra e clamou por entrar de novo no tempo do mundo, clamou por um corpo físico e pelas condições em que só para Walter parecia possível existir. Na vida além da morte, ele tinha-se sentido como um peixe fora da água, incapaz de respirar aquela atmosfera mais rarefeita. Então deliberadamente escolheu renascer;* mas desta vez ele veio de volta com uma certa quantidade de consciência da pobreza da alma, e estava em condições de aprender e de se desenvolver, pronto para se lançar para a vida e não viver mais em função de uma pessoa egoísta, de um laço.

** No momento da conceção, a alma do nascituro estabelece um vínculo com a mãe. Assim, quando a fecundação ocorre psiquicamente, estabelece-se uma conexão entre a alma e o germe. Pode-se dizer que a vida começa para o bebé a partir desse momento. Quando uma alma busca renascer na terra, o seu corpo etérico é absorvido pelo duplo que o acompanha através desta encarnação. Tomemos como analogia uma semente que é tudo o que resta da flor e fruto de um verão passado. No entanto, ela encerra a flor e o fruto potencial de um futuro verão. Da mesma forma, o corpo etérico é reduzido à pequenez de uma semente e tem as suas características adormecidas, particularmente durante a primeira metade da nova vida de uma alma na terra. Mas fiquem certos de que chegará a época da floração e dos frutos colhidos no Pós-vida.*

Durante o período desse preparo antes do renascimento, o espírito, ou Luz do Alto, fez a procura pelo Walter das condições terrenas que seriam mais adequadas para desenvolver o desejo nascente de melhoria que despertara nele, que também o ajudariam a ampliar a perceção que tinha e a enriquecer-lhe a natureza. Foi, pois, decidido que a sua alma deveria agora habitar uma forma feminina, que ele deveria nascer na pobreza e fazer frente a dificuldades insuperáveis em quase todas as etapas do seu caminho. Mais importante ainda, por ele ter desprezado e rejeitado o Amor, ele agora devia vê-lo recusado e aprender através da solidão as lições que só a adversidade pode ensinar. Assim retrocedendo, ele deu um passo à frente, e nessa nova encarnação pôde colher potencialidades muito mais profícuas para a existência em um nível superior de consciência. Por meio de problemas ele talhou-se e remodelou-se a ele próprio, aumentando a capacidade de viver num mundo mais refinado para além da sepultura.

Quando Walter abandonou a família e retornou à Terra, a mãe dirigiu um pouco a atenção possessiva para o marido. Mas o Professor não respondeu satisfatoriamente. Ele não se afastava dos estudos que fazia sobre a construção e a natureza do *Mundo-Ilusório*. A sua mente erudita, mas desprovida de imaginação, ainda seguia as velhas trilhas de pensamento. Ele estava como tinha sido nos dias da ocupação da sua Cátedra na Universidade. Não avançou, mas permaneceu um materialista extremamente sensato, a mesma figura benevolente académica. Só que agora ele acreditava que, quando tivesse esgotado completamente o interesse que o movia, o seu ego se desintegraria, viraria fantasma, e desvanecer-se-ia de puro cansaço. Convencido dessa ideia ele descobriu uma felicidade superficial no conhecimento de outros amigos académicos e em rebuscar e vasculhar os hemiciclos da aprendizagem. A Sra. Fenwick não pode despertá-lo nem tirá-lo da sua rotina. Assim, ela voltou-se para Michael, o seu filho solteiro, em busca de felicidade nele.

De todos os seis membros da família Fenwick, Michael pode ser considerado o mais em baixo na escala de evolução psíquica. Quando ele deixou a terra, ele estava, em muitos aspetos, uma mera nulidade, tendo permitido que os seus dons mentais se atrofiassem e os seus interesses se tornassem deploravelmente tacanhos. Ele jamais tinha vivido de verdade. A existência chegara-lhe como uma existência de segunda mão. É verdade que ele não contraíra vícios sérios; ele estava meramente egocêntrico e indolente, insensível a qualquer energia criativa ou mesmo, como o seu irmão Walter, dado a uma veneração pervertida pelo dinheiro. Assim, a sua mãe, que estava a começar a despertar do sonho deste *Mundo de Ilusão*, não conseguiu encontrar nem felicidade nem nenhuma resposta de carinho na companhia dele. Ele estendeu-lhe apenas o convencional respeito e consideração que lhe tinha dedicado na terra.

Jogada de volta a si própria, a sua natureza apaixonada e possessiva levou-a a ansiar pelo seu filho favorito, Walter; assim, ela voltou à galeria de sombras onde novamente a escolha é feita. E o espírito dela veio com o espelho, mostrar-lhe mais para além da sua própria vida,

lançar nas imagens vítreas dos acontecimentos e infortúnios da vida terrena do seu filho Walter que agora enfrentava o difícil caminho ascendente do progresso no mundo da Matéria.

Os problemas dele acenderam nela a qualidade altruísta que geralmente se encontra sepultada em algum lugar no amor materno de uma mulher. Ela não quis voltar para a terra. Atrás dela estava a existência sem esforço de fantasia onde ela poderia viver contente durante séculos. Mas a necessidade de Walter venceu-a; ela decidiu renascer, pedindo apenas — ainda que isso pudesse implicar sofrimento — que lhe fosse permitido de alguma maneira ajudá-lo na sua nova vida terrena.

O seu pedido foi atendido; e assim ela foi curada, assim compensou ela as deficiências que tinha tido enquanto mãe e a influência prejudicial que tinha exercido na sua família na sua anterior vida na terra. O Professor e a sua esposa pertenciam à mesma alma-grupo. Assim, ele logo começou a sentir a sua solidão, a desejar algo mais que prazeres intelectuais, triunfos dialéticos sobre os seus companheiros. A que tinha possuído, tinha em muitos aspetos sido uma excelente mente; agora a sua natureza emocional, que fora severamente reprimida, despertava, e ele começava a sentir uma necessidade urgente de amor humano, de companhia de uma natureza especial e íntima. O mundo isento de Esforço já não lhe agradava e, embora inteiramente saturado dele, o infeliz erudito descobriu que não podia renunciar à existência, que parecia não haver possibilidade alguma de uma desintegração conveniente.

Seguiu-se um período de purgatório. Em vão ansiou o Professor pela sua filha, por Martin ou pela esposa. Os laços que mantinham a família unida tinham sido desatados e ele foi condenado a pagar o preço do estreito tribalismo que o separara dos seus semelhantes durante a sua vida terrena.

Martin, no entanto, captou o eco do grito de solidão do pai ao se aproximar vagamente dele em Eidos. Então ele inverteu a intenção e embora não pudesse realmente evidenciar-se ao Professor, os fortes laços de afeto que os unia permitiram-lhe atuar como seu guia. Logo, com a sua ajuda, Fenwick corrigiu os erros a que havia sido conduzido aquando na Terra. Buscou além do círculo familiar; visitou os lugares escuros do mundo além da morte onde habitam almas estranhas e pervertidas. Assim, piedade e compaixão foram despertadas na sua alma académica um tanto ressequida. E tal como Paulo se debatera com as bestas em Éfeso assim também o Professor lutou com os monstros moldados pela imaginação daqueles que, passando da terra, tinham vivido num inferno da sua própria criação.

Aos poucos, através desse trabalho pelos demais, o Professor evoluiu, rompendo a crosta dura que havia inibido e confinado a sua natureza generosa. Com o tempo tão livre ficou das limitações que o impediam, que foi capaz de perceber as possibilidades do reino que tinha dentro de si. Chegou a conhecer o encanto e começou a perceber o lado criativo de seu *Eu Maior*. Então a sua alma floresceu e ele foi autorizado a viajar para Eidos, onde se reuniu com o seu filho e filha, onde obteve o conhecimento da imortalidade, o conhecimento da estupenda

grandeza dos cumes aos quais uma alma pode ascender se o coração e o espírito, se a imaginação e a paixão forem dirigidas pelo amor criativo e pela sabedoria.

Michael permaneceu durante séculos inerte no Terceiro plano, tornando-se cada vez mais numa negação, afundando cada vez mais na escala da consciência por causa da vida vegetativa, e existência egoísta que levara. Finalmente, também a ele chegou um despertar, mas tal como o seu irmão ele teve que retornar à Terra. Nela, através da influência educativa de uma existência física de incapacitado, ele gradualmente mudou, a sua melhor natureza despertou e ele foi capaz de entender as imagens da sua existência quando, após uma outra viagem terrena, ele passou mais uma vez pela longa galeria.

Os membros da família Fenwick tinham cometido ofensas não tanto individualmente, mas enquanto unidade, família. Então, a unidade foi quebrada, as suas partes dispersas. E embora algum dia todos eles se encontrem novamente eles irão, salvo uma exceção, percorrer diferentes percursos através do tempo e do espaço até que evoluam e acrescentem a si próprios o precioso e necessário sentido da alma-grupo, o carácter comunitário que a caracteriza, a sua divina partilha de experiência, sabedoria, vida e amor.

A FILHA DOS SONHOS*

**Os exemplos anteriores de vidas passadas no mundo da Ilusão são puramente hipotéticos. Mas a narrativa que se segue relaciona a um caso os detalhes que é dito serem do conhecimento do comunicador.*

Beatrice Gibbes

Uma determinada mãe almejava ter uma filha. Nasceram-lhe filhos, mas a menina que ela tanto desejava nunca apareceu na carne. No entanto, ela está à espera da sua mãe no mundo além da morte, pois a sua alma, em duas ou três ocasiões, fizera uma tentativa por nascer, mas falhou a cada instância. Há uma razão persuasiva para esse fracasso. A alma da filha pode não conhecer a mãe em pleno conhecimento consciente senão até depois da morte desta. Elas já se encontram, só que subjetivamente, da maneira que descrevi num capítulo anterior. Eu poderia chamar-lhe a "filha dos sonhos." Ela possui uma alma adorável e se tivesse nascido nesta presente vida teria criado um paraíso para a sua mãe.

Agora, durante esta vida terrena, devido ao facto do desejo particular do coração dela não ter sido atendido, a mãe aprendeu muito e desenvolveu-se espiritualmente. A filhinha estaria obrigada a absorver-lhe a atenção, levá-la a tornar-se egoísta, e a ocupar-se unicamente do prazer da maternidade. Porque a criança teria tornado radiantes todos os seus dias. Tamanha felicidade por regra pertence ao primeiro mundo celeste — a Eidos, e lá ela irá, no devido tempo, experimentar tal alegria. No mundo da Ilusão ela irá encontrar essa filha e ficar tanto mais feliz por a ver e ter a sua companhia que a separação dos seus filhos, provocada pela morte, não lhe infligir o sofrimento que de outra forma poderia ter sido seu quinhão.

Portanto, há uma providência no facto de essa criança nunca ter sido entregue aos seus cuidados durante a sua vida terrena. Após a morte, a mãe satisfará o seu anseio — num campo tranquilo, amável, onde a sua família vive e vai e vem — uma creche onde ela encontre essa filhinha que lhe satisfaz o sonho, esse é o sonho da sua imaginação, aquele que ela orgulhosamente estima e mostra aos próprios irmãos e irmãs e aos seus pais; a coisinha bonita parecida com um passarinho com quem ela brinca de bebé e assim lhe preenche a própria natureza, a filha a quem ela gosta de dar: a companheira de brincadeiras que ela veste e adorna: para ela o tesouro que suplanta todos os outros tesouros — uma menina pequena, delicada, requintada, que precise de toda a sua proteção e carinho.

Portanto, a verdadeira felicidade da mãe está no mundo além da morte. No fundo ela já conhece essa filhinha por ambas pertencerem à mesma alma-grupo, e por ela ter estado com a criança quando ela se encontrava em sono profundo. Mas a lei suprema inexorável a proíbe de trazer a memória de volta à sua vida consciente, ela suporta somente a dor da separação da filha e essa dor expressa-se numa vaga insatisfação, uma espécie de cansaço ou sentimento de deceção que ela não consegue entender e atribui a tudo como a verdadeira causa. Após a morte, a recordação desses encontros com a sua filha será recapturada pela sua alma, e assim elas se encontrarão como mãe e filha adoráveis.

Mas não se deve presumir que os muitos anos de tempo terreno afetem essa criança. No Além existe um tempo subjetivo que pode correr de acordo com o carácter das almas que perfazem os padrões variados dentro do Grupo. Aparência e desejo harmonizar-se-ão. Na hora da morte da mãe e da entrada na nova vida, a filha terá alcançado aquela idade adorável em que a criança começa a falar de modo entrecortado, a fazer corajosas expedições — meio a gatinhar, meio a andar, pela vasta extensão do jardim-de-infância. Todo o encanto do grande, vasto mundo para a inteligência que desabrocha lentamente será percebido pela mãe quando ela para aqui vier: ela encontrará tudo o que ela mais desejou na terra no *Paraíso Flor-de-Lotus* que fica além da sórdida morte, além da tumba.

Vocês poderão dizer que este retrato que tracei da felicidade de uma mãe e do céu soa demasiado bom para ser verdade. Mas tenham em mente que o Destino apresenta uma contabilidade composta de débitos e créditos. A mãe, neste caso, conheceu uma grande quantidade de infelicidade enquanto esteve na terra — dificuldades e deceções que atormentam e tiram a cor à vida. Assim, antes que ela escolha ir mais adiante no caminho para a imortalidade, o desejo do seu coração é-lhe atendido e ela colhe a plena colheita das sementes lançadas com cuidado e da labuta e por vezes dor naquela sua vida terrena.

Eu senti interesse pela alma dessa mulher e segui-a até às raízes, e assim travei conhecimento com a filha dos sonhos. Vejo que ela é a característica marcante na existência celeste da anterior. Conforme as coisas estão, a mãe sempre será profundamente afetada pela atração deste outro mundo onde vive a filha dos sonhos. Pois onde o vosso tesouro estiver, aí deverá estar igualmente o vosso coração.

Gostaria de chamar a atenção para as repetidas afirmações que tenho feito de que a imaginação possui extraordinária força criativa em alguns casos, e não se deve pensar que seja essencial que, para se ser um artista seja necessário pintar quadros, escrever poemas ou compor música. Esta mãe é essencialmente artista e uma artista assim pode compor um poema de vida. Se ela for mãe ela poderá desejar fazer um poema de infância para uma criança pequena.

Lembrem-se sempre, peço-lhes, que, seja qual for a vossa posição, vocês podem fazer do viver uma arte e, assim, enriquecer a vida daqueles que são parte do vosso círculo imediato.

A PERSONALIDADE HUMANA E A SOBREVIVÊNCIA

É verdade que, quando os amigos se conhecem eles edificam a estrutura um do outro, criam um ao outro; aprofundam e estendem o carácter, tingem o contexto que parecia despojado e inexpressivo e geralmente conseguem uma imagem ou criação de si próprios, que varia com a companhia.

Fico, pois, perplexo quanto ao uso do termo "Personalidade" com respeito à sobrevivência. Ele pode ser tão evasivo e efêmero no sentido superficial, quanto as imagens na água. Peço que examine o significado da palavra no dicionário.*

**(A esse pedido, a Beatrice Gibbes procurou um dicionário e procurou-o conforme indicado. O comunicador selecionou uma frase e reescreveu-a conforme vem escrito.)*

"O estado de existir enquanto ser pensante e inteligente," tal é o significado da palavra personalidade, se seguirmos a decisão do dicionário. Infelizmente porém, muitos materialistas haveriam de alterar-lhe o significado e reivindicar que personalidade não é apenas pensamento e inteligência, mas os atributos materiais do rosto, feições, figura e gestualidade. E haveriam de afirmar que é uma expressão do organismo físico. Para eles, só a estrutura física é real. Quando, pois, o estudante de pesquisa psíquica discute com um materialista o tema da sobrevivência da personalidade humana, os dois geralmente têm objetivos opostos; o materialista sustenta que a personalidade não continua quando a vida deixa de animar o corpo.

Tal argumento assenta sobre base que deixa muito a desejar. É, com efeito, necessário que uma definição de tão importante termo deva ser tentada uma vez mais, por constituir o próprio cerne do litígio que tem lugar entre os protagonistas da vida temporária e eterna.

O termo "personalidade humana" é descrito como o estado de existência de um ser inteligente, que pensa. Portanto, idiotas e loucos não teriam o privilégio de ter uma personalidade. Isso necessariamente limita-nos o debate às pessoas sãs, o que, por si só, é um tanto lamentável. Além disso, precisamos perceber que o estado de existência enquanto ser inteligente que raciocina não implica necessariamente características físicas. Pode implicar, contudo, associação com um corpo. Pois isso, na ideia humana, é sugestivo de uma presença que pode reagir a outra presença ou aspeto. Por conseguinte, ao discutir a sobrevivência de

personalidade humana, o estudante deveria descartar a ideia de qualquer constituição incorpórea. Ele deveria esforçar-se por imaginar as possíveis condições predominantes.

É concebível, argumentaria ele, que haja um corpo que vibre a uma taxa ligeiramente mais alta de intensidade que acompanhe o ser humano desde o nascimento até a morte — um corpo invisível à vista, que recebe a alma ou inteligência consciente durante o sono — um corpo que, em todos os momentos, atue como intermediário entre o intelecto, a imaginação e a forma física.

Uma vez aceite, por hipótese, essa forma etérica, caberia descrevê-la pelo termo "duplo" ou "mecanismo de união." Por ser, na construção, tão automático nas respostas que gera quanto a forma física. Além disso, esse duplo é a imagem da manifestação visível do homem. Tão semelhantes são no aspeto, que poderiam ser descritos como gêmeos se pudessem ser visualizados juntos. De facto, o duplo reflete as impressões do seu companheiro, recebe as memórias registadas pelos sentidos e imprime essas impressões na substância do cérebro, que a liga às representações mentais que com efeito perfazem o próprio material da memória.

Reconhecer-se-á, pois, que o termo "duplo" expressa em parte o significado desse mecanismo mais subtil que serve à mente e carrega o ônus da comunicação entre os centros superiores e o cérebro físico. Na verdade, para poder completar o sentido, o termo "unificar" parece essencial, por transmitir o propósito desse mecanismo etérico — designadamente, que serve para unir, correlacionar, harmonizar, reunir todas as partes funcionais do ser humano.

Sobre essa estrutura básica, o estudante pode construir os seus argumentos quando aborda o materialista em discussão. Ele poderá explicar, por exemplo, a perda de memória no homem ou mulher idosa, pelo facto da alma não mais conseguir imprimir de forma efetiva no cérebro físico deteriorado. A máquina está demasiado gasta para responder. Por outro lado, a memória de o indivíduo é retida e inscrita de modo exaustivo no corpo de união. Este corpo não imita o companheiro na decadência gradual com o passar dos anos. No meu livro anterior eu chamei-lhe "casca," por conter e abrigar a manifestação emergente que deverá eventualmente tornar-se o corpo da alma no mundo pós-vida.

Durante toda a vida de um homem, essa expressão potencial da personalidade está a formar-se no útero etérico, está a crescer durante o período de vinte, cinquenta, setenta anos, qualquer que seja o termo da sua estadia na terra. Tal como a casca de um ovo é jogada fora — assim é a casca descartada após o parto do nascimento que ocorre no Hades. Contudo, o nascimento no mundo da Matéria é uma questão diferente em muitos aspetos, do nascimento além da morte. Via de regra, duas, três ou mais almas desencarnadas auxiliam o moribundo, libertando-o daquele nível de consciência em que ele permanece quando trilha o planeta Terra. Eles não sofrem, à semelhança de uma mãe, dores de parto, eles estão à parte do mecanismo desse parto. Aqui reside a diferença inicial entre os dois mundos, os dois níveis de consciência.

A tarefa daqueles seres que assistem à dissolução da forma física, requer considerável destreza. Eles devem romper suavemente a teia que prende o duplo à estrutura destroçada. No caso de doença eles gradualmente rompem os fios, e tiram-nos um a um para que a alma não defronte nenhum choque repentino que lhe possa inibir o progresso na vida futura durante um período de tempo. Até mesmo a criança nado-morta possui um duplo que é a contrapartida exata do duplo que teria acompanhado a criança se a sua pequena forma física tivesse sobrevivido e começado a crescer no plano material. Essa alma infantil irá lentamente evoluir no mundo além da morte. Contudo, o seu corpo etérico, herdado de uma vida anterior, irá prover-lhe a tempo uma forma que atinge a maturidade. Na verdade, o nado-morto é um exemplo de alma que cometeu um erro na escolha que fez, que buscou o retorno à terra quando, por razões de uma encarnação anterior, ou por causa do padrão tecido pelo destino, esse ser deveria ter continuado a vida no mundo da *Imaginação Terrena*.

Finalmente, posso dizer que é possível que as almas embrionárias dos animais evoluem de tal forma que muitos, ao formarem um grupo, eventualmente se tornam numa alma humana. Esta questão não envolve bem nem mal, baseia-se apenas no princípio básico de que a consciência deve encontrar experiências num organismo cada vez mais complicado até atingir o nível humano.

Estamos, porém, de momento interessados no duplo. Durante o sono, esse corpo recebe a alma e alimenta a forma física com elementos de vida, com força nervosa, e assemelha-se em cada detalhe à forma humana. Todos os órgãos são similares, e é com efeito como imagem ou reflexo ao espelho. Só que vibra com maior intensidade; e quando a vida de um homem chega a um termo o eu subliminar começa o seu trabalho de desenvolver a forma etérica dentro do duplo. Esse, uma vez mais, se parecerá com o homem quando ele se mostra em aparições aos amigos; mas será no aspeto do auge da vida, ou espelhará a juventude, especialmente se um homem passar do plano físico antes que ele atinja os seus setenta anos de vida ou mais.

Contudo, a mente da alma-grupo não pode completar a tarefa de redefinir e desenvolver esse corpo do homem até que a sua alma resida durante um período no Hades. Assim, o artista ou espírito, que controla a vida do Grupo, em colaboração com a alma, recria a aparência ou manifestação; mas tudo o que é fundamental à natureza do homem é retido. A forma externa no novo mundo expressará aquilo que foi na terra.

O DUPLO EM ASSOCIAÇÃO COM O CORPO FÍSICO VIVO

O duplo mantém o corpo físico sob o seu controlo e é um poder destinado à integração. Até mesmo quando o ser humano dorme e o duplo não mais ocupa a forma material o homem é controlado por uma fina teia de certos fios e certos cordões que o unem ao seu mais fino aspeto.

A mente não se comunica meramente através do mecanismo do cérebro. Está em contacto indireto com outros centros físicos, como as glândulas endócrinas, o plexo solar e o plexo sacro. Mas a alma tem que trabalhar por intermédio do duplo e nunca comanda diretamente a

matéria. Sempre existe esse corpo unificador que se interpõe entre o eu e a sua aparência exterior no mundo material.

Pode-se dizer que o ectoplasma é uma substância intermediária de carácter quase semifísico que é do princípio vital e ainda não passou pelos processos digestivos. O duplo destila e transmite ectoplasma, distribuindo-o pelo corpo, cuja finalidade última assenta na nutrição dos nervos e no aprimoramento das células. Essa substância pode ser possuída por certos indivíduos raros em superabundância e tais indivíduos geralmente descobrem que possuem o dom da mediunidade física. Dadas certas condições de transe podem exteriorizá-lo, e já houveram médiuns cujo corpo unificador pode ser de tal modo dominado por uma inteligência desencarnada, que esta última pode causar a desaparecimento de uma parte da forma física real através da alteração do seu ritmo, transposta para a taxa vibratória mais alta do duplo.

Estudantes de pesquisa psíquica recordarão exemplos desse curioso fenómeno e descobrirão a explicação para isso nos controladores que operam deste lado com certa elasticidade e soltura que caracteriza o duplo de um indivíduo entre muitos milhões. Agora, quando o homem comum está plenamente desperto, o seu corpo unificador repousa dentro da forma do corpo físico. As duas formas encaixam-se e interpenetram-se com exatidão. Mas, assim que o homem fica com sono, o duplo tende a deslocar-se; e aquele que pode ver com o olho interior, percebe uma forma pálida que talvez tenha emergido parcialmente do corpo material real. Se um choque ou barulho despertar o seu dono, instantaneamente ela desliza de volta para a manifestação física do indivíduo.

**Os quatro parágrafos seguintes foram escritos por Myers posteriormente.*

Beatrice Gibbes

Gostaria de fazer uma pequena adição a uma afirmação feita no 'Além da Personalidade Humana', que presentemente pode transmitir uma impressão equivocada. Eu escrevi que quando um ser humano está com sono, o duplo tende a deslocar-se. A observação que fiz pode levar o leitor a concluir que o duplo abandone o corpo físico durante o sono. Tal não é o caso. Quando uma pessoa fica sonolenta, o que eu poderei descrever como "a essência" do duplo inclina para fora. Isso poderá, no instante inicial da projeção, assemelhar-se a uma nuvem descolorida praticamente informe. Aquela parte que descrevi como "casca" permanece no corpo físico. A essência é o corpo etérico que, durante a vida de uma pessoa se desenvolve lentamente até alcançar a experiência, e adotar carácter e forma. Mas eventualmente torna-se no corpo da alma no mundo pós-vida quando a 'casca' é jogada fora.

Durante a vida na terra, essa essência mantém-se extremamente plástica. Certos indivíduos, raros — designadamente os Iogues na Índia — dizem-nos que podem, ocasionalmente, viajar no duplo ou corpo astral, visitar partes remotas do mundo, e trazer de volta à vida da consciência a memória da experiência que fazem durante essas viagens astrais.

Mas não deduzam, pois, a dualidade do duplo. Tal conclusão sugerirá inevitavelmente a capacidade de completa separação entre a 'casca' e a essência. Mas tal separação não pode

existir. Quando essa parte do corpo deixa o corpo físico durante o sono, ela permanece unida ao corpo através do cordão de prata e um outro cordão que eu descrevi previamente. Não possui forma no momento em que emerge da forma material, mas, sendo plástico, assume automaticamente o aspeto deste último durante as suas andanças enquanto o homem dorme. Presentemente, nenhuma chapa fotográfica registará esse corpo do sono quando passa para fora do corpo físico, pois pode-se dizer dessa essência que é mais refinada em grau no carácter vibratório do que a 'casca' ou envoltório físico.

Uma chapa fotográfica que no instante da morte consiga registar o duplo à medida que se eleva do corpo físico, registará a primeira ocasião em que o todo da forma unificadora deixa o corpo físico. Esse abandono sempre conduz ao colapso das células do cérebro, que depende da 'casca' como meio revitalizante na preservação do equilíbrio, sem o que o cérebro seria incapaz de continuar a funcionar e deverá inevitavelmente perecer. Assim chegamos à conclusão de que o homem será bem-sucedido na fotografia do duplo na hora da morte; porém, a menos que consiga inventar instrumento mais sensível, fracassará no registo do aspeto da essência do duplo - o chamado corpo astral - durante o período em que o homem vivo está a dormir.

A DOENÇA E O DUPLO

Pode-se dizer que a emoção é uma força que é do tipo elétrico e pode irradiar para fora do ser humano. As glândulas endócrinas estão principalmente relacionadas com a natureza emocional e podem ser chamadas de cérebro emocional. Ao trabalhar através do duplo, a alma afeta essas glândulas e elas, por sua vez, podem alterar a composição química do sangue. Quando a mente deixa de funcionar adequadamente através do canal que a liga a uma determinada glândula o carácter do indivíduo altera-se, e ocorrem estranhas anomalias. Estas são por vezes devidas a alguma fraqueza no duplo, e, outras vezes, a uma falha no controlo da mente por parte da alma. Normalmente, a alma deve ser responsabilizada, ou encarada como causa, pelos caprichos das glândulas, por secreções inadequadas ou excessivas.

O médico pode informá-los de que o carácter e a personalidade dependem em considerável medida — talvez mesmo praticamente por completo — dessas glândulas. Haveria de lhe parecer, em vista dos anormais casos que lhe surgem pelo caminho, ter razões convincentes para estabelecer tal dogma. Mas é, na realidade, necessário que ele se aprofunde na descoberta da causa do funcionamento inusitado desses centros fisiológicos. Ele precisa procurá-la na alma que se poderá dizer que fracassou no seu regulamento: essa falha deve-se a alguns erros cometidos pelo eu subliminar.

Estou a fazer uma declaração ousada e, sem dúvida, questionável ao dizer que a sugestão forte e repetidamente feita por um certo indivíduo ao seu subconsciente, em conjunto com uma certa maneira de viver e um sistema de exercícios, levem a secreções melhoradas em conexão com uma glândula defeituosa ou muito eficaz na sua atividade. Além disso, acrescentaria que certas doenças são o resultado direto de uma fraqueza no corpo unificador. Algumas formas de cancro podem ser atribuídas diretamente a um defeito nessa forma

invisível. Consequentemente, até que os homens da medicina percebam que, assim como as mensagens sem fios são invisíveis, também existe um organismo invisível em operação, eles serão impedidos e travados na descoberta de uma cura para certos tipos de cancro.

Quando um homem ou mulher sofre de uma doença incurável e sente uma dor considerável mental e fisicamente, então um médico devia, por misericórdia, aliviar gradualmente o sofredor, dando-lhe alguma droga que lhe permita passar tranquilamente e não muito rapidamente do corpo material. Porquanto a alma não será prejudicada nem afetada pelo carácter dessa morte. Contanto o médico não faça com que a alma se dissocie muito rapidamente do corpo enfermo, contanto que ele faça com que a libertação ocorra suavemente num período de três ou quatro dias, então ele estará inteiramente justificado em cometer o que ainda é considerado assassinato segundo a lei da terra.

A doença e o ser humano, porém, não nos interessam profundamente numa discussão sobre a personalidade. Reconhecer-se-á que a existência de um corpo unificador invisível não foi, até aqui refutada; tampouco terá sido provada a sua existência, argumentará o cético. Tal prova, no entanto, com o tempo será fornecido ao homem. Entretanto, se a hipótese desse mecanismo subtil for aceite; se for aceite que é o meio existente entre a alma e o cérebro, então uma extensão do significado da palavra "personalidade" deverá ser estabelecida. Porquanto pela sua própria natureza, essa outra parte, essa construção delicada, afeta e influencia necessariamente a aparência e a forma exterior, tudo quanto expressa a personalidade. As mentalidades velozes e lentas podem e agem assim por causa do carácter do canal através do qual a mente opera. Ou seja, o duplo pode ser um filtro bloqueado, assim como pode estar livre de todas as obstruções e transmitir perfeitamente as mensagens dos centros superiores da alma.

OS SUICIDAS

Uma das razões pelas quais nós, seres desencarnados, exortamos, quando comunicamos, que nenhum homem ou mulher deve ceifar a própria vida, reside no facto de que a condição de desespero mental — terror ou desilusão cínica que geralmente acompanha o suicídio — se achar demasiado intensificada quando ele percebe que não consegue mais controlar o seu corpo físico. Ele nem sempre perceberá que está morto; mas o humor que o levou a ceifar a própria vida irá envolvê-lo qual nuvem em relação ao que nós, do outro lado da morte, poderemos durante um longo tempo não conceder-lhe libertação. O seu pensamento emocional, toda a sua atitude mental estabelece uma barreira que só pode ser derrubada pelos seus próprios esforços árduos, por um controlo corajoso de si próprio, e sobretudo pelo pedido emitido com todas as forças da sua alma, a um ser para que lhe conceda socorro, libertação.

Infelizmente, o suicida encontra-se normalmente invertido, a sua consciência toda voltada para dentro — a subjetividade, no seu aspeto mais obscuro governa e domina, pelo que ele se pune a ele próprio pelo seu acto e, no entanto, muitas vezes acredita que a punição não se deve ao seu ato, mas a poderes malévolos que controlam o seu entorno. E, de facto, em muitos

casos, a inquietação sinistra que precede o suicídio tenderá a convocar certos seres não humanos, elementais que o podem incomodar, perturbar, desanimar e atormentar. Pois eles podem chegar ao seu nível terreno e podem aparecer numa forma tangível em meio à sua fantasia febril.

Com estas observações, não estou, é claro, a incorporar um histórico pós-vida de todos os casos de suicídio. Há exceções — casos em que o homem que se mata se deixa imbuir de algum nobre propósito, e sacrifica a sua vida de modo que, através da sua morte, outros possam ser aliviados da ausência, ou da visão dolorosa da morte lenta de um ente querido vítima de uma doença incurável. O próprio humor, pois, com que ele comete o ato final pavoroso, encerra em si um certo fervor saudável, uma confiança que o leva a jogar a sua consciência fora. Há, em suma, uma ausência de consciência própria egoísta que o redime nas horas negras após a sua morte. E embora o seu duplo só possa ser liberado lentamente do emaranhado da fina teia que o prendeu à estrutura humana, ainda assim ele não sofre violentamente: encontrando-se a sua alma satisfeita, ele não é assombrado por nenhum desespero invertido, nenhum tormento de autocomiseração. Assim, os seres das trevas não podem obter acesso ao seu mundo nem lhe aparecem nem mesmo como sonhos febris.

O homem que comete suicídio por motivos injustificáveis reside durante algum tempo na escuridão do Hades e mais tarde nas zonas inferiores do mundo da Ilusão. Mas a carreira póstuma de todo suicida varia de acordo com o seu carácter e a vida seguida por ele quando estava na terra. Além disso, há casos em que um homem ceifa a própria vida por causa de uma sugestão desse tipo lhe ter sido repetidamente feita por algum espírito obsessivo. Assim, ainda que permaneça por algum tempo na escuridão, não é ele, mas o obsessor que paga toda a pena por tal ato. Assim, quando falam sobre as penas que podem ser atribuídas ao suicídio, precisam ter em mente a carácter da alma, o humor, os motivos por trás do ato, e até que esses sejam claramente considerados que não estarão em condições de calcular as suas consequências.

Posso acrescentar que, em caso de morte súbita, a passagem varia em muitos casos e, no caso de certas almas afortunadas pode chegar a ser relativamente suave. Não se pode fazer nenhum relato ou descrição dessa separação do corpo que cubra todas as experiências a esse respeito. Eu só recorro a um denominador comum e escrevo acerca da experiência da maioria. A antiga oração para que nos livre da morte súbita derivou de uma velha sabedoria, de um conhecimento oculto agora perdido para os cientistas.

É inevitável que o homem que morre repentinamente no seu auge, permaneça por mais tempo no mundo intermediário, faça progressos mais lentos em direção à luz brilhante, ao ar mais claro da outra vida invisível que vibra nas profundezas do espaço. Essa vida vibra igualmente ao redor de homens e mulheres terrenos, contudo não lhes pertence: flui pelas suas ruas sobrelotadas, sobre as suas montanhas, passa por dentro e acima da terra firme e permanece à parte, distante de toda essa existência material, como se de facto não existisse, ou como se

homens e mulheres e as suas cidades fossem fantasmas que, em casos muito raros e singulares, assombrassem o mundo que é o lar dos recém-falecidos.

É claro que falo daqueles seres desencarnados que não são exploradores como eu, que buscam as suas próprias razões particulares, a terra que uma vez eles conheceram; que friamente, através de certos processos da imaginação e da vontade, abrem caminho através da mente coletiva dos homens e se mesclam com um sensitivo, ou sensitivos, que expresse as suas ideias. Tampouco me refiro a certas almas ligadas a homens e mulheres por laços de amor, almas que podem entrar novamente nas mentes subjetivas privadas daqueles que lhes são queridos e assim partilhar a sua existência, embora tenham sido apartados deles pela morte.

Falo em nome daquela grande maioria dos recém-falecidos quando afirmo que eles buscam uma vida dentro e fora do mundo material, que no entanto, conquanto em plena consciência, estão inteiramente inconscientes disso. Falo por aqueles seres cujos parentes cerraram a porta aos seus mortos, sem fazer nenhum esforço para buscar comunhão com eles, mas que se recusam por medo, preocupação ou uma piedade errónea, a conceder pelo menos uma oportunidade de encontro, para uma renovação da relação, mesmo para uma breve saudação ou palavra de despedida.

Existem muitas almas, é claro, que, apesar da indiferença, da ignorância daqueles que amam, conseguem, no estado de sonho, perceber o indivíduo desejado e querido deixado para trás — como se estivesse a ocupar o mesmo mundo e a existir no mesmo plano. Mas, em geral, acho que posso dizer que, presentemente, o mundo vibra dentro de um mundo, milhões de almas no âmbito de milhões de almas; e ainda assim, nas suas vidas e horas despertas, permanecem inteiramente invisíveis uns aos outros — isolados, apartados, despercebidos em qualquer aspeto particular por existirem numa frequência diferente. Se pudesse perceber as duas condições, o psicólogo admitiria que essas duas ordens de seres se interpenetram, e ocupam relativamente os mesmos locais.

No entanto, a declaração supra citada não cobre, é claro, o período de sono profundo do ser humano - quando sai no seu duplo e por vezes penetra na mente subjetiva daqueles dois ou três seres desencarnados que se lhe encontram ligados por laços de calorosa afeição.

Capítulo I
REENCARNAÇÃO

Estou bastante certo de que aqueles seres humanos que vivem quase inteiramente no sentido físico aquando na terra, precisam renascer para que possam experimentar uma forma intelectual e superior de vida emocional. Por outras palavras, aqueles seres humanos que descrevi como *"Homem-animal"* quase que invariavelmente reencarnam.

Alguns dos indivíduos que designei pelo termo *"Homem-alma,"* também optam por viver de novo na terra. Mas a metempsicose não envolve uma regularidade mecânica de retorno. Não notei evidência alguma de uma progressão contínua de nascimentos e mortes no caso de uma alma em particular. Nem por um só instante acredito que o indivíduo volte cem vezes ou mais para a Terra.

Essa é, de facto, uma suposição errada. É claro que podem haver algumas exceções que vocês provavelmente encontrarão entre aqueles seres primitivos que parecem incapazes da aspiração - do desejo de se elevar acima da sua natureza física. Mas a maioria das pessoas só reencarna duas, três ou quatro vezes. Embora se elas tiverem algum propósito humano ou plano a alcançar, possam retornar oito ou nove vezes. Nenhuma figura arbitrária pode ser apontada. Estamos apenas razoavelmente seguros em concluir que, na forma humana, eles não estão condenados a vagar pelo espaço de cinquenta, cem ou mais vidas.

Poder-se-á sugerir que elas não reúnam nenhuma quota-parte adequada de experiência das poucas existências terrenas que assim lhes são atribuídas. Mas foi feita provisão para a ignorância em que necessariamente se incorre por todo o período de vidas que cobre apenas um fragmento da experiência. Mendigo, bobo da corte, rei, poeta, mãe, soldado. Menciono apenas seis dos variados papéis que parecem proporcionar vidas inteiramente diferentes em condição e espécie. Deve, aliás, ser observado que todas essas pessoas usam os cinco sentidos - a menos que o destino os furte a um ou mais deles — que todos experimentam as mesmas emoções fundamentais; que são meramente alteradas de acordo com o carácter e ritmo do organismo físico.

No entanto, é bom que concordemos em que, mesmo que passemos seis vezes pela vida na terra, apenas teremos tocado uma franja da experiência humana. Teremos obtido apenas uma certa disciplina. Não teremos sondado as profundezas nem escalado os cumes da existência; não teremos coberto todos os espaços da consciência humana, do sentimento humano. No entanto, posso assegurar-lhes que até que tenhamos colhido diversas vezes os frutos de vidas passadas na terra não viveremos — salvo em casos excecionalmente casos — nos planos superiores além da morte.

Não é necessário que voltemos à terra para reunir no nosso celeiro essa múltipla variedade de vida e conhecimento. Podemos colher, ligar e compreender muito disso participando da vida da nossa alma-grupo. Muitos pertencem a ela e estes podem espalhar-se nas suas jornadas pelo passado, presente e futuro. De facto, no Grupo, falamos da vida de um homem como uma "viagem."

Muito bem. Jamais, em tempo algum, fui membro das raças amarelas, mas existem almas no meu Grupo da alma que conheceram e viveram essa vida oriental, e eu posso tomar parte — e com efeito tomo — em cada ato e emoção das suas crónicas passadas. Através da nossa existência comunitária percebo e sinto o drama da jornada terrena de um Sacerdote Budista, de um comerciante Americano, de um pintor Italiano, e vejo-me poupado, se assimilar a vida assim vivida, à experiência disso na carne.

Vocês reconhecerão o incremento que o poder da vontade, da mente e da perceção poderão sofrer através do acesso ao *Eu Maior*. Continuamos a preservar a nossa identidade e a nossa individualidade fundamental. Mas desenvolvemo-nos imensamente no carácter e na força espiritual. Recolhemos a sabedoria das eras, não através do contínuo *"Sturm und Drang"** de centenas de anos passados no confinamento do corpo físico bruto, mas reunimos isso através do amor que tem uma atração gravitacional e nos atrai para o âmbito das memórias daqueles que são afins à nossa alma, por mais estranhos que os seus corpos possam ter sido quando tiverem estado na terra.

**(NT: Grosso modo traduzo o termo oriundo do Germánico por dificuldades e tumultos, furor e ímpeto, a atitude de atacar e pilhar, mas que, para além do movimento romântico que formou, passa pelo sentido da emoção acima da razão; o primado da expressão e subjetividade individual sobre a ordem natural do racionalismo.)*

Esta existência no âmbito das memórias dos outros é uma forma de experiência mal compreendida pelos seres humanos. A alma assemelha-se a um espectador preso no encanto de algum drama, estranho à sua vida real. Não sofre, pois, nem se emociona com a alegria que a experiência física lhe proporcionaria de um tal período do tempo. Contudo, percebe todas as consequências de atos, humores, ideias em detalhe, nesta vida de uma alma gêmea, e assim pode — embora o sentimento e a emoção tenham agora uma cunhagem e tipo muito diferente — neste estado de grupo comunal, obter o conhecimento de todas as existências típicas, de todas as fases fundamentais da existência em que a inteligência estiver ligada à carne, cativa dos cinco sentidos e do cérebro com as suas miríades de células.

Não escrevo como alguém detentor de autoridade. Este pequeno esboço da jornada da alma em relação à terra, é escrito com base na minha própria experiência e conhecimento. Não se pode dizer de forma alguma que seja a última palavra sobre a matéria. Estou preparado para admitir erros se conhecer alguma alma de experiência mais ampla do que a minha, que possa demonstrar de forma eficaz e indubitável que o materialismo transcendental dos primeiros Teosofistas é uma doutrina sã e verdadeira, e que o ciclo recorrente de nascimentos e mortes de uma alma, prossegue e continua durante muitos séculos, e talvez mesmo por uma era do tempo.

Quando uma alma nasce num corpo imperfeito isso deve-se ao facto de que numa existência anterior ela ter cometido erros de cujos resultados só poderá escapar submetendo-se a esta

experiência específica. A alma aparentemente sujeita à inibição de um idiota, por exemplo, opera no plano material e colhe, vagamente, certas lições da sua vida terrena. Na verdade, homens tais como os tiranos e os inquisidores muitas vezes reencarnam como idiotas ou imbecis. Eles terão, do outro lado da morte, aprendido a solidarizar-se com o sofrimento das suas vítimas e a compreendê-las. Isso por vezes assume um carácter tão terrível que o centro da imaginação do perpetrador fica desorganizado e ele é condenado a existir em toda a sua encarnação seguinte num estado de desequilíbrio mental. Ou seja, ele é atormentado pela memória dos seus pecados passados, dominado que é pelos pesadelos e fantasias que os seus próprios atos geraram e que são intensificados pelo conhecimento de que as suas desafortunadas vítimas anseiam por vingança.

Não existe nenhuma lei definida acerca da reencarnação. Num determinado ponto do seu progresso, a alma reflete, pesa e considera os factos da sua própria natureza em conjunto com a sua vida passada na terra. Se formos primitivos, essa meditação será mais feita por instinto — uma espécie de pensamento emocional — que nos desperta as profundezas do ser. Então o espírito ajuda-nos a escolher o nosso futuro. Gozamos de total livre arbítrio, mas o nosso espírito indica o caminho que devemos seguir e frequentemente obedecemos a essa indicação.

Tenham em mente que o poder por trás de cada ser humano reside na imaginação. Ele preserva o passado na forma de memória, mas a menos que seja temporariamente fixado em moldes da sua própria criação, ele cria no presente, acrescentando a si próprio, subtraindo a si próprio, afastando de si próprio. Reconheçam sempre o poder renovado intrínseco a cada centro de consciência. Nesse poder reside a esperança do futuro do homem, por mais baixo que seja o nível da sua vida espiritual.

O estudante da jornada da alma perceberá, pois, uma variedade infinita se considerar as viagens até mesmo dos seus companheiros no mundo do pós-vida — a passar e voltar a passar os limites, a existência no estado físico e no estado etérico. Porque cada alma difere de todas as demais. Não há duas iguais em carácter e natureza. A sua fantasia criativa irá invariavelmente produzir variedade, diferença.

Assim sendo, não pode haver lei que abranja todo o campo da vida consciente com respeito à teoria da reencarnação. Quando confrontados com este problema, melhor seria que os dogmatistas ficassem em silêncio, e cruzassem as mãos em reverência ao Divino Mistério que, na sua criação, ordenou que esses centros, as essências das coisas vivas, cada uma na sua variada maneira, encontre o seu caminho de volta para Deus, para aquela vida bem-aventurada e sempre criativa vida encerrada na Imaginação Cósmica.

Uma alma que entra num corpo material pela primeira vez está, em geral, relacionada espiritualmente com algum membro do seu Grupo e, tão estreito é esse relacionamento, que pode assumir o carma da alma mais velha. Esta última terá porventura experimentado quatro ou cinco encarnações na terra. Ainda não está inteiramente purificada, não adquiriu toda a experiência terrena necessária à sua evolução. Adquire-a, porém, de duas maneiras:

(1) por meio da participação na (ou acesso à) memória do grupo, cujas condições descrevi:
(2) através da relação psíquica que estabelece com uma alma jovem que assume o carma, e adota o padrão criado pela sua vida ou vidas terrenas anteriores. Reconhecer-se-á, pois, que está ligada psiquicamente a esse parentesco que é, de facto, em parte criação sua e que, enquanto tal, é testemunha da trajetória terrena desse viajante e a sua própria vida espiritual sai assim enriquecida.

As almas são centros de imaginação, mas algumas são incapazes de penetrar na mente do Criador, pelo que ao perceber que elas são indignas e incapazes de alcançar a imortalidade, o espírito do Grupo condena-as à desintegração. Foi por isso que intitulei o meu primeiro livro de 'O Caminho para a Imortalidade' e não 'O Caminho da Imortalidade,' porque alguns ficam pelo caminho: mas nada é desperdiçado, nada fica perdido. Embora a alma se tenha desintegrado, as suas memórias e experiências são retidas pela alma-grupo e adquirem valor para os membros dessa comunidade.

É minha convicção segura de que alguns desses raros seres que eu designo pelo termo *"Homem do Espírito,"* experimentam apenas uma encarnação no mundo da matéria e sou da opinião de que Cristo não foi uma encarnação de Eliseu nem de nenhum outro ser humano. Cristo foi a expressão limitada do Todo, o Verbo feito carne. Ele veio apenas uma vez à terra e então voltou para o Pai. A longa história da evolução psíquica não era necessária a Cristo: nisso reside o segredo da divindade que O caracteriza. Jesus de Nazaré foi Filho de Deus por ter descido à terra e, após ressuscitar, ter passado através de todos os sete níveis de consciência, e alcançado sem impedimentos a união com o Criador. Não era necessário que Ele existisse nesses diversos outros planos dentro dos diversos mundos criados pelas almas viajantes. Pois já era Deus, já Ele tinha aquele poder espiritual que O capacitou a manter todos os universos ao alcance da Sua consciência, no contexto de um amor abrangente.

"Cada um, na sua memória, é o elo que estabelece para todos nós a história de Glaston como um todo contínuo. Então, eu, estando ligado no espírito a Eawulf que descende dos Dinamarqueses da antiguidade, vejo com os olhos dele, ouço com seus ouvidos dele e revivo na minha própria vida espiritual a vida que ele viveu em seu tempo. . .. O mesmo sucede com Eawulf, assim como o Abade Kent que tinha um grande apreço pelo Mere (lago) e aí encontrava conforto e prazer, continua comigo e em mim, e eu nele para ver o pôr do sol espelhado nas águas e ouvir a maré vinda nas bordas do Lago Cock antes de ele me atingir sobre o querido Mere. Assim, estando unidos e, no entanto, separados – unidos na simpatia e ainda separados na medida em que ele é ele e eu, Johannes – assim, digo eu, temos e vivemos cem vidas onde antes vivêramos apenas uma. Assim somos. Não será o Paraíso dos Santos, e não o Purgatório dos Pecadores, que todos habitamos, louvamos e em que nos regozijamos como um só?"

In: "O Retorno de Johannes"

Capítulo V
AFINIDADES

Já me perguntaram se cada ser humano tem outro afim, se é verdade que existem as duas metades que formam o todo. Apenas em certos casos raros duas pessoas são tão psiquicamente parecidas que se pode dizer que sejam o complemento uma da outra; cada qual fornece aquelas qualidades básicas àquela simpatia de que o outro carece. Em tais casos excecionais, as duas almas podem ser descritas como as duas metades do todo. E elas sempre sofrem um sentimento de perda, uma vaga inquietação de insatisfação quando o amado está ausente, ou não foi descoberto por elas durante a sua vida terrena.

Nos planos superiores, as afinidades fundem-se e perfazem uma unidade psíquica. Muitas vezes essa unidade floresce de uma forma primorosa, e o ser que se funde pode fazer uma importante contribuição para a alma-grupo. Por outro lado, em certas circunstâncias, essa unidade psíquica isola-se do Grupo em razão da independência desenvolvida por esse amor completamente absorvente de um pelo outro. Esse isolamento pode retardar por algum tempo o progresso e, inevitavelmente, as afinidades terão que entrar em algum momento em comunhão com a alma-grupo para partilharem as experiências dos muitos, através de cuja assimilação, se podem preparar para a vida cósmica e desdobramento cósmico.

Maiores são as tentações e dificuldades, mais requintadas as alegrias daqueles indivíduos que, por causa da estrutura psíquica que possuem, podem ser descritos pelo termo "afim." Muitas vezes tais almas percorrem um caminho solitário; porquanto as alegrias da vida e da luz os abandonam quando o amado se encontra distante, ou não pode participar da comunhão em nenhum sentido da palavra — ou seja, durante o período em que eles percebem plenamente a sua natureza nos diversos capítulos que compõem a sua jornada pela eternidade.

Capítulo VI
OS DOIS ASPECTOS

O homem inteligente precisa notar a dualidade que prevalece por todo o universo. Sol e lua, noite e dia, eletrão e protão, macho e fêmea - que se apresenta aos pares à sua observação. No entanto, deve-se sempre ter em mente que eles são dois aspetos da unidade, Unidade essa que é o Espírito.

No meu tempo, a igualdade dos sexos era debatida de forma acalorada e muitos indivíduos sustentavam a ideia de que as mulheres eram inferiores aos homens e incapazes de assumir as responsabilidades tal como eram incapazes de apreciar os privilégios da cidadania. Tal conceção só poderia surgir de uma crença instintiva do materialismo. Aqueles que olhavam além desta presente vida e das limitações da estrutura física, e que tinham fé num universo espiritual, obrigatoriamente reconheciam, se é que chegavam a pensar com claramente, que a fonte inspiradora de tudo não era masculina nem feminina, mas o Espírito; que as mulheres,

assim como os homens, possuíam almas; e que além disso eles, igualmente como os seus pais e irmãos, eram inspirados por Aquele em quem vivemos e nos movemos e temos a nossa existência.

É lamentável que Deus ou o Espírito Eterno tenham sido alvo de uma denominação. Pois a ideia de que a divindade é predominantemente masculina transmite uma sugestão de inferioridade às mulheres, que, ao longo dos séculos, que exerceu um efeito prejudicial sobre o seu carácter. Os seus dons foram muitas vezes atrofiados, as suas ambições frustradas e desenvolveram pequenos e mesquinhos vícios por serem constantemente relegadas a um posição subordinada e dependente.

Em questões de sexo, contudo, os seres desencarnados são forçados, pela própria experiência, a adotar a visão mais vasta. Pois eles percebem que, em relação ao nascimento e à morte, na maioria dos casos a alma que foi um homem numa vida torna-se mulher na existência terrena seguinte. Se, fisicamente, ele tiver desenvolvido características masculinas demasiado vincadas poderá, quando compelido através das tendências do seu carácter, nascer no corpo de uma mulher, e trazer à sua vida consciente toda aquela masculinidade acumulada. Então ele evoluirá nesse infeliz tipo chamado mulher-masculinizada, e além de exibir qualidades tão pouco femininas, encontra prazer na companhia de mulheres e não na de homens.

Por outro lado, certos indivíduos que levaram uma vida essencialmente feminina numa encarnação passada são impelidos, pela impressão profundamente arraigada que isso provocou, a buscar companheirismo e até mesmo a cortejar críticas e desprezo, por se recusar a levar a vida normal e equilibrado do homem.

Quer se trate de homens ou de mulheres, sejam tolerantes com essa gente. Eu não sugiro nem por um instante que a imoralidade deva ser encorajada, mas tenham em mente que, devido aos seus erros numa vida anterior, a mulher excessivamente feminina pode tornar-se um homem efeminado, e o macho marcadamente viril pode tornar-se numa mulher masculinizada. Ambos os tipos sofrem consideravelmente pelas limitações que lhes são impostas por um sexo que não expressa a temperamento fundamental da sua natureza. Para eles, a vida pode ser um conflito longo e angustiante entre os dois aspetos — ou seja, entre o tipo masculino que se expressa através de uma forma feminina, ou o tipo feminino que se expressa na forma masculina. Tem que haver um reajuste constante; a prática de um certo controlo pessoal e vigilância para que a amargura não se desenvolva e destrua a alma.

Nestas questões não pode haver regra rígida porque, conforme acabei de explicar, o nosso carácter nesta vida pode ter sido formada em uma vida anterior quando pertencíamos ao sexo oposto. Normalmente é apenas no caso de tipos extremos masculinos ou femininos que encontramos essa atração pelo mesmo sexo persistente na encarnação seguinte. Quando isso ocorre, temos apenas que perceber que aqui nos encontramos diante de um tipo que pode ser perfeitamente explicado se reconhecermos que não constituímos uma nova criação apenas aqui e agora, mas que possuímos uma história que é temporariamente oculta e que pode, se

procurada por meio de experimentos, revelar um inevitável desenvolvimento em vez de uma inversão hedionda e inexplicável das leis que regem a psique.

A chamada "velha solteirona" da era Vitoriana era psiquicamente, via de regra, um homem bastante tolhido, atrapalhado e sobrecarregado pelas características desenvolvidas de uma vida anterior. O velho solteirão desagradável e amargo, mesquinho e ganancioso, incapaz de partilhar com os demais, é, psiquicamente, na maioria dos casos, uma mulher que traz para esta vida todas as tendências colhidas de uma existência feminina limitada numa encarnação anterior.

O idealista e buscador sincero de uma vida nobre deve, pois, manter no seu espírito um senso da fragilidade comum que nos caracteriza, um sentimento de compaixão por toda a humanidade. "Olha, pela graça de Deus ali vou eu,"* deveria ser a senha que devia adotar enquanto ele percorre os anos.

**(NT: Proferido por John Bradford, enquanto assistia a um grupo de prisioneiros que estava a ser conduzido à execução.)*

Se os sóbrios e devotos, os defensores da tradição não fossem, em muitos casos, materialistas, eles reconheceriam o facto muitas vezes repetido de que a alma não é nem masculina nem feminina, e de que a psique não tem sexo. Claro que estas verdades não são, porventura, inteiramente realizadas por um ser desencarnado. Através das experiências por que passei no pós-vida, cheguei a apreender o significado das palavras proferidas por São Paulo: "Por um só Espírito somos todos batizados em um só corpo, quer Judeus, quer Gentios, escravos ou livres; e todos levados a beber de um Espírito." Do mesmo modo, no que concerne à mente e à alma, não existe homem nem mulher, mas todos são um em Deus.

Poder-se-á alegar que São Paulo não teve, durante a sua vida terrena, tal visão dos homens e mulheres. Mas devemos ter em mente que ele foi muito influenciado pela tradição oriental, pela natureza e carácter da sua raça. Cristo, o Supremo Mestre, não sugeriu em nenhuma das suas expressões que nos foram relatadas, que a mulher fosse fundamentalmente inferior ao homem. Com efeito, na atitude que Ele adotou com respeito às mulheres e em toda a Sua vida, Ele pareceu expressar a visão de que a psique não é masculina nem feminina, que somos todos igualmente filhos do Nosso Pai.

Quando o homem chegar a perceber sem margem para dúvida o lugar que ocupa na eternidade — que tem diante de si a grande aventura cósmica — ele deixará de acreditar que a forma física seja importante ou que o detentor de um corpo feminino esteja, em razão disso, condenado a uma posição de inferioridade. Seja um indivíduo masculino ou feminino, as suas únicas pretensões de superioridade assentarão na posse de uma mente nobre, de uma visão elevada da alma e da sabedoria que não tem idade por ser divina.

Capítulo VII

O DIA DO ARMISTÍCIO

O dia onze de novembro poderia muito bem ser chamado de "Dia de Todas as Almas." Porque os pensamentos de milhões são direcionados para os seus mortos nessa fatídica manhã — os mortos que foram da terra na sua esplêndida juventude — que pareceu aos que ficaram para trás, terem sido privados da plenitude da vida, privados da beleza, do amor e da experiência; de todas as alegrias que vêem ao homem no seu auge, daquela serenidade que pode ser deles quando os anos seguintes os recolhem no silêncio da idade.

Mas os seres humanos pecam na crença que nutrem de que uma geração tenha entrado no silêncio não realizada, negada na sua herança, no seu direito de nascença. Os jovens que morreram na Grande Guerra passaram de um mundo de turbulência e de dor para um Reino que, na sua paz essencial, na sua liberdade relativa da disciplina do sofrimento e da desilusão, proporciona realização, harmonia e beleza que não podem ser medidas em termos terrenos, que não podem ser creditadas à imaginação humana. Falo, é claro, da flor da humanidade, daqueles jovens esplêndidos que deram a sua vida em espírito de sacrifício por cada nação. Não me refiro àqueles que eram de um calibre diferente e baixo, aos milhares de almas brutas e não formadas que pereceram nessa altura.

Esses estavam destinados a seguir o padrão de guerra que tinham vindo a tecer ao longo dos tempos. Mas as almas jovens e imaculadas que pareciam ter sido lançadas tão impiedosamente para fora da vida terrena, nada perderam, através da sua morte precoce, mas ganharam imensuravelmente. Eles ficam felizes quando o Dia do Armistício retorna ao pensamento daqueles que os amam, renova as velhas intimidades, e os atrai, não de volta, mas para o que a Igreja chamou: Comunhão dos Santos.

O termo "santo" na antiguidade, não significava uma figura lendária embelezada por uma auréola, nem indicava meramente um homem de grande santidade e pureza. Era aplicado àqueles seres humanos íntegros que pertenciam à multidão e viviam de modo tão decente e humano quanto possível de acordo com a luz que tivessem.

No Grande Dia dos Vivos, no onze de Novembro, as almas dos seres humanos vão ao encontro dos seus parentes para renovar os laços de amor e ternura com aqueles maridos, irmãos e filhos que morreram na Grande Guerra. Eu chamo-o "o dia dos vivos," por ser a única data consagrada no ano pela Igreja e pelo Estado no nosso país para a recordação dos chamados mortos. E, por nesse dia os pensamentos dos seres humanos se congregarem, serem coletivos, alcançam as alturas e as profundezas do mundo além da morte, e há regozijo entre os eternos, por eles, pelo menos temporariamente, não estarem mortos para aqueles que eles amaram e deixaram para trás na terra.

Somente no esquecimento, no esmaecimento do amor, há negação da vida. Contanto que, homens e mulheres, durante um dia do ano, revivam a memória dos falecidos, esse mesmo dia

será, para nós seres desencarnados, uma coroa de vida. Vivemos então na renovação do amor, na renovação da promessa de que o amor é mais forte que a morte. Esse festival da vida no dia onze de Novembro deve ser realizado em todas as cidades, e todas as terras ao longo dos anos posteriores. Pois recorda ao pensamento de cada membro da multidão irrefletida, o facto de que ele é um mero viajante na terra, e que passa das trevas para uma sala iluminada e passa bem cedo para o Desconhecido de novo.

Se, por dois minutos no ano, o homem da rua enfrentar esse facto, tanto melhor ele ficará por isso. Se, por dois minutos no ano, os muitos milhões de Europeus e das raças de língua Inglesa forem compelidas a esse Silêncio, a pensar nos chamados mortos, então as barreiras cairão para os seres desencarnados, e eles, unindo-se assim com os seus parentes mais uma vez, serão sensíveis à imortalidade do amor.

Por fim, o Grande Dia dos Vivos, nos seus dois minutos de silêncio, é uma promessa de paz, e devia ser um lembrete para a geração mais jovem, do horror vil e bruto da Grande Guerra. Quaisquer que sejam as mudanças efetuadas — e a mudança surge rapidamente no vosso mundo inquieto — deixem que a celebração do dia 11 de novembro permaneça sobre a mudança para somente através dela todas as gerações manterem a fé com os mortos heroicos.

Mas se essa fé tiver que se cumprir verdadeiramente, todos aqueles que observaram o Silêncio, devem pronunciar no seu encerramento a declaração fervorosamente proferida de que irão, no ano seguinte, pelo melhor da sua capacidade, trabalhar pela paz do mundo. Se a ideia da paz acompanhar a palavra enunciada, e se ela acompanhar o orador ao longo do dia, então haverá, com efeito, alguma certeza de que a guerra mundial não seja de novo conhecida na vossa geração.

Os homens e as mulheres tornaram-se pessimistas. Chegam mesmo a achar que nenhum propósito útil seja atuado com os dois minutos de silêncio observados no Dia do Armistício. Estas minhas palavras destinam-se a inflamar a imaginação, a mostrar ao homem que, nesta herança dos anos de guerra, ele possui um grande momento simbólico que deve expressar a noção que tem da imortalidade e acima de tudo, a determinação sincera da sua parte de que a paz seja mantida na terra.

Capítulo VIII
11 DE NOVEMBRO DE 1934

Então a reunião acabou e os mortos, que deram a sua vida pela causa Aliada, tomaram parte nessa comunhão de dois minutos. Mas e com respeito à Alemanha e a toda aquela geração de soldados Alemães? Observarão eles os dois minutos de silêncio nesse dia que eu reivindiquei como estando acima da mudança?

Não, o onze de Novembro é, para a raça Teutônica, um dia de humilhação em que, para eles, a sua observância não seria possível, pois fala apenas de esperanças arruinadas, de grandes e crescentes ambições que não foram cumpridas; fala de um dia que anunciou a dissolução do Impérios Alemão e Austríaco e dos anos de sofrimento em que, na pobreza, muitos milhares de Alemães comeram apenas o pão da amargura.

Deus sabe como os pobres de outros países também sofreram. Mas o onze de Novembro, se posto à parte como o Grande Dia dos Vivos, deve permanecer distinto no sentido de que nenhum Alemão ou Austríaco poderá participar na sua celebração, poderá nesse dia juntar-se ao que deveria ser uma comunhão não limitada nem por raça, credo, nem cor. Eu entendo que os Alemães observam dia 21 de Novembro e comemoram então as suas conquistas militares, os seus triunfos armados particulares durante a Grande Guerra. Se as pessoas de muitas raças se juntarem numa declaração de trabalho pela paz, uma vez por ano, o povo da Alemanha e da Áustria deveria fazer-lhes companhia. E aquela poderosa nação, a Rússia, pode não ficar sozinha, pois os Eslavos também são nossos irmãos.

Não sugiro que tenha chegado o momento de propor que a celebração do Dia do Armistício numa outra data durante o mês de Novembro, um mês que de forma tão peculiar diz respeito a esse período especial em que os pensamentos dos homens se voltam para os que partiram. Mas eu exorto as pessoas atenciosas a ter em mente o significado do dia 11 de Novembro para muitos milhões que não são da nossa raça e que o conhecem apenas como um dia de medo, humilhação e amargura.

Seria bom, contudo, que todos os esforços fossem feitos para a promoção da ideia de uma promessa de paz proferida no dia 11 de Novembro, após os dois minutos de silêncio. Nenhum compromisso específico se acha envolto nas palavras: "Eu, prometo a mim próprio a trabalhar pela paz pelo melhor que for capaz durante o próximo ano. Pois todos os homens são meus irmãos e todas as nações e raças são uma em Deus." Se esse juramento dos pacifistas fosse enunciado em voz alta por muitos milhões em todo o mundo, a seguir os dois minutos de silêncio ano após ano, com o tempo essa gente obteria uma noção daqueles outros irmãos, aqueles milhões que ainda não podem ser chamados nossos irmãos por não poderem participar da celebração e do juramento no Grande Dia dos Vivos nessa hora fatídica de Novembro.

E poderemos por fim esperar um momento em que os representantes de todos os países Europeus considerem a proposta de que o Dia do Armistício seja observado numa data que não carregue qualquer lembrança amarga, lembrança de orgulho humilhado, de angústia sombria. Deveria ser observado no mês de Novembro, naquela estação que, por pertencer ao final do

ano, evoca a ideia daqueles que partiram, tão falsamente chamados de 'mortos', que na realidade apenas continuaram a sua jornada numa eternidade abrangente.

PARTE II

ALÉM DA PERSONALIDADE HUMANA

NOTA - O Mapa de Existência que abre a Parte II já foi esboçado no volume anterior. Reproduzido aqui a pedido do suposto comunicador com acréscimos feitos por ele. Para aqueles que não leram "O Caminho para a Imortalidade," esta correção faz-se necessária.

Beatrice Gibbes

"Unicamente a vaidade do homem o leva a supor, em geral, que ele deva ser o primeiro visitante de Marte. Pode já ter havido visitantes de outros planetas, ou, com efeito, os Marcianos nos venham a visitar antes que os nossos foguetes (1952) tenham subido vinte milhas (32 Km.) acima da terra. Seria difícil provar que eles já não estejam connosco, considerando os esforços que empreendemos dotados do interesse de um especialista em bacteriologia pela sua cultura mais recente."

(Prof. Low: 'O Nosso Maravilhoso Mundo do Amanhã'.)

Capítulo IX

O MAPA DA EXISTÊNCIA

O comunicado que se segue é um índice, ou melhor, um itinerário, da jornada da alma.

(1) O Plano da Matéria (O início e desenvolvimento da Personalidade Humana).
(2) O Hades ou Estado Intermediário.
(3) O Plano da Ilusão (O Paraíso Flor-de-Lótus).
(4) O Plano da Cor (O Mundo de Eidos).
(5) O Plano da Chama do ardor (O início e desenvolvimento da Personalidade Cósmica).
(6) O Plano da Luz.
(7) O Além, a Eternidade.

Entre cada plano ou novo capítulo da experiência segue-se uma existência no Hades, o estado intermédio, em que a alma revisa as suas experiências passadas e define as suas escolhas, e decide se vai para cima ou para baixo na escada da consciência.

O Grupo-Alma: Um grupo de consciência psíquica ou comunidade de almas. Dentro do Grupo as afinidades espirituais reúnem-se. É um, e ainda assim, muitos. O espírito animador fornece uma unidade, é o princípio de integração.

A Primeira Camuflagem (o corpo material).

A Segunda Camuflagem (o corpo de um ser desencarnado no Terceiro e Quarto níveis de consciência).
A Terceira Camuflagem (O corpo estelar, um símbolo da consciência solar).

Capítulo X
PARA ALÉM DA PERSONALIDADE HUMANA

O conteúdo dos ensaios que se seguem diz respeito ao preparo necessário ao peregrino caso ele, no pós-vida, se aventure além do Terceiro plano de consciência, caso ele passe gradualmente do seu isolamento de unidade psíquica e, se torne um em espírito com as almas do seu Grupo, caso ele dê o salto na evolução e passe verdadeiramente além da personalidade humana.

"Cada corpo é movido por algo além dele próprio. Na sua própria natureza, não é dotado de movimento próprio. Somente pela comunicação na alma ele é movido a partir de dentro, e unicamente por apenas a alma deter a sua vida."

Este princípio, invisível às perceções sensoriais, controla a forma composta de sangue, carne e nervos. Quando a mente se acha ausente, o corpo não pode mover-se. A mente está, pois, além do corpo.

Caso tenham testemunhado o fenómeno da morte súbita, reconhecerão intuitivamente o significado deste argumento. Um homem que padece de uma debilidade cardíaca está a brincar, a rir, a tagarelar, a viver ao máximo, e de repente cai morto. Dentro de dois ou três minutos essa alegria, movimento e vida são silenciados. Jaz, sobre a terra, uma forma inerte já negativa, inteiramente desprovida da capacidade de expressão, sem poder para expressar pensamentos, para mover mãos ou pés, para rir, protestar, afirmar que existe apenas a vida do corpo, e que o corpo é que perfaz o homem. Mas eis que o homem parece estar ausente, estar de viagem! Em suma, tudo o que parecia constituir esse ser humano, essa querida personalidade humana alçou voo; ainda está lá, contudo ali está ele, uma forma inanimada, um cadáver, um corpo já em desintegração que precisa ser rapidamente afastado, ocultado sob a terra.

Aqueles que testemunharam a morte súbita devem achar difícil manter a sua fé na existência de uma máquina destituída de alma, na crença de que o ser humano consista unicamente no corpo, que aqui é não mais do que o colapso de um mecanismo de carácter muito frágil.

* * *

Descrevi a alma como "a consciência emergente" - a soma do ser, em cada patamar da escada da vida. Os indivíduos não materialistas acreditam, e muito bem, que a entidade humana consiste num corpo, alma e espírito. Mas poucos têm consciência de que após a morte o

objetivo do homem altamente desenvolvido, ou peregrino, conforme o designo, seja o de alcançar sucessivamente o Quarto e o Quinto planos. Sobre este último, tendo rompido as tramas que o confinavam, e ao fundir-se com a alma-grupo, retém a sua individualidade, mas passa além da personalidade humana e, assim, é finalmente capaz de progredir para o Sexto plano. Retém essa personalidade humana em maior ou menor medida enquanto permanece num corpo etérico no Terceiro plano.

Mas quando ele atinge o Quarto estado ou mundo de Eidos, e vive conscientemente no reino da forma pura, ele começa gradualmente a retirar-se dessa manifestação reconhecível, a sua personalidade humana. Esse mundo, ou reino, é uma obra-prima de pura beleza, que descrevi como o protótipo da terra, só que esta última situa-se tão abaixo dele em conceção, que só se pode dizer que se assemelha a ele, tal como se poderá dizer que uma cópia da Mona Lisa feita por um amador inexperiente se parece com o original.

A unidade psíquica é um membro da alma-grupo e pode ser identificada com a personalidade em cada nível de consciência — primeiro com a personalidade humana e depois com a personalidade cósmica. Mas enquanto viver conscientemente no mundo da *Ilusão*, a individualidade do homem não é a do *Eu Maior*. Ele ainda é apenas aquela porção do *eu* que se manifesta na matéria. *O Eu Maior* possui o conhecimento de toda a sua história anterior, bem como da história daqueles que fazem parte do seu Grupo, que se acham intimamente ligados a ele e fazem parte do seu padrão particular. Pode invocar diretamente o espírito inspirador do Grupo e é o canal entre o homem e essa fonte de sabedoria.

Uma vez em Eidos, a alma gradualmente torna-se nesse *Eu Maior;* e antes de deixar o Quarto plano para o Quinto é já esse ser grandioso. A passagem de uma consciência à outra por parte do ser humano, quando tem intercâmbio com os seus falecidos durante o sono, pertence àquela secção da vida universal que eu descrevi como o *"Grupo-Alma."* Os membros de um grupo são emocionalmente atraídos uns para outros seja pelo amor ou pelo ódio. O amor pode ser descrito como um dos princípios cósmicos da gravitação. Ele atrai-os para o vosso amado, mesmo que ele ou ela esteja num plano superior de consciência, mesmo que a morte pareça estabelecer temporariamente a grande barreira do silêncio, o horror de uma ausência que, conforme alguns acreditam erroneamente, é eterna.

Em muitos casos, grandes homens, profetas e artistas supremos entraram num grupo que é completo ou praticamente completo no que diz respeito à comunicação individual e pessoal com os seres humanos. A maioria das unidades que compõem esse grupo — ou companhia — de almas, busca, pois, o Quinto e o Sexto planos, e assim passa além da personalidade humana. Assim, para eles, no sentido humano pessoal, este planeta de segunda categoria que parece impressionante e abrangente aos seus habitantes, é um mero ponto numa viagem passada, uma região ou estado que não tem nem interesse nem qualquer vínculo de amor ou ódio. Em boa verdade, eles ressuscitaram. Pertencem agora a um mundo que avança cada vez mais para as coisas divinas — para os planos superiores da vida espiritual.

Almas grandiosas podem muitas vezes levar vidas de completa obscuridade. Conhecidos apenas por uns quantos íntimos, são ignorados pelo mundo em geral, e quando os membros do seu próprio círculo imediato passam adiante, nenhuma memória deles permanece, não resta ninguém que testemunhe vidas de tão altruísta e elevado esforço por que se possa dizer que exemplifiquem o herói no homem. Tais almas inspiradas podem residir na pessoa de trabalhadores da indústria, balconistas, pescadores e camponeses. Vidas primorosamente vividas às quais nenhuma expressão articulada — no mais amplo sentido — é dada, mas que podem ainda manifestar de forma suprema uma grandeza e uma beleza inspiradas diretamente pela alma-grupo; assim, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, no mundo invisível.

Assim, passar despercebido, ignorados pela multidão na sua última jornada terrena pode ser a sorte de muitos desses que eu intitulo de *"Homens-da-Alma."* Mas através dessa mesma obscuridade, desse anonimato, através dessa existência aparentemente negativa e frustrada, eles preparam-se para o momento em que irão assumir uma personalidade mais vasta.
Infinitos, porém, em diversidade são os caminhos os quais os peregrinos percorrem até aquele ponto da jornada na eternidade em que, tendo feito uma pausa e feito um balanço do passado, entram como nadadores inexperientes naquele mar desconhecido que chamo de *Oceano Cósmico.*

* * *

Pode-se dizer que o grande empreendimento no Quinto plano seja o desenvolvimento do eu em relação à tribo psíquica. Pelo termo *"tribo psíquica"* desejo indicar uma extensão do Grupo, que abarca todos aqueles outros seres de uma ordem diferente que tendem a coalescer, relacionar-se e fundir-se em harmonia connosco nos níveis mais elevados da existência.

Então, em verdade, as velhas limitações humanas começam a desaparecer, pois começamos a pensar em termos cósmicos e assim, começamos a tornar-nos cósmicos. Estamos no início de um novo capítulo na nossa evolução, estamos a começar a aprender que não somos estranhos num vasto universo, aberrações a quem, por acaso no seu passado, foi dada a excecional experiência de viver no plano da Matéria, de existir num corpo físico.

O receio de uma individualidade assim, o medo de um universo que parece hostil no seu silêncio, existe no nosso subconsciente durante as nossas encarnações e no Terceiro plano. Contudo, no Quinto plano, o medo desaparece e tornamo-nos conscientes da companhia das almas, da tribo psíquica, que são todas mais do que irmãs para nós. Reconhecemos o universo como nosso amigo, ao descobrirmos gradualmente a multiplicidade de fios que nos ligam íntima e perfeitamente a ele. Percebemos — assim como sentimos — a relação fundamental que temos com os planetas, o sol, a lua e todo o vasto sistema estelar.

Esses cordões subtis são apenas memórias que datam de eras do tempo — as cicatrizes de lutas sinistras, marcas que indicam velhas feridas dolorosas, o brilho caleidoscópico colorido

da alegria recordada, a radiância esplendorosa do êxtase tranquilo. Toda essa experiência armazenada pertence à tribo psíquica; e para o Grupo a recolha de uma colheita dessas não tem preço no sentido espiritual, por encerrar não só lembranças e memórias terrenas de Eidos, mas encerrar igualmente a soma de experiências da contribuição daqueles membros da Tribo que encarnaram em planetas nos diversos sistemas solares e viveram como *seres-flâmula* no diâmetro das estrelas giratórias. Amplamente diferentes são as oferendas de todas as psiques quando começam a reunir conhecimento, a partilhar divinamente, a atrair o universo para dentro do seu próprio ser e assim derrubarem a divisão, o isolamento, o terror e a solidão, procuram encontrar a sua afinidade integral com o universo uno antes de partirem na sua última aventura, a descoberta de universos externos ao nosso, e a descoberta da harmonia que temos com Deus — o nosso ingresso para o Mistério da Imaginação Criativa Cósmica.

O MISTÉRIO DE MARTE

Alguns astrónomos creem que acabarão por conquistar o espaço e desvendar o mistério de Marte. Este planeta, com as suas luas que o acompanham, Deimos e Fobos, mais os seus vastos desertos e topografia impressionante, haveria necessariamente de oferecer aos seus habitantes um tipo diferente de vida daquela conhecida pelo homem que, através do seu telescópio, mapeou mais ou menos corretamente as suas características geográficas reais. Alguns indivíduos instruídos são de opinião que, se medirmos pelo tempo pelo relógio da terra, nenhum ser encarnado existe nesta era atual em Marte. Todavia, há muitas centenas de anos atrás foi o lar de uma vida inteligente e individualizada. Nessa era muito distante os Marcianos, em aspeto e carácter vibratório, apresentavam proximidade com os do homem; e se a ciência astronómica se encontrasse então no atual estado altamente desenvolvido em que se encontra, os Marcianos, sem dúvida, seriam capazes de estender saudações aos seus irmãos na terra, pois embora muito inferiores a ele nas artes e graças da vida, nas matemáticas e nas ciências, eles estavam muito mais avançados e eram incomensuravelmente superiores ao homem da atualidade.

Embora habitantes do planeta da guerra, eles aprenderam a subjugar o espírito bélico e a superar os males da superabundância de nascimentos. Marte foi pouco povoado, e devido aos riscos de poder ficar sem alimento — que eram muito objetivos — eles controlaram-se e limitaram-se estritamente na quantidade, buscando em vez disso a qualidade, e ofereceram assim um exemplo desejável aos seres humanos. Uma morte devida à hostilidade da natureza ao invés de uma morte pela guerra era a ameaça que ensombrava a vida de todo o Marciano. A luta pela obtenção dos meios de vida prosseguiu incessante; e o medo da natureza nesse planeta austero governou-lhes a existência de tal maneira que eles se ocuparam de modo demasiado profundo com esse problema para se envolver, como o homem faz, nos processos destrutivos da guerra.

Eu falei do passado em relação à vida inteligente e manifesta do planeta Marte. Pois foi-me permitido contemplar o esquema das coisas e dar uma vista de olhos a seções de um eterno presente, parte dele potencial e ainda por vir a ser, e parte dele do passado. Mesmo assim,

durante o que poderíamos denominar a presente era terrestre, gira no espaço um planeta que corresponde a Marte e que exemplifica detalhadamente as condições que acabei de descrever.

Mas antes de prosseguirmos, parece fazer-se necessário discutir e talvez estender o significado das palavras *"vida"* e *"encarnação."* Admitamos que elas impliquem inteligência, individualidade, existência em algum tipo de corpo semelhante na estrutura aos corpos materiais conhecidos do homem. Isso não quer dizer que os cinco sentidos do ser humano possam apreender e registar a aparência e o carácter dos indivíduos existentes noutro planeta. Tomaremos, por exemplo, a título de ilustração, a história dos Marcianos e a ela nos referiremos no presente. À noite eles têm que suportar uma temperatura muitos graus abaixo de zero. Geada de uma severidade incrível prende-se ao chão, e prende-o com mais segurança do que o aço pode prender. As horas claras do dia trazem calor, sem dúvida, mas a diferença de temperatura é considerável. Em segundo lugar, a atmosfera é tão densa quanto a que prevalece no topo das altas montanhas conhecidas do homem. Forçoso será, pois, que em estatura e composição os Marcianos devam diferir em alguns aspetos dos seres humanos comuns que, em verdade, não conseguiriam suportar a existência no planeta deles.

Assim, a textura é tecida de uma forma mais fina. Assim, as vibrações do corpo de um Marciano são mais profundas e de maior intensidade do que as vibrações de qualquer um dos organismos vivos na Terra. Supondo que tivesse sido inventado um telescópio que conseguisse registar todos os pequenos detalhes de vida visível em Marte, o astrónomo haveria de procurar em vão pelo seu homólogo; ele haveria de acreditar que contemplava um mundo do qual a vida inteligente e animada se achava inteiramente ausente. Contudo, com uma afirmação dessas ele haveria de estar enganado. A sua visão, por mais aguçada que fosse, por mais que o seu telescópio procurasse, certamente não encontraria seres humanos semelhantes àqueles que habitam a terra. Mas se algum cientista inventivo pudesse ter imaginado e construído um aparelho subtil altamente elaborado com base no princípio do radio ele poderia, porventura, ter captado sinais que indicavam a presença de uma inteligência misteriosa e individualizada nesse outro globo remoto.

VÉNUS

Vénus, a deusa dos jardins para os Romanos, e Afrodite, deusa do amor para os Gregos, despertaram a imaginação de muitos poetas nos tempos antigos. Eles aclamaram-na como Fósforo e Héspero, estrela da manhã e da tarde. Consagraram-na em versos, contudo não conseguiram, salvo através da fantasia, da rima e da história, criar a sua imagem; e de nenhuma outra maneira poderiam eles ter, senão através da imaginação, descobri-la na realidade.

Desde que me aventurei, há cerca de trinta e cinco anos atrás, por uma existência pós-vida, tenho, de forma intercalada, buscado o conhecimento planetário. Contudo, como não atingi o Quinto plano, não posso entrar e habitar conscientemente dentro da vida memorizada das estrelas guardadas no celeiro da minha tribo. Mas apurei através de outros viajantes que

avançaram mais no caminho, que, em algum momento, existiu - ou há de vir a existir — encarnação no planeta Vénus, e que terá implicado — ou há de vir a implicar — uma existência diferente em certos aspetos da vida do homem. Assim, os habitantes de Vénus poderão ser (ou vir a ser) chamados de filhos da água e do vapor. Embora a muitos títulos semelhantes na estrutura aos do homem, os seus corpos vibram com intensidade e são de uma qualidade que sugerem uma ordem de existência diferente da de qualquer habitante, selvagem ou civilizado, que vive ou viveu, no mais denso de todos os planetas. Homens aventureiros poderão esforçar-se por penetrar, a partir da terra, o espaço com instrumentos cada vez mais delicados a fim de descobrir se Vénus é habitado. Mas a sua busca será vã, porquanto os seus instrumentos fracassarão no registo do invólucro imponderável e impalpável do indivíduo que um dia pode vir a caminhar por esse estranho mundo.

Durante este presente século XX — no sentido em que o materialista entende o significado da palavra "homem" — nenhum homem existe nos planetas ou planetóides do nosso sistema solar. O ser humano pode orgulhosamente pavonear-se na sua pequena terra e alegar que da sua espécie, ele é o único a ser dotado de vida, a mover-se e a respirar neste circuito das estrelas. Mas estará redondamente enganado se afirmar que não existe existência inteligente e animada nos corpos celestes, em outros sistemas solares.

Ele conhece apenas a matéria ou substância que responde aos seus instrumentos, que diretamente lhe invade os sentidos. Como ousará ele, na sua ignorância e com a breve história que possui, sugerir que não exista nenhuma outra substância, nenhuma ordem diferente de matéria que possa ser governada pelos mesmos princípios que os que conhece, mas que possa ser incapaz de ver por ser estrangeiro e estar sujeito às limitações do mais denso de todos os corpos sólidos que giram em volta do nosso sol?

Para alguns poderá parecer um pensamento triste que o homem esteja tão só e não possa saudar nenhuma raça companheira: que nenhum ser inteligente que seja identificável pela visão e pela audição habite aquelas maravilhas que ele pode encontrar, numa noite clara, nas profundezas escuras e tremendas do espaço. Mas a confiança pode suceder se ele perceber que existem pelo menos cem milhões de sistemas solares dentro do nosso pequeno universo acolhedor e que, esparsamente dispersos no firmamento, existem planetas similares no carácter ao planeta terra sobre os quais vibram seres humanos de natureza semelhante à nossa. Os sentidos humanos são capazes de perceber e registar o seu aspeto externo e o da sua abundante vegetação, tão abundante como nas regiões férteis da terra.

O clamor arrogante do homem que não tem um deus, nem qualquer conceção exceto a da aniquilação, ainda sobe até nós nas asas do pensamento. "Não vive criatura mais sensível, mais sábia que o homem, nos campos semeados de estrelas do céu." Assim declara ele as limitações da sua imaginação e se envolve na nuvem escura e ilusória da razão. Mas nós não vamos olhar para o universo sempre a partir de fora. Nós vamos — quer enquanto seres encarnados ou desencarnados — de testemunhar sempre do ponto de vista exterior as grandes forças que estão a operar com um propósito que haverá de estar para sempre ocultado dos homens.

O amor, o poder e a sabedoria — essas três coisas são a força motriz, a corrente cósmica que emana da Hierarquia Divina que, quais servas de Deus, guiam e controlam o planeta Terra. Essa hierarquia consiste num número de almas-grupo que, do Quinto nível de consciência, dirige e organiza a vida, e é responsável até pelas partes mais ínfimas do projeto — por que cada átomo, cada eletrão encontre o seu lugar no esquema dos grandes poderes dinamizadores. Ordem, método e harmonia reinam na estrutura do mundo material. Muito por trás de tudo o que existe, de agradável ou desagradável à vista do homem, há um espírito que opera infatigavelmente, organizado a diferentes níveis.

E embora o homem tenha o poder de escolher (no âmbito dos limites da sua personalidade de grupo, ele é mestre de seu destino), a poderosa estrutura da terra, dos mares e o seu movimento através do espaço são todos controlados e calculados até a última casa decimal por certos grupos que viajaram até o plano de *Chama*. Estes ainda não possuem nenhum conhecimento significativo dos universos externos ao universo que reconhecemos como o nosso. É necessário que tenhamos participado da vida imaginativa no plano de Luz para que possamos aventurar-nos por aquelas outras manifestações triunfantes da Sabedoria Criativa Cósmica.

Eu sugeri, porventura de forma irrefletida, que a Hierarquia das Almas que, sob a direção de Deus, guiam e controlam o planeta Terra, seja formada por mestres em matemática. Eles poderiam mais corretamente ser descritos como artistas. O seu trabalho, conquanto equilibrado e harmonizado, não se expressa no seu carácter manifesto nem na precisão exata que é exigida pelo matemático humano. O desígnio, conforme eu disse, é calculado até a última casa decimal, mas quando representado comporta variedade. O eletrão, por exemplo, parece ter uma certa independência própria e agir de maneira inconsistente com a exatidão precisa de uma máquina. Pois é a imaginação do artista em vez da do matemático que cria e mantém o universo invisível, a própria coisa criada torna-se criativa, e nisso reside um dos segredos da vida e do destino.

O PARAÍSO FLOR-DE-LÓTUS, OU MUNDO DA ILUSÃO

Durante a nossa jornada pela eternidade assumimos três camuflagens. Podemos ser seres encarnados, seres desencarnados, e seres-Chama, em cujo caso possuímos uma forma ou corpo reconhecível àqueles desse plano ou além desse nível de consciência. Existem muitas subdivisões nessas estruturas primárias; existem igualmente formas de luz. Contudo, o "Corpo de Luz" não pode ser descrito como uma camuflagem, por expressar a imaginação cósmica individualizada, a verdade na sua integridade, a perfeita beleza que ultrapassa a compreensão humana.

Contudo, não vou escrever sobre esse último mistério agora, vou discutir os graus mais baixos de morada. O templo da alma difere em certos aspetos essenciais dessas três ordens ou graus da manifestação. Via de regra, um ser encarnado não pode alterar o seu corpo por um

ato do pensamento nem mesmo por uma meditação prolongada. Claro que existem casos excecionais. Eu não incluo nesta declaração os Sábios do Oriente nem aqueles raros Ocidentais que, ao longo dos tempos, possuíram conhecimento secreto pelo qual eles podiam apelar ao *Eu Maior*, e através da convocação do espírito raiz efetivavam a alteração através do seu poder. Tampouco me refiro à gente simples que em todos os séculos e climas, em raros momentos de fé suprema, podem convocar para si os divinos mensageiros da Sabedoria Criativa. Em circunstâncias dessas, os seres humanos curaram milagrosamente enfermos, curaram algum membro doente, ou restauraram a visão a cegos.

Escrevo sobre o homem comum que não possui tais dons espirituais quando digo que ele não pode, pelo mero pensamento, alterar profundamente a sua forma física, embora para o ser desencarnado a Mente e os seus poderes tenham um significado que em muito excede o limite dos sonhos humanos. Mesmo no mundo da Ilusão, chamado maravilhosamente pelos Orientais "O Paraíso Flor-de-Lótus," através esforço mental, a alma pode alterar o seu corpo etérico em considerável medida. Com efeito, os seres encarnados podiam ser comparadas às estrelas fixas, e as inteligências desencarnadas às estrelas variáveis.

O peregrino sábio que reside no mundo de Eidos descobrirá um prazer considerável na variedade de aspetos que ele aprendeu a cultivar por meio desse processo puramente imaginativo. Como muito estudante de arte, ele pode ser um pobre pintor sem talento mais os seus pinceis, e o corpo que ele desenvolve, embora belo aos seus próprios olhos, pode parecer feio, vulgar ou grosseiro àqueles que, detentores de bom gosto e maior sensibilidade, possuem uma apreciação refinada dos valores espirituais e ascéticos.

Mas é nas zonas mais elevadas do mundo da Ilusão que o peregrino inicialmente descobre todas as potencialidades da Mente, e aprende — pensando de uma certa maneira, modificando as próprias características particulares — a obter um efeito particular na cor, nas características e nos contornos gerais que lhe transformará surpreendentemente a aparência. Nas zonas mais baixas do Paraíso Flor-de-Lótus, ele permanece dentro da concha das suas recordações passadas. Está bastante satisfeito consigo próprio, exceto num aspeto — o da sua aparência externa, cujo caráter mas não faz qualquer tentativa de alterar exercitando os dons com os quais ele foi dotado, embora pela convocação da *mente mais vasta* ele transforme a sua casca exterior à vontade. Atrasando o relógio, por assim dizer, ele assume a forma da juventude, retrata-se nos termos do vigor dos vinte e poucos da vida terrena quando ele se encontrava no limiar da maturidade.

Agora, devido a uma imaginação defeituosa e características fortemente marcadas, ele difere pouco do quadro que apresentou em jovem durante a sua vida terrena. Ele ainda é inteiramente governado pelas memórias que trouxe consigo dessa existência, e ainda não consegue escapar do molde em que a sua personalidade foi fundida. Consequentemente ele é incapaz de fazer o esforço mental criativo necessário que lhe permitisse conceber a beleza que concedesse originalidade, riqueza e variedade à conceção. Ele permanece, pois, essencialmente, o produto do seu próprio período particular de vida humana.

A ânsia comum do viajante fatigado é por um período plácido de satisfação, durante pelo menos um tempo em que ele não precise fazer esforço, mas viva imaginativamente, se o destino o permitir, com os seus amigos íntimos ou parentes. Ele existe, pois, nas condições que prevalecem na morada do bem-aventurado conforme concebido pelos antigos teólogos. Na conceção desses teólogos o paraíso proporcionava alegria, porém não evolução. Eles supunham que a jornada estivesse terminada e a meta alcançada para o homem virtuoso quando atingisse o Terceiro plano de consciência. Os sacerdotes de uma seita oriental descreveram convenientemente esse objetivo e o estado que o acompanha como o "Paraíso Flor-de-Lótus." Essa designação dada ao nenúfar Egípcio evoca a visão de um sonho lânguido, um contentamento tranquilo e sem esforço, em que as coisas permanecem especificamente inalteradas, em que a flor de lótus da vida é banhada por águas tranquilas, e ao repousar assim sobre a sua superfície formosa, haveria de parecer ao pensador superficial representar, com efeito, a vida eterna.

No entanto, tal suposição é falsa. A alma experimentou a encarnação na matéria e pode ter que passar por outra experiência de carácter semelhante ou, ao se tornar por fim insatisfeita com a existência do nenúfar, ela busca a vida mais nobre de Eidos. Assim, vemos que a eternidade não pode ser descartada em algumas frases resumidas que descrevam um estado de existência sem esforço e alegre que se estenda de forma ilimitada, que não propicie margem ao esforço e forneça apenas a monotonia da satisfação dos desejos humanos. Quando passamos da vida terrena a nossa personalidade comporta tão sérias limitações que passado um tempo estamos destinados a defrontar-nos com um fim para ela. Então, ao despertar em nós o desejo espiritual de progresso, ansiamos por mais desenvolvimento seja para o bem ou para o mal, mas enquanto permanecermos dentro dos limites da personalidade humana nenhum progresso real poderá ser alcançado sem esforço, sem perturbação, sem sofrimento e sem estresse emocional.

Contudo, a diferença entre as duas camuflagens, a de encarnado e desencarnado, pode ser definida como uma mudança no efeito que o pensamento tem sobre as condições externas, na medida da relação que tem com os objetos e as aparências que nos cercam a alma. A terceira camuflagem, o corpo de chama, geralmente é assumida pela alma viajante quando atinge a zona inferior do Quinto plano.

SERÃO OS PLANETAS HABITADOS?

Os astrónomos afirmam que Úrano tem sessenta e quatro vezes o tamanho da Terra. Eles consideram Mercúrio como uma esfera morta e fria desprovida de atmosfera. A luz do sol brilha continuamente desde um céu praticamente negro salpicado de uma quantidade escassa de estrelas, e a bênção da noite parece ser negada a esse orbe. Saturno é mais leve que a água e é o menos denso de todos os planetas. Eles notam com relação a Neptuno uma nuvem envolvente de gases desconhecidos e, com verdadeira intuição, suspeitam da presença de um planeta além desse, aparentemente mais distante. Depois Júpiter, com os seus oito satélites,

surpreende-lhes a imaginação. Pois esse corpo celeste excede em massa e volume a soma de todos os outros planetas do nosso sistema solar. Já discutimos Vénus e Marte e apontamos a guarnição do seu mistério. Mas diante de Júpiter ficamos confundidos e bem que podemos sentir-nos tão impressionados quanto o homem clássico quando ele ouvia trovões de Jove e observava o relâmpago enquanto ele se arremessava pelos céus de verão.

Para a mente humana finita com o seu senso de futilidade e o seu desejo de provar que nada é desperdiçado e que há propósito na existência de cada fragmento do universo, Júpiter, devido ao enorme volume que possui, apresenta um problema em comparação com o qual todos os planetas menores com os seus exércitos de planetóides, cometas, satélites e asteróides são insignificantes.

De onde, para onde e porquê? Essas três questões assombram o astrónomo enquanto ele trabalha infatigavelmente as suas observações e cálculos. Mas sempre por trás dessas dúvidas espreita a equação pessoal, o desejo de apurar se esses corpos celestes estão — e sempre estarão, do ponto de vista humano — desertos e mortos, meras coleções de partículas de que mentalidades individualizadas se achem ausentes, sobre as quais a vida materializada não exerça domínio.

Acho que posso responder com uma certa margem de segurança se disser que, durante algum período da história do universo, seres encarnados vivem e evoluem nos planetas do nosso sistema solar. É muito mais difícil falar com segurança sobre o carácter da inteligência e a maneira por que ela se expressa. Tenham em mente apenas que esse tipo de existência inteligente animada é associada à primeira ordem de camuflagem, de modo que conhece algumas das limitações que tanto cruelmente nos confinam quando vivemos na terra. Os feitos heroicos e os longos e dolorosos esforços, os gozos duramente conseguidos, os prazeres sensuais, físicos, e o mal e o bem que são inseparáveis da existência humana, pertencem também à vida encarnada sempre que ela aparece e evolui em Marte, Vénus, Mercúrio, Úrano, Neptuno, Saturno, Júpiter e naquele andarilho que está além da visão telescópica do astrónomo.

O indivíduo racionalista não precisa lamentar os aparentemente estéreis resíduos que se estendem surpreendentemente através destes vastos mundos. Todos foram, ou hão de vir a ser, o lar de seres dotados de alma que, durante um breve período de existência sobre eles, são controlados por centros de imaginação, possuem caracteres imaginativos, e, quando entram noutro estado da consciência, assumem a segunda camuflagem, a do ser desencarnado.

Agora, em algum momento durante a sua jornada pela eternidade, os homens podem experimentar a encarnação num corpo celestial diferente do da terra que eles conhecem; e quando no Hades todos se conscientizam de que em algum período, seja passado ou futuro, eles estiveram ou virão a estar ligados por meio da sua alma grupal com os habitantes de um ou mais planetas que giram no universo.

Claro que devo de novo enfatizar o facto de que nenhuma lei de ferro prevalece. A maioria das almas pertencentes à ordem humana não conhece a vida encarnada em nenhum planeta exceto a terra, mas encontra na sua memória de grupo o conhecimento e a sabedoria colhidos por outros membros da sua tribo de um período organizado de anos passados nos corpos celestes enquanto usam a primeira camuflagem.

É verdade que existem unidades psíquicas que não ascendem a Eidos até que tenham experimentado a vida em mais de um planeta. E eu estou certo de que nenhuma alma que tenha conhecido ao máximo as alegrias criativas associadas ao mundo da forma pura, precisará recear ter que enfrentar outra existência planetária. No entanto, se animado por um espírito de curiosidade ou algum anseio meio satisfeito de retomar à primeira camuflagem e retornar a um dos corpos celestes, em casos raros pode ser autorizado a fazê-lo. Mas, via de regra, a sua natureza espiritual e a consciência de uma visão cada vez maior, conduzi-la-á às alturas; chamá-la-á ao *mundo da Chama*, àquele nível de consciência onde a perceção, o conhecimento e a imaginação se estendem poderosamente, e reúne em si lenta mas garantidamente o conhecimento dos espaços interestelares, o conhecimento da terceira forma de camuflagem, das vestes brilhantes como estrelas e daqueles (para nós) fogos incandescentes que iluminam os céus quando o dia termina.

Encarem, pois, o mundo ou estado além de Eidos, como o limite de onde nenhum viajante retorna para retomar a sua personalidade humana limitada. Considerem esse nível de consciência como a condição mais profunda da imortalidade, o começo da personalidade cósmica. Todos os que partilham desse espírito de alto esforço poderão cruzar esse limiar e, parando no limiar de Imensidões para olhar para trás, poderão perceber as limitações da primeira forma de camuflagem bruta e densa, e a perfeição da segunda camuflagem mais refinada. A sua forma perfeita incorpora uma beleza tal como a que sonharam os grandes escultores Gregos e pela qual os grandes poetas, músicos, pintores e profetas de todos os tempos se deixaram inspirar.

Permanecendo assim, o indivíduo poderá sentir-se solitário, abandonado ou confuso, mas deverá inevitavelmente enfrentar as Imensidões, por o seu próprio espírito o impelir e o vínculo do Grupo o atrair, mas ele não hesitará mais assim que perceber que em algum lugar nesses reinos mais distantes está à sua espera a chave do universo e a solução do mistério da sua existência. Aí também encontrará ele a resposta para o *donde*, *aonde* e o *porquê* das miríades de estrelas, as distantes nebulosas, os vastos espaços diante do enigma de cuja conceção a imaginação humana gira, e a alma se encolhe com espanto e temor.

Ele segue em frente extasiado ante a ideia de que agora ele perceberá o universo a partir de dentro, as portas do conhecimento escancarar-se-ão, a perceção e a visão revelar-se-ão ilimitadas. No entanto, mesmo agora ele pode não perceber quão terrível será a luta e esforço ou quão aguda a dor que ele pode ter que suportar antes de ser admitido ao domínio dos Sábios, e subir ao trono da personalidade cósmica.

Capítulo XI

O HOMEM SOLAR

Eu avancei até Eidos, o Quarto plano, o mundo da forma idealizada. Mas só me aventurei no Quinto plano quando no estado subjetivo. Assim, o conhecimento que tenho restringe-se forçosamente às condições que existem quando a personalidade humana é gradualmente descartada. Depois do peregrino ter mais uma vez vivido a experiência do Hades, ele é iniciado na vida recordada no âmbito da sua alma-grupo, colhida da encarnação planetária. Ele toma igualmente consciência de todas as gradações da sua personalidade humana passada e da de todos aqueles que viajam com ele ao longo do caminho. Ele colheu, num sentido mais subtil, as intuições, tendências e caráter fundamental do seu Grupo. Ele ainda tem que travar conhecimento com aquela extensão dele que chamo de "tribo psíquica." Os primeiros passos a serem dados nessa direção levam a alguma experiência individualizada da vida estelar. Ele assume, pois, a terceira forma de camuflagem, e adota o símbolo da consciência solar, o corpo chama. Escolhe nascer numa estrela permanente ou estável dentro da Via Láctea.

A VIDA NAS ESTRELAS FIXAS

Os átomos solares são de um tipo diferente dos átomos terrestres - perecem com uma rapidez inconcebível. Mas quando a alma assume a terceira forma de camuflagem no Quinto plano, o peregrino vive num ritmo e um tempo diferentes do tempo terreno e existe numa espécie de fluxo ou corrente. A estrutura atómica da estrela que ele escolheu para sua morada é de carácter tão incomum, que haveria de surpreender o físico terrestre. Esses átomos deviam ser divididos em duas classes. Os da primeira, que chamarei de "átomos radiantes" (luminosos), diferem dos da segunda ordem na extensão aparente da sua vida solar.

Eles desintegram-se rapidamente, enquanto os átomos da terra alteram-se muito lentamente ao longo da extensão corrosiva dos anos. Não obstante, no coração da estrela, o físico encontrará uma condição análoga à da água. Esse centro de estabilidade — porque quando comparado com a parte externa ou radiante pode ser considerado como constante apesar de fluídico — é composto de um tipo de átomo muito mais pesado do que aqueles que eu chamei radiantes. Não me cabe a mim discuti-los em detalhes. Se o olho humano pudesse existir em tais condições e registar o que percebesse, o núcleo dessa estrela haveria de parecer representar um vasto mar de água fervente ou borbulhante, um mar num estado de tumulto inconcebível.

Contudo, estamos atualmente interessados na vida individual do viajante. Ele assume um corpo ígneo, isto é, um corpo constituído de átomos luminoso. Forçoso será que não apresente semelhança com a forma humana. Em Eidos ele aprendeu a alterar e ainda assim a controlar a sua aparência visível, aquele corpo adorável que é a apoteose da forma conforme concebida na ideia humana. Assim, agora, uma vez na vida estelar, ele desenvolveu e ampliou a sua imaginação e faculdades intelectuais a tal ponto que vai além da perceção da existência

humana. Com incrível velocidade, o seu aspeto externo altera-se, as transições surpreendentes que sofre fluem ritmicamente de conceção para conceção requintada. Em clarões velozes de êxtase ele vibra nesses corpos sucessivos, palpita e pulsa num mundo de brilho imenso. Arrastado pela tempestade solar até os limites mais distantes do sentimento, ele torna-se tão vividamente percetivo, que poderá ser tido na conta de ter atingido um plano culminante de exaltada experiência estelar.

O homem que foi assim transformado permanece durante um tempo numa das estrelas fixas; ele é restringido a esse sol particular no seu conhecimento e nas suas experiências. Forçosamente, quando assume uma encarnação solar, o *Eu Maior* deve permanecer sem a sua consciência estelar e os detalhes da sua jornada passada permanecer temporariamente ocultados dele durante a vida ativa dentro dessa zona de fogo.

Tentem eliminar da vossa mente o medo natural humano das chamas e estabeleçam uma conceção superior e subtil em seu lugar. Considerem o fogo como a manifestação externa de uma forma mais requintada de consciência sintonizada de forma mais sensível do que a vossa. Reflitam por um instante nos milhões de estrelas que povoam a Via Láctea, e então considerem aquelas outras miríades de estrelas vermelhas, brancas e azuis fora do sistema galáctico e interroguem-se se não será fantástico sugerir que devam ser centros de uma manifesta existência inteligente. Para a mente humana, elas são infinitas em número e vastas na sua circunferência. Porque na realidade, todas as inteligências finamente graduadas experimentam a encarnação em um dos milhões de globos luminosos que, numa marcha ordenada viajam pelo espaço, com todos os seus movimentos regulados, a sua posição nos céus concebida até a última polegada.

A Imaginação de Deus criou o universo material e criou os inúmeros seres que existem nas estrelas fixas, bem como nas estrelas variáveis, nas Cefeidas* e nas estrelas explosivas, e nas nebulosas extra galácticas. O homem e as almas afins que ocupam corpos planetários acharão difícil acreditar que a mente individualizada se manifeste em matéria de constituintes que diferem no tipo daqueles que compõem o corpo físico. Na realidade, um número muito maior de almas habitam os reinos estelares; e se um espectador distante pudesse ver o universo do Sexto plano, ele notaria que a assim chamada vida humana é, relativamente falando, rara enquanto a vida solar predomina ou é um lugar-comum do espaço-tempo. Mas nós precisamos considerar o espaço e o tempo estelares como sendo muito diferentes das conceções terrenas. Nenhuma mente finita poderia compreender o significado ou mesmo começar vagamente a estimar a velocidade a que vibram, a fantástica velocidade e as mudanças formológicas que sofrem, que ocorrem com tal rapidez que se tornam invisíveis ao olho humano, imponderáveis demais para serem descritas como "corpos" no caso, por exemplo, dos habitantes de Sírio, a Estrela-Cão branca.

**(NT: Gigantes ou super gigantes amarelas)*

Esta candeia dos céus arde com uma intensidade feroz muitas vezes mais intensa que a do sol. Aí a alma, ao pensar com uma rapidez inconcebível, é capaz de viver em ambientes aparentemente permanentes, embora para o homem — se ele pudesse ao menos percebê-lo - o ser solar haveria de parecer mudar e piscar de uma forma para outra, parecer de facto tão transitório quanto o próprio relâmpago. No entanto, o peregrino que habita um globo de luz própria, tal como o homem habita a terra, tem uma perceção permanente do seu ambiente, de si próprio e da sua aparência externa. Subjetiva e objetivamente, porém, ele estende de modo supremo a visão e o sentimento; ele alcança profundidades e alturas que estão realmente além da compreensão da alma humana, enquanto essa alma permanece confinada na estrutura lenta, densa e atómica da terra.

Sejamos bastante claros quanto à natureza dos organismos habitados, por exemplo, na nossa amiga Sírio e em outras estrelas permanentes. Uma vez que o átomo tenha sido classificado, mais facilmente poderá a mente humana contemplar e, porventura, aceitar a ideia de uma raça solar de homens. Vamos supor que por todo o sistema galáctico de mundos existam três divisões dos átomos.

(1) O átomo terrestre.
(2) O átomo solar radiante = responsável pela luz e calor do sol, o material de que os corpos dos homens solares são feitos.
(3) O átomo solar pesado = de carácter líquido, que constitui o centro do sol e das estrelas estáveis.

A história real de uma estrela habitada, em regra, corresponde numa medida notável à história da terra, pelo menos em relação à vida individualizada inteligente. Os homens solares* experimentam os processos evolutivos lentos. Nem sempre se encontram no mesmo nível de desenvolvimento. Possuem dentro de si consideráveis potencialidades durante o período em que a vida é possível num globo luminoso. Durante a longa crônica solar, desdobram-se gradualmente, buscam a expressão, e o estado último do homem solar é uma condição na qual tanto a sua existência como a estrutura real dos corpos ígneos é de uma ordem muito mais complexa e sensibilizada. Certos princípios universais relacionados com a encarnação aplicam-se aqui conforme se aplicam na terra.

**(N.T.: Com respeito à afirmação um tanto fantástica de o sol ser habitado por seres vivos, remete-se o leitor interessado para a obra 'Hafed' do célebre médium David Duguid, em que um falecidos pintores Flamengso Jan Steen e Jacob Ruisdael afirmam que o sol é habitado (e Cora Richmond) e os mundos do nosso sistema solar também o são, por seres mais etéreos e menos físicos. Com respeito à estrela Sírio, o seu maior expoente será porventura Lazaris. Com respeito às condições de vida de escuridão temporária após a morte, remete-se o leitor para a obra 'Oscar Wilde no Purgatório' da autoria da mentora de Geraldine, Hester Dowden, em que ela Geraldine, aliás, tomou parte direta.)*

É lugar-comum afirmar que as nebulosas deram origem às estrelas, as lançaram no alvorecer da criação e, aparentemente, as arremessaram pelo espaço a girar. Nesse inconcebivelmente tempo vetusto — estou a escrever sobre o sistema galáctico — átomos de todos os tipos compunham a constituição das estrelas. Átomos radiantes encontravam-se numa turbulência exuberante — num movimento e dança frenética eles irromperam em radiação. Imenso, terrível, o clamor e a tempestade do seu brilho à medida que irrompiam e se afastavam do seu parente ígneo.

A vida solar inteligente não poderia existir nas estrelas durante a sua longa infância. Esses átomos de vida curta criaram condições impossível para mentes encarnadas individualizadas, ou até mesmo, para a existência de qualquer criatura controlada pela mente impessoal. Só mais tarde, quando as primeiras convulsões de conflagração passaram para a memória universal, e quando a energia ígnea foi temperada pela evasão do material mais combustível, é que a estrela se tornou habitável, pode viajar de forma regular e contínua devido ao carácter mais estável dos átomos de vida mais longa que agora vieram à tona e puderam servir de veículos para as manifestações dos homens solares, ou oferecer uma oportunidade de experiência encarnada à tribo psíquica. Chegará um momento em que aquelas estrelas da Via Láctea, que agora contêm biliões de seres luminosos, não mais serão habitáveis. Com a velhice, a vida cessa; os anos frutíferos vão-se para sempre; o globo encolhido deixa de poder fornecer os átomos radiantes necessários que possam ser moldados como corpos, e que proporcionem à mente, metaforicamente falando, tijolos para o templo da alma.

Assim, um enorme número de estrelas desertas vagueia pelo espaço, gerando apenas uma débil radiância, com superfícies encolhidas que não oferecem sustento para a encarnação solar de um fragmento do Espírito Eterno.

O NASCIMENTO DO HOMEM SOLAR

O termo "*homem solar*" não deve sugerir a mentalidade nem a perspetiva do homem comum nem do homem heroico. Quando uma alma nasce numa estrela, pode-se dizer que um grupo de *seres-chama* é responsável pelo nascimento. O amor nesse plano assume um carácter cósmico e comunitário. Vários indivíduos solares que correspondem entre si e que são duais em carácter, sentem durante a sua juventude o impulso do amor e do desejo criativo. Eles surgem juntos e através de uma partilha de todas as coisas eles são capazes de dar à luz um novo *ser-chama* que de repente, e maravilhosamente, salta adiante da fusão da imaginação de ambos. O esforço, a luta e a longa paciência do artista são condições necessárias de nascimento nos reinos estelares. Aí o carregar uma vida deve ser chamado a "modelagem e definição" ou configuração da vida. Pois a imaginação e não o corpo, carrega o ser embrionário e o amor intima a alma que aguarda a entrar no quadro dessa fantasia imaginada, e ele é, pois, adicionado e incrementado pelo impulso conceptual cósmico efetivo.

Para fins de criação, a ideia de dois amantes precisa ser descartada. Pode haver seis, oito, dez ou doze, e embora haja dualidade dentro do grupo, todos partilham por igual do trabalho

de parto que, fiquem certos, consiste num trabalho emocional, espiritual e estético do âmbito imaginativo. Só que o corpo não carrega o indivíduo emergente. Dentro da tempestade emocional e êxtase de um grupo, o amor contido apenas na natureza estética, amável, criativa, é o germe de onde brota o ser estelar completo que evoluirá e crescerá até atingir a maturidade no espaço-tempo solar. Fiando, desfiando e fiando novamente em formas finas e luminosas que vêm e vão, a alma encarnará em formas fantásticas, incríveis e incompreensíveis à inteligência humana finita.

A tremenda taxa de velocidade em que uma população solar vive está em conformidade com o carácter da matéria solar. Uma condição estelar descrita pelo astrónomo como meramente gasosa, encerra vida vibrante, esforço criativo e inteligência, numa escala maior do que qualquer conhecida do homem. Lá, exterior e interior, visível e invisível marcham como que ao mesmo compasso, e em relação à velocidade do pensamento e à transformação das aparências exteriores é praticamente a mesma coisa. Lá, nenhum corpo pesado deixa de acompanhar a inteligência brilhante, ou as perceções sensíveis, e assim por fim a existência cósmica objetiva torna-se possível à alma.

* * *

Em certos aspetos, o mesmo princípio governa o aspeto externo de seres encarnados e desencarnados. Como o *corpo-chama* é composto de átomos materiais, o indivíduo tem não, via de regra, o poder de recriar a sua aparência por meio de um ato de pensamento. O princípio de inteligência está associado à forma ígnea da mesma forma que a inteligência humana está associada ao corpo físico. A alma assume, pois, as limitações característicos à estrutura atómica. Mas certamente que estas diferem imensamente daquelas inerentes à experiência do ser humano. Pois, conforme afirmei anteriormente, essas formas vêm em procissão, uma a passar para dentro da outra, cada qual por sua vez a fluir em radiação ou brilho com uma rapidez indescritível. Eu costumava aludir à corrente de consciência, e bem que poderia igualmente bem falar da corrente da forma em relação à vida do homem solar. No entanto, a imaginação acelerada, a consciência bastante ampliada que possui levou-o a possuir uma conceção inteiramente diferente de tempo. A velocidade e variedade das suas vibrações levam-no a reconhecer - tal como o homem reconhece - uma certa solidez e permanência no seu ambiente.

O corpo do ser humano muda por completo a cada sete anos do tempo terrestre. O corpo de o homem solar é inteiramente transformado — nenhum átomo permanece o mesmo — numa fração de um segundo terrestre. Mas a mente do ser humano vibra com espantosa lentidão. Ela desce, com efeito, ao ritmo físico, enquanto a mente do ser solar está sintonizado com uma vida e uma experiência muito mais velozes. A inteligência de um, pode ser comparada em termos de movimento à velocidade de uma lesma, a inteligência do outro à velocidade de uma andorinha. E mesmo assim justiça não é feita à espantosa rapidez do pensamento nem à ação complementar que tem nos reinos das estrelas.

Uma fantástica imitação da vida material representa o seu drama na superfície desses globos brilhantes. Todas as emoções, paixões, são de uma ordem diferente da dos homens, e sem dúvida, eles comportam uma intensidade de sentimento que certamente haveria de destruir um ser humano tal como a violenta explosão de uma bomba a seus pés.

As vidas nos dois mundos dificilmente poderiam ser comparadas, nem há palavras em qualquer linguagem terrena que transmita corretamente as minúcias diárias de trabalho, prazer, esforço e descanso em qualquer estrela resplandecente. Durante a sua existência solar, os habitantes estelares não conhecem mais a noite do que Adão e Eva conheceram o mal e o bem antes de provarem o fruto proibido, e embora a doença — conforme o homem entende o termo — seja desconhecida, uma incapacidade por parte da alma de vibrar em ritmo harmonioso com a mudança rápida do corpo, pode levar à fraqueza e a uma certa dissociação análoga aos estados de inconsciência. Por fim, o homem solar enfermo pode passar por completo da associação com os átomos ígneos dos quais a sua aparência externa é composta.

Nesse caso, dir-se-á que ascendeu para a vida celestial ou que passou da limitação para a infinita expansão da consciência. Esse processo não deveria ser descrito pela palavra "morte," pois em nenhum sentido é análoga à morte conforme a conhecida pelo homem. Chega um momento em que o princípio intelectual e espiritual não mais domina e controla o corpo. Mas a alma vibra com um alegria sublime no momento dessa passagem, e nenhuma figura lendária com foice colhe lavoura imemorial como essa. Designe-se, pois, tal experiência como de "expansão rumo à personalidade cósmica."

LUZ NAS ESTRELAS

Embora a noite não predomine, a luz altera-se em certos períodos em carácter e qualidade e o homem solar busca no sono revigorar-se e renovar as forças. Durante o sono, bem como nas horas de vigília o corpo muda, e uma estrutura atómica segue outra automaticamente — a menos, é claro, que o ritmo seja quebrado, uma condição que o médico numa estrela reconhece como tendo a sua origem na vida imaginativa do paciente ou no anseio pela liberdade cósmica.

A luz que torna o ambiente visível aos homens solares não seria registada por nenhum maquinismo terrestre nem certamente pelos sentidos humanos. Eu poderia chamar tal luz eletricidade "sublimada" ou "subtilizada", ou chamar-lhe radiação suave e cintilante dentro de um brilho mais denso; radiância mais grosseira essa que tem o aspeto de substância para o homem solar. Contudo, o irmão cósmico do sol é percebido como luz múltipla por um ser solar, e essas múltiplas luzes no espaço são tão infinitesimais que, embora coletivamente emitam um brilho adorável, ainda assim a vista mal consegue percebê-las. Tenham em mente que nenhum gás ou eletricidade conhecido pertence a essa ordem de iluminação. Será necessário que os cientistas entrem no Quinto plano e vivam ao nível cósmico antes que possam procurar estudar a luz conhecida dos seus irmãos solares.

A oitava de cor haveria de surpreender e encantar qualquer artista humano pela diversidade que apresenta, enquanto a gama de sons é igualmente imensamente estendida. O som e a cor desempenham um papel essencial na existência estelar comum. Eles parecem proporcionar de alguma forma obscura nutrição aos seres solares e fornecer certas condições essenciais para uma vida saudável e vigorosa.

ESPÍRITOS NÃO HUMANOS

Não mencionei, até agora nos meus escritos, elementais nem outros espíritos não humanos. Com tais esses refiro certas criaturas que nunca encarnaram em qualquer planeta. Algumas que pertencem a uma ordem de natureza diferente da nossa que desejam o progresso, procuram nascer num dos mundos-Chama. Não assumem a forma de homem solar, pertencem a uma ordem de seres que corresponde à do mundo animal da terra e não são diferentes da lendária salamandra que, ao mesmo tempo, dizia-se, vivia no fogo.

Nos mundos estelares esses elementais e espíritos não-terrenos podem adotar outras formas, e elas são muitas vezes inteiramente diferentes na aparência. Por vezes imitam a da serpente e outras vezes a do dragão, uma criatura mítica que, no entanto, pode ter existido na terra antes do alvorecer da história. Na sua camuflagem solar, tem sido um habitante constante dos mundos combustíveis que rodopiam pelo espaço com tão magnífico alcance e vida radial. Consequentemente, essa vida elemental varia bastante nas estrelas e, embora não possa ser comparada, numericamente falando, à fauna da Terra, as suas unidades possuem partes importantes a desempenhar nos seus mundos brilhantes e cada qual contribui com a soma da sua experiência para o Todo através da associação que tem com a sua própria alma-grupo.

LÍNGUA E RELIGIÃO

Neste mundo os pensamentos são transmitidos por sons assim como por cores, e não letras, servem de meio primordial para a transmissão de ideias. Quadros de imagens substituem a impressão terrena; e essas imagens são de um carácter de tal modo indescritível que nem tentarei discuti-las em detalhe aqui. Esses quadros não sugerem imagens no sentido estritamente terreno; são imagens que se desvanecem umas nas outras e que no entanto, por meio de um processo engenhoso, retêm uma certa permanência e podem durar várias gerações de homens solares. Mas para que elas possam ser preservadas, e não dissipadas através da veloz passagem dos átomos para a radiação, são nomeados homens a quem chamaremos de "bibliotecários ou artistas conservadores."

Por meio de cálculos velozes e da atração de pigmentos de tipo semelhante por meio de uma força magnética que atrai semelhante para semelhante, esses bibliotecários aprenderam a reproduzir contrapartes exatas dos escritos retratados em cores frescas fiéis ao original. É verdade que tais manuscritos se alteram um pouco com as mudanças nesse ritmo febril de tempo; mas no geral, a história, poemas ou escrituras mantêm o carácter integral que lhe foi

estampado pelo seu autor - ou seja, caso o conservador seja tão fiel à sua tarefa como o era o sacerdote terreno que zelava pelo fogo eterno em lugares sagrados nos tempos antigos.

Na aparência externa, o mundo estelar mantém uma certa estabilidade ou permanência de carácter para com os seus habitantes porque, intelectual e materialmente, viajam pelo tempo a uma velocidade incrível. De facto, o tempo figura na sua fantasia tanto quanto na fantasia de homem — é o ritmo da sua própria consciência. Além disso, lembrem-se, estruturas atómicas similares no mundo circundante substituem as anteriores através de uma lei de atração, de modo que uma vez mais, embora a substância seja diferente e se altere continuamente em matéria inanimada, apresenta mais ou menos a mesma aparência ao homem solar durante os anos solares da sua vida, a menos, é claro, que ele, pela sua parte, escolha arbitrariamente alterar esses entornos.

Em certos princípios fundamentais, a sua vida apresenta uma certa similitude com a do homem. Durante a sua encarnação as almas aparecem através, e não fora, das ocorrências corporais que que as circunscrevem. Por outras palavras, assim como no tempo terrestre, também no tempo estelar a psique permanece confinada dentro dos limites do seu corpo que difere do físico na sua constante, ou mudança estrutural contínua. Mas dificilmente se poderá dizer que isso pareça mais percetível ao ser solar do que as lentas mudanças atómicas do corpo ao homem.

Não posso falar com conhecimento sobre a organização da sociedade, nem das obras da população estelar. Sei que eles, em comum com o ser humano, têm vida objetiva e subjetiva. O mal e o bem levam a conflitos, a lutas e a emoções de uma variedade de carácter muito diversificado; além disso, a religião tem a sua função primordial e essencial nesse nível de consciência. O povo estelar recebeu e conheceu o Filho de Deus, mas eles têm uma imaginação muito mais rica e fértil do que a que os homens possuem, enquanto as suas mentes possuem um escopo mais amplo e grandioso, por estarem à beira da revelação cósmica. Assim quando eles veneram Deus, eles aproximam-se da realidade da Sua Presença omnipresente. A conceção do universo, da criação, expande-se a um nível incrível; o Mistério além do Mistério amplia, aprofunda-se, alegra-se imensamente, e permanece ainda um enigma, um enigma, que na sua natureza essencial, ainda não foi resolvido.

Poder-se-á perguntar onde residirá a diferença entre a veneração do homem e a conceção que faz de Deus, entre a sua religião revelada e a religião dos homens solares. Talvez a diferença essencial pode ser resumido nas palavras "Conhecimento cósmico e fé cósmica." Os habitantes das estrelas irromperam dos estratos primários; eles possuem uma consciência do Cosmos que se estende de modo vastíssimo. Mais primorosamente estruturados do que os seus irmãos terrenos, eles percebem e apreciam a magnitude das obras do Criador, aproximam-se mais da realidade oculta e assim possuem uma capacidade alargada para a fé e para a receção da sabedoria dotada de menor mácula.

Ao mesmo tempo, o mal, ou seja, métodos de pensamento imperfeitos e desordenados, levam ao pecado e ao sofrimento; mas estes não são exatamente análogos às conceções humanas de maldade e dor. Representam, certamente, revolta contra o progresso em direção a um nível mais elevado de consciência; representam ofensas contra a vida. Há uma Lei Eterna que obriga o buscador da Beleza e da Verdade a esforçar-se com todas as suas forças para alcançar o plano a partir do qual, subindo ainda mais alto, ele se pode aproximar de Deus.

Quando a imaginação da alma funciona de forma deficitária, o indivíduo comete erros que tendem a puxá-lo de volta para o nível inferior de consciência. O erro da Queda do Estado de Graça original pode ser e ainda é repetido ao longo da vida universal em muitas e variadas instâncias. A alma sempre tem o poder de escolher, mas se o indivíduo for deficiente na imaginação poder e fé, ele não terá nenhum desejo de avançar, mas contentar-se-á com as limitações existentes e a dissociação maior que envolve a existência num plano inferior.

E assim uma porção de homens solares muitas vezes recua temporariamente depois de uma vida estelar, por ter cometido nessa última encarnação certos erros cósmicos e precisar restabelecer o equilíbrio dentro do eu mais profundo, retornando um pouco ao longo do caminho. Alguns servem, porventura, como vigilantes invisíveis perto da terra; outros buscam em Eidos aquela força que lhes faltava quando eles desejavam assumir personalidade cósmica e entrar nos reinos das estrelas. No entanto, uma proporção justa de homens descreve a curva ascendente, e após o processo que o ser humano chama morte, passa para a alma-grupo e prepara-se dentro dela para a visão interior do Cosmos que lhe será concedida no Sexto plano, o mundo da Luz Purificada.

Esse tempo de preparo não pode ser desfeito num período, pois muitas e incalculáveis experiências o aguarda enquanto permanece no Quinto nível de consciência. Mas eu hei de escrever sobre isso mais tarde e primeiro preciso aludir às inúmeras almas que, tendo encarnado uma vez sobre um globo de luz própria, escolhe o caminho do meio e através do amor pelo semelhante ou pela consciência de certas fraquezas na sua natureza, requer experiência em um tipo diferente de estrela. Ele pode, porventura, ter sido tão banhado na glória daqueles experiências estelares passadas que deseje apenas a sua renovação de forma intensificada; e, como sempre, o desejo interior da alma é concedido.

Normalmente, ao descobrir novas moradas no Cosmos, esses viajantes que retornam encontram uma ordem diferente e diversidade de condições. Pois eles adotam as limitações da forma inspiradas pela residência num reino estelar que pertence estruturalmente a outra era e que pode variar consideravelmente do mundo anterior habitado por esse homem solar. Ele pode, por exemplo, evitar a estrela brilhante e aventurar-se na exploração de um mundo extinto. Dia e a noite encontra o seu paralelo na carreira Cósmica da alma, uma vez limitada pela personalidade, mas agora exaltada por insinuações intuitivas de imortalidade.

A PRESUMÍVEL FORÇA VITAL

No capítulo anterior, em que os termos "vida" e "viver" são empregues, eles não devem ser confundidos com a conceção ou ideia que o homem tem de tal princípio animador. Eu estou ciente das opiniões conflituosos quanto à força motriz que exista por trás das criaturas vivas. Alguns acreditam que detêm o monopólio de uma certa energia física semelhante à eletricidade, ao que eles chamam de "vida." Outros falam de um agente não material, uma enteléquia (ciência da alma) ou princípio de vida que controla e dirige os processos físicos e químicos. Não pretendo entrar nesse disputado campo e discutir a suposta força vital em conexão com a terra e a sua miríade de criaturas vivas. Sugeriria apenas que a energia que serve ao homem solar durante a sua carreira, é amplamente subtilizada, imensuravelmente refinada, e não pode ser comparada à forma bruta de energia analisada pelo ser humano que possua conhecimento científico.

Além disso, descreveria numa frase a base criativa da vida em conexão com os habitantes da terra e os habitantes das estrelas. Em cada caso, o Princípio Inspirador é um centro de Imaginação. Essa colaboração de alma e espírito que se acha por trás do corpo físico e do corpo do homem solar, pode ser resumida na frase "enfoque limitado da imaginação que é ligado a um campo imaginário." Aqui encontramos um Princípio Divino que impregna o Cosmos e é o poder diretivo através do qual a vida, não importa quão bruta ou avançada e inteligentemente individualizada, é capaz de se manifestar.

OS MUNDOS EXTINTOS

Vagueiam pelo espaço multitudes de estrelas negras, restos de sóis que há muitos anos se extinguiram e que não obstante continuam a passear-se pelos vastos oceanos do espaço e que, para o astrónomo, haveriam de parecer mundos mortos que não se desintegram, mas que ainda prosseguem uma viagem desamparada e desolada. Eles não são visíveis à vista, por mais aguçada que seja, nem são percebidos por meio de nenhum telescópio. Semelhantes a espectros, têm uma existência meramente conjetural na mente do homem. No entanto, essas estrelas escuras não devem ser consideradas cadáveres nem fantasmas hipotéticos, pois possuem uma estabilidade e um carácter estranho a tais fantasias. Resumidamente, eles prestam-se a um propósito criativo. Inteligências às quais são atribuídas perceções desconhecidas aos seres humanos procuram manifestação e vida na forma nesses globos da noite.

Os filhos das estrelas negras têm um outro tipo de consciência desenvolvida pelas inusitadas condições em que existem. É uma consciência que lhes permite igualmente funcionar, viver a extensão de anos que lhes cabe e, em seguida, retirar-se novamente para o seio lembrado da alma-grupo. Paradoxalmente a vida existe, palpita, impulsiona e compele dentro de alguns desses mundos extintos que, para os seus ocupantes, não estão em nenhum sentido acabados nem mortos, mas que lhes proporcionam uma forma de experiência múltipla no seu carácter, embora diferente de qualquer outra conhecida do homem.

Quando a conceção da Imaginação Divina, ou Espírito Eterno, enquanto o princípio principal e básico toma a sua posição de direito no esquema filosófico da eternidade, então será percebido que, por mais infinito que possa parecer o universo material e aqueles outros universos, eles não podem nem nos sobrecarregam com a sensação da sua terrível magnitude visto que todas as coisas são mantidas "na palma da Sua mão," todas são controladas, guiadas, dirigidas por aquela alegria Cósmica Divina da criação expressa no termo "Deus" ou na frase "Sabedoria Cósmica transcendente." E estes não são termos vagos nem nebulosos, mas termos que afirmam o realidade que está por trás de todas as formas, configurações, energias, toda a vasta fantasia que reside no âmbito do ritmo universal que está sempre a renovar-se, sempre a estender-se, sempre a mudar, a variar de acordo com deleite criativo.

Numa noite clara o céu mostra-se todo florido com pequenas manchas esbranquiçadas que brilham como se tivessem sido tocadas por um orvalho resplandecente. Chamamos essa pálida extensão de Via Láctea ou sistema galáctico, mas a Via Láctea é apenas parte de um círculo de luz que se estende completamente ao redor da Terra e divide os céus em duas metades.

Dentro do sistema galáctico encontram-se grupos naturais de estrelas que são fisicamente similares, vitalmente afins, e que viajam em companhia. O Cinturão de Órion, as Plêiades, o Cabelo de Berenice, a Ursa Maior, todos contêm famílias de estrelas e cada grupo simboliza uma alma-grupo ou seção de um grupo. Devem-se apresentar muitas centenas de milhões de estrelas visíveis ao homem quando ele vasculha os céus com um poderoso telescópio. No entanto, se fizermos um esquema de coisas externas precisamos lembrar-nos de que existe universo para além de universo; duplas, triplas Vias Lácteas, supergaláxias, nebulosas incríveis: a mente estremece, entra em rutura diante dessa ampla perspetiva, e a alma do materialista pode muito bem votar-se à insignificância, à vida do momento presente, perplexa, com receio dos céus, solitária e sem um Deus.

Os astrónomos sabem agora que os milhões que contam são uma soma infinitamente pequena no total — se é que existe algum total para essas miríades de naves de luz. Eles percebem que muitas estrelas do tamanho do Sol são apenas o equivalente a um eletrão quando consideradas em relação ao vasto organismo em que têm lugar.

A razão finita pode rejeitar seguramente a suposição de que alguns desses inúmeros globos incandescentes sejam povoados de seres ígneos, dotados de inteligência individual manifesta. Mas a imaginação finita poderá, porventura, intuitivamente reconhecer que as afirmações tão inadequadamente expressadas nas páginas anteriores, não são conjeturas extravagantes nem contrassenso nenhum. Elas encerram pelo menos uma sugestão plausível de que, no universo, o homem não é o único ocupante do trono da mente individualizada e manifestada; que ele não é um mero acidente, o desporto de vastas forças desprovidas de alma. Pois ele viaja numa companhia que consiste não apenas dos seres humanos que ele reconhece como seus parentes, mas também de companheiros invisíveis desencarnados, e certamente de muitos seres encarnados — incluindo os habitantes dos mundos solares. Esses, espiritualmente falando, são

da sua própria família, assim como todos aqueles que, naqueles poderosos globos de luz, perfazem a mesma longa jornada da eternidade.

Ao conhecerem imaginativamente, e sentirem instintivamente, um parentesco com as estrelas animadas, mais facilmente ele poderá enfrentar as tristezas passageiras, os vexames, os mal-entendidos triviais, as brigas e desilusões da sua sorte terrena. Pois diante dele, além dele, acima dele, jaz o esplendor e a visão de um tempo em que, com base numa maior consciência, ele viverá na plenitude e maior liberdade do firmamento. Ele emerge da escuridão e, nesse plano mais refinado de consciência estelar, deixa para trás de vez as preocupações cruéis e mesquinhas e os enigmas da sua vida terrena limitada. Nenhuns setenta ou mais anos, incompletos, inclusos, solitários, assombrados e assediados, o aguardam naquelas profundezas estreladas dentro desses orbes ígneos. Pois não é senão quando carrega o seu fardo terreno que ele está apartado dos seus companheiros desencarnados e da harmonia de universos que são controlados por seres sencientes através das estrelas de imaginação, a flor branca de cada espírito arraigado, enraizada em Deus ou na Mente Cósmica, nutrida, revigorada e sempre renovada pelo Amor Criador Divino.

O QUINTO PLANO

A encarnação num globo incandescente pode ser descrita como a vida (ou vidas) de preparo necessária à continuidade da existência no Quinto plano. No momento de passarem de Eidos — o Quarto nível de consciência — o ser desencarnado tem perfeito e absoluto controlo da forma, da sua aparência, do *eidolon* ou fantasma vivo. Mas ele pode não entrar na personalidade cósmica até que tenha adotado a terceira e última forma de camuflagem, tornada parte dele próprio pelas experiências de um período estelar de anos, e sabido o que é viver num corpo que haveria, sem dúvida, de ser descrito como gasoso pelo observador cientista terreno — isto é, um organismo composto de partículas ígneas.

No mundo antigo, particularmente no Egipto, a morte e ressurreição do deus-sol eram celebradas com um ritual elaborado em que o simbolismo sexual desempenhava um papel considerável. Latente nessas práticas primitivas pode ser descoberto o reflexo de um princípio cósmico que foi interpretado de maneira confusa e errônea.

Num certo sentido, a existência objetiva dos homens solares não pode ser descrita como parte das condições que prevalecem no Quinto nível de consciência; por apenas um fragmento, uma certa essência essencial de todo o ser, experimentar a encarnação nas estrelas luminosas. Esse período na vida da psique pode encontrar um paralelo na antiga crença na morte e ressurreição do deus-sol. Para o viajante de Eidos que conheceu todas as excecionais alegrias que acompanham o domínio completo da forma, uma apoteose da substância rarefeita que difere em taxa de vibração da matéria, essa reentrada na existência material, mesmo que agora possa ser a prisão de partículas ígneas, parece, relativamente falando, ter praticamente o mesmo estado inanimado da morte.

É uma condição que sugere o inverno quando visita o mundo terreno, que despoja os campos e a terra frutífera e florida; da época em que a força do sol enfraquece, e em que, para o verão de vida esplendorosa e lindas flores, ao outono mais a sua colheita de frutas coloridas e grãos ricos, amadurecidos, sucede a pobreza, uma desaceleração da vitalidade e uma condição inteiramente desprovida da vida gloriosa, exultante e vigorosa. No entanto, o inverno desempenha um papel importante nos processos criativos. E para a alma a desaceleração que a encarnação estelar envolve é simbólica dessa estação terrena. Na realidade, para o ser humano, a carreira do homem solar pareceria repleta de maravilhas, êxtase e terror. Mas para esse fragmento do Eu Maior deste último que encarna na matéria solar, equivale a uma corrente de consciência de um grande lago, por assim dizer, para uma corrente inerte e lenta.

Voltemos, contudo, ao paralelo da veneração associada à morte e ressurreição do deus-sol. O simbolismo sexual, que nele desempenhou um papel tão importante, pode ser aqui visto como a representação da faculdade criadora da imaginação inerente a si mesmo. Todos processos germinativos e formativos prosseguem durante uma existência materializada em alguma
Estrela flamejante. As condições predominantes sob as quais as raízes das plantas e de toda a vegetação existem durante o inverno são criativas e ocorrem o tempo todo. Do mesmo modo, a vida do homem solar é formativa e pode-se dizer que é criadora da personalidade cósmica. Nenhum salto súbito pode ser feito do Quarto para o Quinto plano, de uma personalidade humana ampliada e etérea para aquela conceção mais grandiosa e sublime, o *eu* cósmico.

Precisa haver esta segunda experiência na matéria, a luta para romper com esses vínculos finais confinantes dos mundos materiais, a ressurreição final em que a psique libertada alça voo para aquelas regiões elevadas onde o ser encontra a plena camaradagem de todos aqueles que pertencem à sua família espiritual, à sua tribo psíquica (alma-grupo).
Por fim, pode despedir-se da forma enquanto necessidade, da cor e do sentimento como uma certeza, como uma condição de vida, e buscar o seu verdadeiro lar no espaço.

A angústia desse período estelar objetivo pode ser comparada ao processo que descrevi como "a Rutura da Imagem." Ele entra durante um tempo naquela condição de harmonia cósmica que Cristo descreveu como "o Reino dos Céus está dentro de vós." Ele procura e descobre o Espírito Santo, e é envolto na Sua serena tranquilidade.

Mas o viajante ainda tem caminho pela frente. Desde vales a montes, de pico menor a um pico mais alto. Forçado pelo seu próprio anseio ético e ascético, ele ainda precisa seguir em frente, enfrentar o estresse e a luta pela vitória, mais a sua triunfante recompensa de harmonia cósmica de um relacionamento com o seu Criador. Assim, para ele, nesse estágio a experiência torna-se múltipla, é uma multiplicação, e perde a sua aparente unidade. Ele começa gradualmente a conhecer o significado dos Muitos em Um; percebe e regista instantaneamente inúmeros pensamentos, sentimentos, e campos de visão, enquanto um ser humano regista apenas um de cada vez. Como lhes poderei explicar o que significa registar uma quantidade de coisas, não em sequência, mas dessa maneira, juntas, como um ato do pensamento imaginativo?

É com efeito essencial que a alma passe pela experiência real dessa ampliação do ser antes que qualquer conceção do carácter extraordinário dela e exaltado possa ser conseguida; pela experiência do entrever de amplos horizontes, e das infinidades que podem ser vislumbradas gradativamente, ou do que significa entender esse universo externo na relação que tem com o Mistério do universo interior, e entrar no poderoso reino que denominei de vida memorizada da alma-grupo e da tribo psíquica.

O aspirante que busca a iniciação na plena consciência do Quinto plano examina as experiências passadas que foram o destino de muitas das suas almas companheiras; elas compõem para ele um presente; e parte desse presente são as experiências de todo aquele mundo terreno inspirado pelo seu Grupo — essas plantas, árvores, flores, pássaros, insetos, peixes, animais, homens e mulheres, aqueles seres desencarnados que estão a viver em vários níveis de consciência no Pós-vida; aqueles homens solares que encenam o seu drama nas profundezas dos céus, no próprio âmago do universo. Ele precisa aprender a testemunhar e a experimentar gloriosamente todas essas manifestações da imaginação, todas essas entidades nas suas carreiras objetivas e subjetivas, na sua solidão, isolamento e naquela harmonia completa e integral com a Ideia Suprema Una.

Através de tal trabalho diverso, ele finalmente se encontra. Ele torna-se um ser espiritual e permanece continuamente consciente, embora eu use este termo com ponderação. Ele tem um significado muito mais profundo e grandioso do qualquer que os sábios da terra já lhe atribuíram, por algum transcendente arroubo da imaginação.

Contudo, o peregrino ainda não consegue romper inteiramente a conexão que tem com os mundos materiais. Ele precisa servi-los e vê-los de fora. Para ele e para aquela secção do seu Grupo que alcançou o Quinto nível de consciência um retorno pode ser indicado. Ele e suas almas companheiras são frequentemente apontados como governadores ou governantes dos processos de vida ligados à terra ou a um planeta correspondente em algum outro sistema. Ele pode, por exemplo, tornar-se um membro da Sociedade Divina das Almas que dirige cada movimento dos átomos que compõem a terra, que mantêm as leis da física, e que fazem com que aquela magnífica harmonia de movimento, uma harmonia há muito reconhecida por cientistas e filósofos, reine.

Para que a unidade psíquica possa alcançar tal perfeição de ação na conservação de uma lei cósmica do movimento, ela teve que se tornar por completo mestre do seu Eu Maior.
Além disso, ele também estabelece as ligações necessárias com as outras almas dessa secção do seu Grupo, que os une de tal maneira que podem trabalhar juntos como uma manifestação da Mente Cósmica. Assim, eles são habilitados a conservar e a manter a obra de Deus, da Sabedoria Criativa. Eles têm os ritmos do tempo ao seu alcance tal como um condutor domina as rédeas do corcel que lhe puxa a carruagem. Eles não são capazes de alterar nem de acrescentar à Ideia Suprema naquela parte do plano que está relacionada com a terra. Mas são dotados de poder do mestre em matemática, e assim podem impor a obediência às regras que caracterizam a matéria e o movimento no mundo terreno.

Nascimento e morte, o plano da Ilusão — o mundo dos recém-falecidos — tudo é sujeito gradualmente à sua jurisdição, e colocado no âmbito da sua esfera. E em relação eles pode-se dizer que a realidade é uma vida subjetiva que se expande até à Natureza visível ou exteriorizada, à medida que passam de tarefa em tarefa, de labuta jubilosa para trabalhos cada vez mais grandiosos e árduos. No nosso próprio sistema solar, eles permanecem como regentes até que estejam equipados para buscar outros campos mais subtis, como o Cinturão de Órion, as Plêiades, o Cabelo de Berenice. Esses que eu já chamei de campos semeados de estrelas do céu, podem ser dirigidos e controlados em algum momento futuro distante por essa personalidade cósmica da qual vocês virão a fazer parte, na qual a vossa personalidade humana limitada, transformada além de todo reconhecimento, encontrará a sua expressão e viverá num campo imaginário que, por causa da consciência intensificada que possui, não poderá ser apreendido por nenhuma mente finita.

A REALIDADE ÚLTIMA

Diz-se que certos intérpretes do pensamento oriental, em particular a Madame Blavatsky, teriam solucionado a realidade última como "matéria e movimento que perfaz a sua vida." No Quinto plano, a alma peregrina precisa aprender — se quiser obter progresso — que a realidade última não diz respeito a condição de existência que tenha conhecido enquanto tiver permanecido no âmbito dos laços da personalidade humana. Esse conceito oriental pode ser mantido pela alma enquanto pertence ao terceiro e quarto planos de consciência.

Na verdade, no Quinto plano, a psique experimenta um desdobramento e expansão gradual, e a fim de alcançar a personalidade cósmica perfeita precisa aprender que a realidade última não pode ser determinados pela "matéria e movimento que perfazem a sua vida." Essa hipótese errônea só pode estar associada a ideias finitas, e é uma das ilusões que está relacionada com a visão humana. Procurem imaginar manifestações de Sabedoria Cósmica, mundos dentro de mundos que em nenhum sentido da palavra podem ser determinados pela matéria e movimento.

Tais revelações supremas não devem ser alcançadas dentro do ritmo material conhecido do homem; elas não estão associadas ao nosso sistema solar, à Via Láctea, as nebulosas, nem a nenhuma porção dos universos visíveis. Eu posso meramente descrevê-las como universos internos, embora o termo não convenha corretamente a natureza nem carácter desses reinos transcendentes. Nenhuma palavra de nenhum idioma terreno pode descrever as condições tão completamente distintas daquelas sob as quais o ser humano existe.

Nesses reinos sublimes procurareis em vão aquelas representações materiais, aquelas aparências que parecem obedecer todas às leis que regem o cosmos visível, mas aqui as almas-grupo que se acham inteiramente reunidas no Sexto nível de consciência podem encontrar realidade num estado que não o da matéria e do movimento. Assim, elas libertam-se das

imaginações últimas finitas e atingiram o limiar da Divindade e podem, se inteiramente emancipadas, passar para o Além.

Então, em verdade, elas conhecem a dualidade em mais que um sentido da palavra. Elas detêm tanto o universo interior como o exterior na sua conceção; enquanto unas com o seu Criador, podem unir os dois entre si — elas podem perfazer um todo. E assim chegam, através da vida criativa espiritual, a alcançar a verdade e a conhecer a Realidade Suprema.

O macrocosmo e o microcosmo,
O átomo e o sistema solar,
Eletrão e protão,
Aparecem em todos os tamanhos e formas.
Mas a mesma lei impregna todos,
O mesmo princípio com regularidade monótona
Prende e liga.
Matéria e movimento,
Estas palavras representam a vida em todos os seus aspetos
Para o materialista transcendental,
Para a imaginação escravizada pelos cinco sentidos débeis.
Cinco portas para o infinito,
Mas há um sexto, não, até mesmo um sétimo
Existirá uma alma que anseie pelo Criador?
Existirá um espírito inspirador,
Intermediário entre o homem e o seu Criador?
Seremos criaturas compostas apenas de matéria e movimento?
Existirá apenas este vasto exército giratório de sóis ardentes,
De globos que escurecem?
Ou a Realidade Suprema reina à parte e à distância
Do esplendor estelar, Da morte e nascimento,
De todas aquelas legiões cintilantes e infinitamente giratórias
De luz e escuridão?
Noite e dia,
Macrocosmo e microcosmo,
Electrão e protão,
Planeta e sol,
Sempre uma dualidade no visível.
Contudo, não poderá a cena ser um aspeto?
Não poderá o corpo ser o sinal exterior
A expressar de forma estranha e por vezes requintada
Aquele sinal interior, aquela natureza criativa
A única que pode viver e em si mesma pode conhecer
A realidade final.

FINALIDADE

O universo teve um começo; terá um fim quando a luta do Eterno Espírito — que comporta todos os nossos centros ou psiques — se remover por completo dele, deixar de inspirar e permitir que a noite a encubra e elimine. Assim, o universo torna-se inevitavelmente estagnado e inerte; pois a Mente, o princípio animador, deixa de guiar e dirigir, e despejando vida no conteúdo, deixa de colocar todas as obras em movimento.

O Juízo Final pode ser sumariamente descrito como a retirada do Espírito Eterno do universo. "O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão." Assim asseverou Cristo uma verdade ainda escondida de certos pensadores capazes. A Palavra, o Logos continua para sempre, e somente os céus e a terra passam. Mas quem poderá dizer que céus, que mundos maiores ainda estejam por nascer — embora todos existam em estado embrionário no âmago de Deus? Quem poderá dizer que universos poderosos estão a evoluir, a crescer, e que condições poderão vir a ter, leis, terrores, encantos e glórias? Só podemos ecoar com perfeita certeza e fé as palavras do antigo profeta, e assim obter a nossa paz. "Sossega e sabe que Eu sou Deus."

PARTE III

A ORAÇÃO E A EXPERIÊNCIA MÍSTICA

"Mas, afinal, com relação a uma matéria tão grandiosa quanto a da Imortalidade, todos nós devemos ser grandes o suficiente para expor os nossos próprios pareceres, aos quais chegamos porventura após muita dúvida dolorosa, e respeitar as opiniões de outros que podem ter chegado à mesma convicção por outro caminho. Qualquer que, em quaisquer que sejam os fundamentos, se oponha ao materialismo que quase sufocou toda a crença na última geração é, no verdadeiro sentido, um companheiro,' embora ele lute com outras armas que não aquelas que possamos empregar."

De uma introdução escrita pelo Bispo de Londres ao *Life after Death* (de acordo com o Cristianismo e o Espiritualismo).

Editado por Sir James Marchant, Cavaleiro Comandante da Mais Excelente Ordem do Império Britânico, e Doutor em Leis.

Capítulo XII

A ORAÇÃO

Acho difícil escrever sobre este tema porque tudo o que pode ser dito sobre a oração foi perfeitamente proferido por Cristo e em definitivo. Assim, se eu agora faço algumas observações sobre essa maneira de comunhão com o Altíssimo, faço-o apenas a fim de sugerir

que pouquíssimos Cristãos consideraram em pleno o profundo significado das palavras do Evangelho, particularmente quando alusão é feita à atitude mental do devoto.

Nós, Cristãos, ao longo dos séculos, com bastante frequência degradamos e usamos mal a prática de oração. Empregámo-la para os nossos próprios fins egoístas; empregámo-la em prol da destruição dos nossos inimigos; suplicamos a Deus que se lembre apenas dos Seus eleitos que são — na nossa opinião, apenas uma pequena parte de uma comunidade — e ignoramos as necessidades dos demais, o corpo geral da humanidade. Ou comportamo-nos como demagogos, malabaristas no emprego da palavra, sem pensar no que enunciávamos, ao proferirmos mecanicamente as fórmulas compostas por homens há muito tempo falecidos como se em si mesmas fossem dotadas de significado mágico, e como se o próprio som das palavras tivessem poder para criar o efeito desejado. Talvez em nenhum momento na história do mundo tenha sido mais necessário do que agora que devamos retornar aos Evangelhos e redescobrir a verdadeira natureza e função da oração.

Eu sou alguém que foi um pouco mais longe no caminho da imortalidade do que os homens de terra, e que aprendeu, durante este período póstumo, que a eficácia da oração depende essencialmente da atitude da alma no momento, e não das próprias frases que repete. O homem que pretender invocar a Deus e abrir-Lhe o coração, precisa primeiro purificar-se mentalmente no sentido mais estrito. Precisa estar certo de que a demanda ou petição que ele decide colocar diante do seu Criador não possua mácula de egoísmo, mancha de interesse próprio. Precisa deixar-se preencher pela perceção da fraternidade do homem e do mistério do universo. Precisa, por outras palavras, sair da casca da sua própria individualidade mesquinha e tentar misturar-se com a essência de toda a vida. Então, ele poderá aproximar-se do seu Deus, apresentar a sua oferenda verbal e pôr à mostra as suas necessidades íntimas, desde que não ore em prejuízo dos outros.

Excelentes exemplos dessa forma baixa e indigna de oração podem ser vistas durante a guerra, a ocorrência de pestilência ou períodos de estresse económico. Quando a sua abordagem a Deus é de tal carácter, o homem é blasfemo e peca contra o Santo dos Santos. Mas se, quando as dificuldades da vida, a sua solidão e a sua precariedade o pressionam, ele implora de todo o coração por ajuda e por conforto, ele não se desviará e a porta ser-lhe-á aberta, embora nem sempre, em tais casos, seja a sua oração atendida de acordo com o seu desejo. Pois a alma humana é um peregrino que percorre a eternidade e o caminho que ela precisa percorrer não pode ser alterado, salvo em casos excecionais, simplesmente por a vida parecer difícil e as circunstâncias da época intoleráveis.

Assim, quando vocês orarem por vós próprios, peçam pelos dons do Espírito.* Somente quando pedirem em prol dos outros poderão vocês falar de necessidades materiais e exigir o seu alívio. É verdade que, se vocês se fizerem como crianças pequenas, vocês poderão repetir a oração do Pai Nosso e pedir não em vão pelo vosso pão de cada dia, como vem expresso nela. Mas, se a proferirem, a maior de todas as orações, vocês precisam deixar de lado as complexidades adultas, vocês precisam reduzir-se àquela divina simplicidade que é

característica das crianças que Cristo chamou a Ele. Porquanto Ele, por Suas próprias palavras, lhes disse: "A menos que sejais como criancinhas, de modo algum entrareis no Reino de Deus."

(NT: Discernimento, designadamente).

O indivíduo que está no acto de orar precisa, pois, ter sempre em mente que está a procurar entrar no Reino de Deus; que ele está a passar dos limites da consciência quotidiana com todos os seus pensamentos mesquinhos e preocupantes, da sua pequenez, para o Infinito. Está a esforçar-se por se tornar um com a Vida Eterna e que ele precisa ter sinceridade de coração e de propósito, jogar fora a dúvida, o medo, a desconfiança, todos aqueles fardos da mortalidade que em definitivo e efetivamente nos barram os portões do Reino de Deus.

Até aqui, escrevi de maneira generalizada sobre a oração. Seria necessário escrever um livro se eu começasse a definir em detalhes as diversas maneiras pelas quais os homens se aproximam do seu Deus. Gostaria, no entanto, de lhes incutir a ideia de que a oração não é santificada pelo lugar em que é proferida. Um templo, igreja ou antiga catedral pode ajudar a induzir em vós a atitude correta de espírito se vocês assim entrarem em comunhão com o Altíssimo. Da mesma forma, a solidão das colinas pode evocar aquele estado de espírito que os eleva de vós próprios. Se assim for, orem em tais lugares. Certifiquem-se apenas de se terem livrado do medo, da dúvida, da desconfiança, do egoísmo, da raiva, do ciúme, e de todos os pecados do espírito que possam prendê-los qual armadilha que prende o pássaro e assim restringir e mutila inteiramente as asas da oração.

Imaginem uma gaivota. Vejam-na a abandonar o abrigo do penhasco, a deixar para trás a terra sólida, a alçar-se num voo rápido e maravilhoso através do mar; a elevar-se, a pairar, a subir. Assim devia a vossa alma alçar-se e voar quando, no ato da oração, busca o seu Criador. Estas minhas observações podem parecer conselhos de perfeição, mas a cada homem a sua medida. De acordo com a vossa natureza intelectual e emocional, vocês poderão aplicar estas sugestões à vossa vida em maior ou menor medida. No entanto, todos os que quiserem orar de verdade só deverão fazê-lo quando por trás das palavras que proferem usarem de convicção e sinceridade. O mais simples pastor pode orar de modo mais primoroso e chegar ao Pai com maior certeza do que o mais alto dignitário em qualquer igreja se ele abordar o ato de adoração com a disposição da criança — isto é, com inocência e fé.

Assim, à medida que os anos passam e a juventude dá lugar à meia-idade e cuidados e responsabilidades se amontoam sobre vós, sejam mais prudentes, examinem-se cuidadosamente e tenham sempre no íntimo a certeza de que, no momento em que vocês voltarem o vosso espírito para Deus e se prepararem para expressar as vossas e as necessidades dos demais, vocês entram em solo sagrado.

ORAÇÃO COLETIVA

Ainda mais difícil do que a oração individual é a oração coletiva. É muito fácil distrair-nos e deixar-nos atrair para a rede de outras personalidades quando oramos no meio de uma multidão. Contudo, existe força espiritual nas orações de uma grande quantidade que se reúne, se todos forem sinceros e se expressarem das profundezas da sua alma. Não só alcançam o Eterno Espírito quando assim oram, como enviam para as trevas do mundo um fogo de inspiração que irá iluminar a obscuridade dos espíritos que não atribuem importância a essa veneração. Porquanto o pensamento emocional e inspirado proferido com fervor e fé pode propagar-se a lugares distantes, e irromper em mentalidades irrefletidas e inconscientes tal como a voz, em tais condições, se propaga no éter até os confins da terra, e se torna de novo audível através de um instrumento sintonizado para a sua receção.

Assim, aqueles homens e mulheres que, quando rezam em companhia, o fazem com todo o seu ser e por uma grande necessidade ou propósito, lançam sementes que, no devido tempo, renderão ricas colheitas. Mas mais uma vez, eu adverti-los-ia contra a oração mecânica, contra o culto público que assenta numa fórmula fixa que por excesso de familiaridade se torna obsoleto, desprovido de vida, um mero enunciado de frases sem sinceridade, ou qualquer beleza de alma por trás.

Se estudarem o livro de orações e a seguir assistirem ao serviço divino, notarão, sem dúvida, uma certa nota na Litania do que eu poderia chamar de "falsa humildade." Os sacerdotes e os celebrantes repetidamente deploram o facto de serem lastimosos pecadores, embora ao fazerem tal grave acusação contra si próprios, eles não se sintam, na maioria dos casos, míseros nem pecadores. Podemos, pois, suspeitar que eles se esforcem por propiciar e aplacar um grandioso e poderoso Deus enfatizando demais a sua crença na sua própria indignidade.

Certamente que aqueles que assim oram estão a percorrer de modo muito leviano um caminho santo e sagrado. Sem dúvida, se pudéssemos ser comparados àquelas almas que passaram além do plano de Eidos, deveríamos parecer realmente mesquinhos e miseráveis no nosso desenvolvimento espiritual. Mas as pessoas naturalmente não reconhecem esse facto quando proferem as palavras da Litania. Assim, essa oração particular será, porventura, para o Anglicano, a única de todas a ser abordada com cautela. Mas, se ele não conseguir sentir as palavras que a oração encerra, nem puder acreditar na veracidade delas com relação a si próprio e aos outros, será muito melhor que fique em silêncio.

Eu sei que a hipocrisia intelectual é um inimigo subtil e é, porventura, o mais perigoso de todos aqueles que podem assaltar aquele que ora. Somente, pois, por simplicidade ou por uma grande amplitude de visão poderemos superá-la e assim conquistar através da verdadeira atitude da alma, a única coisa que poderá fazer da oração uma comunhão com o Espírito Eterno.

Eu não falei, até agora, da oração em relação ao pós-vida. Os Cristãos que acreditam que os nossos entes queridos vivam num estado de repouso perpétuo até que o Dia do Juízo Final, dir-lhes-ão sem dúvida, que não pode haver oração na vida além da sepultura. E de acordo com

todas as premissas da lógica, isso pareceria uma afirmação correta. Pois a oração envolve esforço, envolve um trabalho da alma que sem dúvida perturbaria o adormecido no seu longo descanso. Mas eu tenho-lhes mostrado que o caminho para a imortalidade se estende até o Infinito, e que o esforço, a luta e a triunfo da superação são todos experimentados nos percursos entre os lugares de repouso ao longo do caminho das chamadas "Muitas Mansões do Nosso Pai" no Novo Testamento. E os seres desencarnados carecem da oração e buscam a comunhão com Deus com muito mais avidez e com um sentido do seu significado mais verídico do que homens e mulheres que oram continuamente na terra.

Nós, que nos encontramos em Eidos, sabemos como passar da condição finita para o infinito por meios que vocês, homens da terra, jamais poderão imaginar. Imploramos ao Nosso Pai tal como vocês imploram, mas obtemos um sentido mais profundo do Seu Mistério, uma maior reverência pelo ato de veneração, pelo acesso a Deus. Quando entramos na alma-grupo e nos tomamos consciência das suas múltiplas porções, e daqueles afins que são nossos e partilham do mesmo espírito; entramos numa oração de harmonia, numa veneração coletiva que transcende a expressão mais nobre que brota da grande quantidade na terra. Porque, tendo uma maior consciência do Espírito Santo, mais facilmente podemos adequadamente passar à Presença e apresentar a nossa súplica a Deus.

Bom, eu uso prudentemente o termo "Presença" por esse termo ser o único que eu conheço que transmite a sugestão de uma proximidade omnipotente. Podemos estar ante a Presença, e ainda assim ela ser invisível à nossa perceção. Mas, tal como o sol banha o homem com os seus raios, mesmo quando ocultado por finas nuvens, assim somos sensíveis a Deus quando, na alma-grupo, O buscamos pela oração e súplica. Apenas um derradeiro véu oculta essa Luz, ainda forte demais para a visão interior da alma, mas somos acalentados, animados, confortados, inspirados por ela quando, assim suavizados, ela nos impregna todo o nosso ser e nos dota do seu poder de estimular. Não consigo encontrar palavras que descrevam o êxtase de tal experiência. Eu conheci isso apenas nos raros momentos em que me aventurei, com grande ousadia, pelos planos além de Eidos, enquanto permanecia dentro da minha comunidade por um breve período, enquanto eles veneravam nessas rarefeitas regiões da alma.

Este não é o lugar para me deter muito sobre a oração, por dizer respeito aos muitos peregrinos que deixaram a terra. Gostaria que vocês percebessem, porém, que para aqueles que estão a escalar a escada da consciência, quaisquer que sejam as suas crenças, é muito mais real e importante do que é para homens que veneram a Deus em todos os climas e em todas as línguas do vosso mundo. Por o corpo físico atenuar as perceções sensíveis da alma e densificar as nuvens que pairar entre o homem espiritual e a Luz além.

* * * *

Cada dia morre com o sono. O homem que quiser participar da experiência dos habitantes desencarnados dos mundos superiores quando rezam, precisa morrer nesse sentido, ou melhor, deixar por completo o seu corpo à medida que o dia dá lugar à noite. Então, não tendo mais

consciência do físico, ele pode, se a sua alma estiver completamente fundida no seu espírito - alçar-se a um plano mais elevado e ser capaz de rezar com fervor altruísta e sinceridade ao Ser Supremo.

Certos místicos e certos homens simples têm, em certas ocasiões na história do mundo, assim experimentado a oração perfeita. E via de regra, não revelam a ninguém a sua entrada no Reino além. Escrevo sobre isso aqui apenas para ilustrar a verdade de que o ser humano pode, através da fé remover montanhas, pode com efeito, caso o deseje com todas a sua alma, alcançar em certos casos raros aquela comunhão com Deus que é experimentada por aqueles que habitam além de Eidos na Grande Realidade.

A ORAÇÃO NO VALE DA DESOLAÇÃO

O homem comum pode viver por muitos anos bastante satisfeito, satisfazer pequenas alegrias, deparar-se com pequenos aborrecimentos e tristezas, sem que nada durante esse período perturbe o curso regular da sua vida de trabalho e lazer. Mas, independentemente de quem possa ser, provavelmente enfrentará finalmente um período de angústia, de luto, ou um período agudo de doença, ou porventura, de grave perda económica. Pelo menos ele é subitamente abalado na sua rotina e torna-se consciente da sua fraqueza, da sua solidão espiritual essencial. Para ele agora não há ajuda humana e, com Deus ou sem Deus a socorre-lo e a ajudá-lo, ele precisará enfrentar o facto da sua pequenez e necessidade.

Mas como poderá ele encontrá-Lo na noite da sua alma? Como poderá ele chegar, a tatear por entre a escuridão, a descobrir o Invisível mesmo nesse vale de desolação? Somente através da oração, como Cristo orou, descobrirá ele que não está sozinho. Apenas pela confissão da necessidade essencial ou repetição da oração do "Pai Nosso" vencerá e descobrirá que a sua solidão está prenhe da Presença penetrante, e que Deus o acompanha através da noite.

Uma vez que ele se ache assim ligado ao Seu Pai através da oração, a sua petição será atendida e a infelicidade deixá-lo-á qual peça de roupa. Então a sua alma será exaltada, expandir-se-á e nesse momento de completo esquecimento de si será dotado de força e resolução como nunca antes terá conhecido. A oração, pois, e a convicção que pode trazer consigo da imanência de Deus é, porventura, de entre todos os atos devocionais, o mais importante nas consequências que pode ter para a alma.

"Pai, se for Tua vontade, afasta de mim este cálice. Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita."

Quando o homem precisa enfrentar o Calvário no curto período da sua vida terrena, que ele profira estas palavras das profundezas da sua agonia; as repita uma e outra vez que com certeza ele sairá incólume e triunfante.

LOUVOR E AÇÃO DE GRAÇAS

O louvor e a veneração a Deus são questões que dizem respeito a cada indivíduo e o seu Criador. Ele deve encher-se de reverência e gratidão pelo dom da vida, a fim de que possa venerar com sinceridade, para que, mesmo em meio ao silêncio, transmita essa bela sensação de amor respeito e admiração, essa reverência indescritível que o leva assim a desejar prestar homenagem à Mente Suprema.

Algumas das observações anteriores que fiz podem ser aplicadas à veneração e à ação de graças. Mais uma vez, é o estado de espírito no ato da efusão que conta, que gera esse fluxo íntimo e intercâmbio entre nós e o Santo dos Santos. Podemos louvar a Deus quando, enquanto ouvintes, escutamos os grandes poemas musicais do mundo. A sinfonia escrita por um mestre é de facto uma rapsódia de louvor, uma oferenda que carregará as nossas almas sobre as ondas dos seus tons até ao Altíssimo, e levará as nossas mentes e sentidos a curvar-se em reverentes graças ao Criador.

A oração silenciosa pode ser mais potente do que uma enunciada por palavras. Porquanto a alma pode, tanto mais facilmente, alcançar através da quietude a relação com o Divino. Mas essa é a mais difícil para a maioria dos homens. Assim, que eles expressem em voz alta as suas súplicas, louvores, pedidos e ávidos exames de consciência que assim entoarão, na sua própria medida, a melodia do universo. Porque, todas as coisas vivas oram a seu modo ao Autor da sua existência. Até mesmo o ateu, em algum período da sua vida, soltará a armadura do seu ceticismo e clamará, porventura num momento de crucificação, ao Deus Desconhecido, a emitirá a sua súplica por entre a escuridão desse universo desprovido de alma da sua criação. Estamos sempre a criar, a moldar, a gravar nos livros do tempo; sempre a imaginar e a voltar a imaginar o barro do ser, não só a nós próprios, como aquele universo que, para cada um, é aparte e individual.

Cada homem tende a residir no seu próprio universo particular, e isso é parte da sua ruína terrena. Pois, em certas ocasiões raras, ele percebe o isolamento em que se encontra e a ideia dele irá, em tais momentos, oprimir e revelar-se tão devastadora quanto um terremoto. Mas há para ele, assim como para todos os homens, um meio de fuga do universo privado da sua própria criação. Ele pode bater à porta da oração e ela se lhe abrirá e revelará na sua solidão, o Universo de Deus.

DESTINO E ORAÇÃO

Eu não sou determinista. Eu não sustento que todas as coisas estejam para sempre escritas e não possam sofrer mudança. O destino pode ser alterado pela oração, só que não exatamente da maneira que geralmente é suposto. Ele é mudado pela alteração do carácter do homem; alteração que não mais torna a provação ou tribulação necessária enquanto experiência concreta.

A oração proferida com todo o ser e com um coração penitente chega inevitavelmente à Mente Suprema e, com idêntica inevitabilidade, o Espírito fará retornar a inspiração modeladora do Divino pelo canal aberto por aquele que a estabeleceu através da oração que ele assim emitiu ao Infinito. Ao se mesclar com o ser interior e ao ser convocado pelo desejo sincero, o Espírito Santo altera o homem todo, suaviza os excessos, outorga beleza à mente disforme, limpa o solo da alma e confere força onde antes havia apenas fraqueza. Assim fortalecido, o peregrino terreno terá superado esse erro na sua natureza para o que a provação ou aflição que ele tanto receia foi preparada. Ele arrebatou a sua libertação a esse desastre por meio da oração e apenas pelo poder da sua expressão.

No entanto, na sua forma mais elevada e sublime a oração não significa súplica, rogo nem louvor. É a comunhão íntima entre um filho e um Pai amável. O filho procura a orientação e o conselho do Ancião, porquanto ele é, para o jovem, a própria Fonte da Sabedoria. A oração por Sabedoria, por discernimento correto da verdade, por uma ação verdadeira em todas as questões da vida, por pensamento correto em todas as horas do dia - por esses dons roguemos nós continuamente e com desejo ardente. Tenhamos sempre em mente a convicção de que a oração representa, na sua essência, essa relação entre um filho jovem e inexperiente e um sábio e amável Pai que está sempre pronto a aconselhar.

A PAZ

O tumulto dos dias reúne-se ao nosso redor. O fardo e as responsabilidades que carregamos pesam sobre nós de tal forma que achamos difícil, ainda que pelo breve espaço de uma hora, largar o nosso fardo, fazer uma pausa à beira do caminho e recolher-nos à quietude. No entanto, há em tal silêncio a renovação essencial de que todo espírito carece: de que toda mente se deve alimentar se o seu detentor desejar passar pela vida íntegro e ileso na alma.

"Sossega e sabe que eu sou Deus." Essas palavras poderão, porventura, parecer enigmáticas ao homem comum. No entanto, elas encerram uma das grandes verdades da vida. No silêncio e na solidão podemos expulsar de nós todas as máscaras, toda a dissimulação. A vaidade e pretensões da vida são-nos removidas. Poderemos então enfrentar a questão principal, esforçar-nos, ainda que debilmente, por contemplar a nós próprios e, ultrapassando essa contemplação, entrar na meditação que nos leve, enquanto assim passivos, a dar ouvidos a Deus.

Eu uso a frase "dar ouvidos a Deus" com toda a reverência. Quero dizer com isso aquele sentido intangível do Espírito Eterno (captado apenas pelas perceções da mente interior) pelo qual podemos, após treino e trabalho, subjugar a consciência superficial diária para que possamos, através da quietude e através do isolamento, finalmente, chegar a conhecer o portento que é Deus, chegar a saber que, "Nele vivemos e nos movemos e temos o nosso ser."

Quão poucos homens percebem esta frase como uma experiência real. No entanto, uma vez sentida, uma vez reconhecida, representa para o peregrino uma conquista memorável e notável,

um triunfo do espírito sobre o corpo e os sentidos, e o início daquele reconhecimento das perceções internas que podem ser comparadas à experiência do cego quando os olhos lhe foram abertos por ordem de Cristo e ele viu a maravilha do que era para ele um mundo novo e maravilhoso. No entanto, esta comparação é inadequada. Não consegue transmitir inteiramente o êxtase do prisioneiro que, por primeira vez, escapa da prisão do eu e conhece o êxtase da união na quietude com a Alma de todas as coisas.

Há muitos graus de união, muitos estados que podem ser assim penetrados quando estamos em solidão e cercados por uma calma silenciosa. Encontramos pela primeira vez dentro do silêncio a suave luz do nosso próprio espírito. Somos estimulados pelos seus raios. Ainda não estamos em contacto com o "Não-eu." Pois este é o primeiro estágio na meditação. Quando entramos no segundo estágio a nossa consciência torna-se consciente da alma do mundo. Em terceiro e último lugar, depois de muito trabalho e muita busca podemos, na quietude, "escutar a Deus."

Cada um precisa, é claro, encontrar o seu próprio caminho para esse êxtase divino. Ele não pode, de forma alguma, permanecer por muito tempo nas alturas. Pois não cabe no escopo da resistência humana, mesmo que as condições sejam harmoniosas, respirar esse ar superior por mais do que alguns breves momentos. Podemos sentir subjetivamente que vivemos um século assim, na medida em que tal realidade é, para nós, intensa, tremenda, e transcende na sua paz fervorosa todas as outras experiências na longa viagem de volta a Deus. Mas o tempo, no sentido terreno ou físico, não pode ser considerado em relação a tal Estado. Pois, a despeito da longa preparação, via de regra o culminar, a hora divina, se é que posso usar tal termo, pode durar não mais do que o clarão de um farol através de um mar noturno.

Quando quiserem entrar na quietude, precisarão primeiro esforçar-se por expulsar todos os pensamentos. Podem fazer isso refletindo sobre alguma imagem que lhes sugerir o Todo, que não lhes transmita nenhum indício de vida individual, nem separação. Gradualmente, à medida que segurarem e valorizarem esse símbolo, o vosso ser muda, o seu ego é lentamente solto — livram-se da sensação daquela teia de nervos confinante, daquele peso da carne. O silêncio inicial da paz torna-se-lhes real, há um deslizar, um afundar, uma passagem de tudo o que é sensorial e depois disso deve suceder o despertar.

Quando o dia é vencido e a noite governa o mundo, e encerra no sono as atividades de múltiplos milhares de cérebros latejantes de homens que vivem ao vosso redor, então vocês poderão, porventura, mais facilmente sair nessa busca do "Não-eu." Ou, se conseguirem que a natureza tenha intimidade convosco, sobre as colinas batidas pelos ventos encontrarão a calma e o repouso necessários para esse momento em que abandonam a máscara da vida e se apresentam como são à Alma Impessoal; invisível, contudo tão perto (poder-se-á dizer, por mais débil que seja) dentro de vós e fora de vós, mas apenas ligada a vós quando o esforço supremo é assim exercido.

Todos os homens, céticos e devotos, poderão desse modo tentar escalar dos vales do *eu* e, de acordo com a sua capacidade, escapar ao espaço e ao tempo e sentir finalmente, o ritmo eterno do universo.

"Acalma-te e sabe que eu sou Deus." Essas palavras poderão atraí-los, ainda enquanto vivam na terra, para o grande Além. Vocês poderão não ir muito longe, mas podem — pelo menos, se estiverem adaptados — em alguns raros momentos experimentar o estado divino que aqueles seres desencarnados que estão perto do fim da sua jornada percebem ser supremo na consciência maior que não pode ser traduzida por palavras, e que ultrapassa todo o entendimento humano.

Capítulo XIII
O INFERNO

O reino do inferno tem lugar dentro de nós. Muito do subdesenvolvimento teológico deveria ser removido antes de qualquer abordagem a esta questão.

Na era Vitoriana, o Inferno* era uma crua realidade que absorvia a atenção dos piedosos e hipócritas que descobriram um prazer mesquinho e venial (desculpável) na crença de que muitos dos seus companheiros seriam lançados a um fogo eterno. Mesmo que não cisme assim sobre o castigo atribuído por "um Deus ciumento," a maioria dos homens no mundo ocidental pelo menos aceitavam o inferno como um local definido de que, com as suas horríveis torturas, não havia escapatória.

**O académico reconhece que o termo Inferno, estritamente falando, quer dizer "o lugar ou esfera oculta" (que pode ser recompensa ou punição); e que os leigos degradaram o termo. Para eles, na era Vitoriana, certamente significava um lugar ou condição de tortura. Por uma questão de conveniência, eu emprego este termo no sentido aceite — W. Myers.*

Agora, porém, que a roda do tempo deu a volta, uma nova geração já não alimenta a ideia de fogos eternos reservados ao pecador na vida Futura. Se homens e mulheres inteligentes chegam a pensar no Inferno, eles frequentemente consideram-no apenas em relação à sua vida terrena. Se parecer que o destino os tenha tratado de forma vil, eles sentem que experimentam injustamente as piores misérias sem culpa formada. Circunstâncias externas, seres humanos antipáticos e ingratos ou a sua própria herança física, são considerados os demónios que os atormentam nos seus próprios pequenos infernos particulares, aqui e agora.

Clamam pela punição de agentes de finanças perversos, de governantes tiranos, ou denunciam o próprio círculo imediato pelos males de que são herdeiros.

Refiro-me apenas a um certo segmento supostamente inteligente da humanidade. No entanto, esses homens e mulheres do período pós-guerra não reconhecem — como sucedia com os seus

antepassados Vitorianos — que essas influências estranhas não se devem culpar, porquanto o reino do Inferno existe dentro de nós.

A angústia a que esse termo pode ser aplicado deve ser experimentada não apenas na terra ou em alguma localidade particular após a morte. O Inferno enquanto termo, é de facto insatisfatório por ter durante muito tempo referido uma região bastante definida; ao passo que, o seu lugar real será frequentemente encontrado dentro da consciência daqueles que têm conhecimento do bem e do mal e deliberadamente escolhem o modo de vida mau e insensato. O inferno, é verdade, pode ter lugar durante um tempo na alma de um justo, por o seu ser fazer face, porventura, a uma tragédia intolerável de que ele não seja, aparentemente, o autor. No entanto, mesmo nesse caso, ele pode ser responsável pelo seu sofrimento e ser o autor da sua própria infelicidade. Pois, em algum momento anterior, ele pode ter forjado, pelos seus próprios atos — ou a sua alma-grupo ter-lhe forjado — esse período desastroso, que tenha feito recair sobre ele o que ele pode considerar como um estado de tormento inteiramente injusto.

É necessário descartar a ideia de punição — termo que figurou com muita frequência nas obras teológicas de uma era passada, em que o inferno era descrito por prelados piedosos, porém sádicos. Nem na terra nem no pós-vida somos punidos pelos nossos erros. Experimentamos meramente os resultados naturais que seguem uma determinada linha de conduta. Se inevitavelmente padecermos das "dores do inferno" devemos considerá-las como dores de crescimento: precisamos tentar perceber que tal experiência é necessária ao nosso desenvolvimento. Através do inferno passamos para o céu. Sem inferno não pode haver céu. Um é tão necessário ao outro quanto o mal é necessário ao bem e vice-versa.

A maioria das almas na sua jornada precisa experimentar imaginativamente, em certos pontos da sua longa jornada, os fogos da purgação. Mas estes limpam e purificam. E após tal experiência o viajante sempre recebe a sua recompensa. Ele alcança em perceção espiritual e acima de tudo, dessa maneira, ele cultiva o domínio próprio, para então finalmente chegar o momento em que o reino do inferno não consegue exercer mais domínio sobre ele. Ele atingiu aquele estado de consciência que lhe permite, quaisquer que sejam as circunstâncias externas, preservar a sua serenidade e viver em harmonia com o Espírito Eterno.

O INFERNO E O PÓS-VIDA

As observações anteriores que fiz tanto podem ser aplicadas a condições anteriores à morte como às do pós-vida. O inferno não tem assento permanente. O inferno deve ser considerado como uma condição necessária à saúde e eventual salvação do indivíduo, quer ele se ache encarnado ou desencarnado, quer exista no tempo na terra, ou naquele outro tempo dentro do mundo da Ilusão, ou no plano de Eidos. O termo "fogo eterno" é completamente erróneo e todas as mentes lógicas deviam reconhecer agora, que de acordo com as leis da evolução, nenhuma criatura viva pode experimentar continuamente as suas dores. Só a ideia constitui uma ofensa às leis da natureza. Na verdade, o estado que descrevemos como de *inferno* pode

ser experimentado de forma intermitente com períodos prolongados de um carácter intermédio diversificado, e por vezes, aprazível. Falo pelo indivíduo comum que começa por ser um espécime do Homem-animal e depois Homem-Alma, e que finalmente passa para as regiões superiores além da infelicidade e dor humanas.

Precisam ter em mente que as conceções humanas prevalecem no mundo da Ilusão ou "Terra da Ausência de Esforço." Assim, quando um homem ou mulher ciumento ou briguenta entra no mundo além da morte, eles carregam consigo os velhos desejos possessivos, os velhos rancores e buscarão aqueles que se lhes assemelham para poderem novamente dar vazão às suas paixões anteriores, a menos, é claro, que esses seus amigos tenham progredido tanto que eles estejam além da perseguição. Nenhuma jornada ao longo do caminho para a imortalidade é feita a sós. Mesmo que durante um tempo vocês acreditem estar inteiramente afastados de uma companhia agradável, mais cedo ou mais tarde vocês ver-se-ão de novo sujeitos às leis psíquicas da gravitação e serão atraídos para o círculo daqueles que vocês amam ou odeiam. Ninguém, numa primeira instância, é condenado a sofrer eternamente do remorso e da desventura que chamamos de inferno. A ajuda sempre está à mão. Quando o momento certo chega e vocês estão prontos para a sua ministração um amado socorre-os, e eleva-os do desespero para a esperança na hora da vossa mais profunda exaustão e sensação de derrota.

Talvez a beleza do amor jamais alcance expressão mais apropriada do que quando os viajantes se voltam em buscam das almas cansadas que ficaram para trás. Cristo desceu do céu mais elevado ao abismo da terra, a fim de libertar aqueles filhos que Ele tanto amou. Mas inúmeras almas procuraram individualmente pai, irmão, filho, mãe, esposa ou amigo dessa maneira e não só ampliaram os seus próprios poderes como habilitaram as almas que ajudaram a crescer e a desenvolver-se, a abrirem-se espiritualmente quais pétalas de uma flor.

Quando uso a palavra "amado" não sugiro necessariamente um único indivíduo, nem uma afinidade que diga respeito ao sexo oposto. Pode haver duas, três ou até mais pessoas que sejam designadas por tal termo. Nenhuma regra pode, de facto, ser estabelecida a esse respeito, por as almas diferirem amplamente na resposta que dão no âmbito da lei psíquica da gravitação. Eles seguem de forma distinta as suas próprias naturezas e muitas vezes desenvolvem-se em resposta às qualidades características do seu Grupo. Nenhum limite pode, pois, ser aplicado ao amor na sua forma mais elevada. Sabemos apenas que pode vencer a morte e o inferno.

CRIAREMOS O NOSSO PRÓPRIO INFERNO?

A afirmação geral de que criamos o nosso próprio inferno nem sempre constitui uma declaração correta dos factos. Sem dúvida, um certo número de homens e mulheres cria deliberadamente o seu próprio inferno, a despeito da saúde do corpo físico ou etérico, ou das condições vantajosas. Mas embora muitas almas possam ser indiretamente responsáveis pela sua hora de tormento, devido à história passada em outras vidas, na verdade não criam tal inferno. Cristo experimentou o inferno no Jardim do Getsémani quando orou: "Pai, se for Tua

vontade, afasta este cálice de mim. Contudo, seja feita não a minha, mas a Tua vontade." Imaginem a infelicidade daquele maravilhoso Filho de Deus que assim foi atormentado. Ele precisava, forçosamente, orar assim para se ver livre do propósito que existia por trás da hora do culminar de toda a Sua Vida.

Nos vossos momentos de tragédia, quando lhes parecer que a vossa carne e a vossa mente não mais possam suportar, quando clamarem contra o que lhes parecer uma deserção da parte de Deus e do Consolador, recordem na vossa memória aquela hora sombria passada no Getsémani e a reviravolta ou transformação súbita que esteve por trás desse apelo ao Pai. É um clamor que soou ao longo de todos os tempos e que todo homem de índole espiritual ecoou em algum momento em que as sombras se reuniram densas e todas as alturas pareceram para sempre veladas e perdidas.

Alguns homens e mulheres podem nunca se deparar com condições que os envolvam em conflito que exija, enquanto dure, uma resistência sobre-humana. Para eles, a infelicidade poderá dever-se à entrega a um trabalho incompatível; prolongado por um período de tempo considerável. Sentem-se diminuídos na alma pela frustração, e todas as suas aspirações são frustradas e postas em cheque. Contudo, embora exteriormente eles levem uma vida que não pareça comportar nenhuma experiência aguda, é um desafio ou provação muito mais prolongada e muitas vezes muito mais difícil de suportar do que uma breve tribulação, por mais aguda (ou grave) que seja. Além desses há aquele outro tipo de frustração experimentado pelos homens e mulheres que se encontram desempregados, que padecem de esqualidez e ansiedade com relação àqueles que amam, e que ainda assim se esforçam por prosseguir enquanto os meses se vão passando e o alívio só chega após uma longa espera; e quando, porventura, no seu íntimo tiverem deixado de abrigar esperança ou de acreditar em tempos melhores.

Tais indivíduos suportam a condição que designei por "crescimento da alma" com a mesma certeza que outro a suporta em poucos dias ou horas de tremenda agonia. Outros, que podem gozar de circunstâncias prósperas, experimentam o seu inferno ao ter que viver com um parceiro incompatível, esposa ou marido. Inúmeras são as formas desse doloroso processo que é essencial ao desenvolvimento. No entanto, sempre chega um alívio, e se tardar e não for conhecido na vida terrena, a reação de felicidade e alegria certamente ser-lhes-á garantida no Grande Vida Futura.

Em Eidos o peregrino enfrentará, por vezes, a dor que decorre do conflito e da luta, mas não precisará, em nenhum sentido, sofrer nem suportar como sofreu e suportou na terra e a sua alegria, o triunfo da superação, será incomensuravelmente incrementado. Quando refiro a ausência de inferno no estágio inicial que se segue à morte, refiro-me à experiência da média dos seres humanos. Mas aqueles que tiverem levado uma vida anormalmente ciumenta, egoísta, cruel e ardilosa nem sempre escapam das labutas do inferno durante a sua estada no mundo da Ilusão.

A sua própria natureza perversa interfere na satisfação dos seus desejos; a incapacidade que têm de amar outros na verdadeira aceção da palavra, derrota a lei da gravitação psíquica. Aqueles com quem eles tiverem estado casados e possuíram na terra estão perdidos para eles. Eles procuram às apalpadelas e em vão pelas névoas de uma ilusão ser, eles e somente eles próprios, propiciados e servidos a despeito de qualquer custo para os demais. Cabe a eles o destino da solidão; assim, não se demoram muito tempo nesse estado, mas buscam uma maneira de renascer na terra. Por vezes, contudo, através do inferno da sua própria solidão introspetiva, brota um amor verdadeiro; então ele emana como um chamado e mais uma vez naquele imenso Reino dos Defuntos, eles encontram outros do seu parentesco ou almas congéneres.

Tão variados são os viajantes que vêm da terra que é impossível estabelecer qualquer regra fácil acerca das suas experiências e o conhecimento futuro que terão da dor e do prazer, da alegria e da tristeza. O padrão na terra e na 'Terra da Ausência de Esforço' está sempre a ser tecido, a entrelaçar e a desemaranhar. Muitas almas demoram-se na 'Terra sem Esforço' até que todos os seus parentes, todos os parentes da sua geração aí se lhes juntem, pois eles sentem a necessidade dos seus familiares e de avançar com acompanhamento. Mas há muitas almas pioneiras que não ficam assim, mas prosseguem para Eidos. O que não quer dizer que elas fiquem inteiramente isoladas daqueles que elas amam. Elas podem retornar à vontade ao plano da Ilusão e reunir-se à vontade e temporariamente por breves períodos aos seus amigos e parentes. Assim, o tormento de estar completamente apartado daqueles que vocês amam e que ficaram para trás não precisa ser experimentado. E uma salvação desse tipo particular de inferno não é a menor das graças misericordiosas concedidas aos seres desencarnados.

O mundo Além-túmulo parece, na opinião de muitos homens e mulheres atarefados, inteiramente isolado da terra e dos seus habitantes. Essa crença num abismo fixo que não pode ser cruzado é, claro está, um equívoco. Aqueles que trabalham de acordo com a lei psíquica da gravitação frequentemente encontram algum meio pelo qual consigam comungar com os que partiram. Mesmo assim, certos seres humanos ponderados vêem-se atormentados pela crença de que, se a sua for uma longa separação e muitos anos precisarem passar-se antes que eles possam juntar-se ao amado na Vida Futura, eles venham a ser como que estranhos, por não terem partilhado experiências comuns, memórias comuns, durante toda uma geração.

Talvez a pungência da perda de algum bom amigo seja causada principalmente por esse receio de não reconhecimento que, com a mudança, possa significar uma completa separação. O aguilhão poderia ser extraído desse inferno solitário, desse sentimento de perda total, se os enlutados percebessem que o homem ou mulher ou criança que os ama não precisa perder o contacto, mas, mediante certas condições, podem ainda partilhar com eles uma parte da sua vida quotidiana.

Quando vocês dormem, a vossa alma entra no vosso duplo ou corpo de unificação e então vocês passam para dentro do vosso *eu* subliminar. Esse *eu* pode comungar, e comunga, com o amado - e ele ou ela estabelece contacto convosco através do seu próprio *eu* subliminar. Dá-se,

então, uma partilha de experiências. Via de regra, tal experiência pode não ser trazida para dentro dos limites da vossa memória física. Mas depois da morte vocês encontrarão essa vida, que conheceram somente nas profundezas do sono, registadas na memória do vosso duplo, o corpo que a vossa alma retém após o seu último adeus à terra. Assim, embora uma geração os possa ter separado dos vossos amados, vocês encontrar-se-ão de novo não como estranhos, mas como aqueles que desfrutaram de companheirismo ao longo dos anos.

Posso dizer, contudo, que tal experiência só pode ser desfrutada por muito poucas pessoas que se enquadrem no vosso padrão e conceção e que, consequentemente, forem de importância vital para vós na vossa longa jornada. Os seres desencarnados que assim repartem memórias convosco, são mais conscientes disso do que vocês jamais poderão ser. Mas, enquanto levam uma vida ativa em outro plano, também eles se distanciam temporariamente das memórias dos encontros que têm com a alma que vem no corpo de sono, da terra. Contudo, ao se retirarem para o seu *eu* maior, essa vida íntima é-lhes revelada quando finalmente se encontram e se saúdam mutuamente no mesmo plano de existência.

Se ao menos os seres humanos pudessem perceber este facto, eles poupar-se-iam a muita infelicidade, e por isso menciono-o de novo porque, num capítulo sobre o inferno, o sentimento de total perda conhecido tantas vezes dos seres humanos pode ser considerado como uma das formas mais desesperadas de sofrimento, uma aflição que pode ser facilmente dissipada se esta afirmação for aceite.

O ÍMPIO E O INÍQUO PROSPERAM

Deverá, por vezes, parecer difícil acreditar num Deus justo quando os ímpios e os insensíveis parecem prosperar e quando o homem íntegro sofre dificuldades e frustrações e fica pelo caminho. Na verdade, um indivíduo empedernido e cruel pode passar pela vida sem experimentar, uma vez sequer, esses tormentos mentais que eu chamo de "fogo do inferno." Mas tal indivíduo pertence à criação bruta, encontra-se bem no fundo da escala da consciência. Ele irá sofrer algures — talvez na 'Terra da Ausência de Esforço' aquele inferno que ele não conheceu na terra. Pois em algum momento na sua longa história ele terá que crescer, e o crescimento vem através da dor.

Assim, não apelem a Deus para que lhe peça contas pelo que possa parecer uma injustiça cruel. Os pratos da balança são equilibradas de forma imparcial. A cada alma a sua medida. Que importa em que ponto no espaço e no tempo essa medida será aplicada ao malvado? Ao tratarem-no por perverso ou malvado, rogo-lhes que se lembrem de que ele não passa de uma alma deformada, uma alma embrionária que precisa ser moldada e formada através de inúmeras experiências, e que ele percorre o próprio caminho que vocês estão a trilhar, e que no devido tempo passará por provações e conhecerá frustrações tão profundas e amargas

quanto as que vocês conheceram. A maior parte das almas possuíram, em algum momento, esse carácter embrionário. Pois infinitas são as castas da psique.

O Livro de Jó é a maior ode ao triunfo da alma humana sobre o inferno que já foi registado. De facto, Jó, o justo, precisa ser tomado como símbolo daquela alma que deseja progredir rapidamente na escala da consciência. Assim, embora no conto das suas amargas aflições se diga que Deus tenha estabelecido um teste, ainda será certo que o espírito que nutria a alma desse homem, desejou e consentiu nessa prova. Pois, no final de contas, Deus, ou a Mente Suprema, deixa ao espírito a liberdade de escolha, o livre arbítrio. Contudo, a alma de Jó não tinha consciência dessa decisão. Pois o espírito é a luz que através da sua influência atua sobre nós desde cima, embora não seja inteiramente nosso e não possa, salvo em casos excecionais, transmitir a sabedoria superior à consciência que está tão profundamente enraizada neste corpo de barro. No capítulo 19 do Livro de Jó,* ele profere o grande clamor daquela imortalidade triunfante que em todas as eras e em todas as gerações prevalecerá sobre a morte e o inferno; "Eu sei que o meu Redentor vive e que Ele se irá apresentar no último dia sobre a terra. E embora os vermes venham a destruir este corpo, ainda assim na minha carne hei de ver a Deus."

**O número do capítulo é aqui inserido a pedido do comunicador. - Beatrice Gibbes*

Capítulo XIV
O MODO CORRETO DE AMAR

PLATÃO falou da jornada da alma que descobriu o modo certo de amar. Em primeiro lugar, é preciso perceber a beleza nas coisas terrenas, depois a beleza de todas as formas. Daí avança gradualmente para a perceção da conduta justa, de princípios justos, até que finalmente chega ao princípio último de todos - o conhecimento da Beleza Absoluta.

Quando Platão descreveu ao estilo da jornada na frase "a maneira correta de amar," ele falou como alguém inspirado. Mas tenham em mente que o amor, divorciado da compreensão imaginativa, é impotente, e pode levar a que a alma retroceda em vez de avançar, pode levar o homem a um nível mais baixo em vez de a um nível mais alto. Assim, eu mudaria aos termos e escreveria "o caminho da sabedoria" em vez do caminho correto de amar. Porque a sabedoria testa e restringe o amor de modo que possa atingir uma pureza sobrenatural, uma pureza que pode perfurar como uma lança, que pode penetrar o âmago da vida, chegar às profundezas do ser. A sabedoria leva o homem ver através da fealdade superficial e a perceber a beleza da alma na mulher simples, no velho feio e decrépito, em todos aqueles seres humanos que, cercados por uma vida e circunstâncias de pobreza hedionda, continuam a lutar, mostrando com a sua humanidade aos outros uma justiça de espírito que desmente as aparências externas.

Sigam, sem dúvida, o conselho de Platão e busquem a maneira correta de amar, contudo há somente um caminho que conduz através do entendimento, e aquele que o segue deve ser maior do que esse entendimento, e ser capaz de abrir a porta da Sabedoria e de se esforçar, qual pássaro, de pairar ao vento que flui da Inteligência Divina. Pois somente a Sabedoria pode levá-lo adiante e para cima no caminho certo de amar.

"Avaliação correta com respeito à Verdade." Esta frase encerra tudo o que o homem precisa saber e obter, não só acerca do amor em particular, mas do Amor Divino. Pois somente através do poder de pesar e ajuizar, do peneirar e avaliar, poderá ele separar a escória do ouro, o falso do verdadeiro; encontrar a perfeição da Beleza Absoluta.

E, encontrando-o, seja na vida contemplativa ou no trabalho para algum fim elevado, ele adquire com certeza o conhecimento dos valores eternos e, ainda preso ao barro, é capaz de viver naqueles planos superiores da consciência que dizem respeito propriamente ao Pós-vida e é, no sentido estrito, alheio ao destino terrestre e não faz parte dele.

Quão excelente, quão bela pode ser a existência de tal indivíduo. Ele é, por assim dizer, um anjo dotado do conhecimento de Deus, e conquanto assim consciente do fardo da carne e, capaz de partilhar das dores das massas, pode elevar-se acima do mundo e, qual ave marinha que paira sobre o tempestade, é capaz de perceber e reconhecer todo aquele tumulto agitado e, ao mesmo tempo, habitar na região mais calma além da maré e da inflação da ganância, do conflito e do ódio que caracterizam grande parte da vida do momento presente na terra.

Naturezas tacanhas não podem conhecer a beleza. O puritano que não mostra misericórdia no juízo que faz, que não tem piedade pelos seres humanos que erram, pertence essencialmente à terra e não pode, conforme o peregrino que descrevi, viver em dois mundos. Pois ele carece de tolerância; ele não possui visão. E "onde há falta de visão, o povo perece." Onde não há perceção imaginativa o indivíduo gradualmente deteriora-se espiritualmente, e embora exteriormente leve uma boa vida, ele leva uma existência interior numa névoa de ideias confusas divorciado da compreensão que irá, na sua vida seguinte, fazer com que, se não for cuidadoso, ele afunde num plano inferior ou volte inteiramente não restabelecido na alma para a terra de novo.

O buscador da Beleza Absoluta não deve, de forma alguma, enquanto estiver a levar uma vida terrena ativa, desprezar os prazeres dos sentidos. Pois ele é colocado na terra para que possa experimentar esse tipo ou condição de vida em pleno; ele deve apreciar a beleza das flores, dos campos, nos montes e dos mares; a beleza das cidades nobres, a beleza da forma em tudo o que se move e respira. Ele não está a pecar, não, mas incrementa o poder espiritual se ele encontrar prazer na arte ou na música, se a beleza de palavras amáveis lhe comover o coração e a alma.

Por fim, no que diz respeito à sensualidade mental, ele deve permanecer profundamente consciente da Vida cósmica, ser sensível à majestade, ao terror, à estranheza e mistério do

universo visível. Amante e espírito orgulhoso da vida no isolamento, hedonista e estoico, santo, sábio e homem do mundo, todos esses aspetos devem ser parte da sua natureza; mas o sábio devia ter poder sobre os irmãos inferiores, devia finalmente ter domínio sobre todos.

Estudem as palavras de Cristo que foi o Homem Perfeito e esses aspetos ser-lhes-ão revelados.

"Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus."

Assim falou o Homem que tinha conhecimento do mundo.

"Amem os vossos inimigos, abençoem os que os perseguem."

Nisto o santo revela o Seu sonho (ideal) sobrenatural.

Mas através da história da mulher apanhada em adultério, obtemos um vislumbre do sábio. Pois Cristo repreende os acusadores dela dizendo:

"Que aquele que estiver isento de pecado seja o primeiro a atirar a pedra."

"Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais; porque de tais é o Reino dos Céus."
Assim falou a Voz do amor humano, e homens e mulheres reconhecem nesses ditos a sua própria humanidade.

Mas e com respeito ao aspeto hedonista em Cristo? O Cristão pode indagar e até sugerir que a atribuição de tal designação a Cristo constitua uma profanação. O hedonista encontra-se no Jovem que transformou a água em vinho; no Homem, que, quando a mulher o ungiu com óleo precioso, repreendeu os discípulos, dizendo:

"Os pobres sempre tereis convosco, mas a mim nem sempre me tereis."

A história de Marta e Maria pareceu enigmática a certas mulheres de todas as eras. Mas se elas reconhecerem que o sábio falou em Cristo quando disse:

"Maria escolheu a melhor parte," então eles chegarão a um entendimento dessa repreensão que parecia dura quando dirigida a uma mulher que se esforçava de manhã à noite na labuta da casa, e se via rodeada de tantos afazeres. Elas perceberão nesse ditado, um significado que não se descortina de imediato, a saber, que ao permitir que apenas um aspeto de si própria lhe governasse a vida para exclusão de todos os outros, Martha estava a pecar contra a sua própria natureza, que deveria comportar esses diversos outros aspetos que compõem todo o ser e conferem glória à imagem que Deus moldou no barro.

Uma vez mais, o estoico poderá, à primeira vista, parecer um estranho ao Cristo revelado nos Evangelhos. Mas voltem as páginas e no início da vida vocês encontrarão um homem que andou pelo deserto, que foi tentado pelo demónio, que recusou todos os reinos do mundo e que jejuou quarenta dias e quarenta noites na solidão de um lugar estéril.

Finalmente, a luz do Sábio brilha claramente e por toda a eternidade na última fase venerável da Vida Divina. Pois o sábio em Cristo sabia que nem os Seus discípulos nem o mundo aceitariam as Suas palavras salvo por meio da Sua morte e ressurreição.

O sacrifício supremo acendeu um farol que brilhará por todas as eras, independentemente da tendência do pensamento e do esforço humano. O Sábio dominou todos aqueles outros aspetos inferiores do *eu* quando Cristo orou em meio ao suor e à agonia no Jardim do Getsémani:

"Pai, se for tua vontade, retira este cálice de mim. No entanto, não a minha vontade, mas a Tua seja feita."

Desse modo o Sábio censurou o santo que poderia ter buscado a libertação na solidão do deserto ou entre os Essénios. O santo poderia alegar que assim, em comunhão com Deus, Ele seguia a vida perfeita. O hedonista exigiu a essa solitária e ainda jovem Figura, a satisfação dos anos, o direito intrínseco de um corpo belo e de uma alma encantadora.

O amante falou de laços humanos. O homem que conhecera o mundo, argumentou que a morte do líder iria dispersar o rebanho, que o trabalho dos anos haveria de passar como as folhas do outono e não deixaria lembrança. O sábio, no entanto, nesta hora de trevas, dominou todos os outros - sufocou esses outros aspetos do *eu*. Mostrou naquela noite de pavor que Cristo era o Filho de Deus. Assim, o Mestre enfrentou os soldados e uma vez mais revelou a Sua sabedoria no silêncio a que Se reservou quando Ele foi levado diante dos Seus acusadores.

Quando afirmo que o sábio governou estes últimos dias de Jesus, não pretendo menosprezá-Lo. Pois o sábio é aquele que tem conhecimento da vida eterna, que é capaz de olhar de frente todos os anos do homem. O sábio recebe a sabedoria do Espírito Santo, e assim, ele não é revelado na sua plenitude, até mesmo no caso de certos indivíduos raros, salvo no clímax da vida; salvo, porventura, no auge da idade adulta ou nos últimos anos de uma velhice serena, mas imprescindível.

Conquanto reconheçam a beleza da vida de Cristo, os pensadores fúteis do vosso tempo e geração afirmam que Ele foi insano nesses últimos dias, não somente por se entregar, mas realmente por convidar a morte ao se intitular de Filho de Deus. Mas os tolos de todas as eras sempre têm os insensatos na conta de sábios. Vocês conhecerão um tolo ou um homem de visão tacanha por uma presunção dessas, da loucura dos outros. Por o indivíduo medíocre comum ser cego para com a sabedoria e incapaz de perceber que Cristo sabia que a Sua vida e as Suas palavras só perdurariam se Ele declarasse a Sua origem divina e, por isso, sofresse a morte na Cruz.

O Sábio que foi Filho de Deus conquistou não apenas uma geração como acontece com um grande homem, mas milhões ainda hão de nascer e assim, o que quer que pereça, a Sua história não perecerá, pois a Sua vida é a manifestação da Sabedoria Divina.

Ao estudarem os Evangelhos observem a preparação cuidadosa, percebam as fases porque o espírito de Jesus passou. Reconheçam que Ele alcançou a perfeição ao expressar a Sua natureza. Através desses diversos aspetos Ele obteve um equilíbrio de carácter e um poder sobre a vida que jamais foi igualado; por meio deles Ele compreendeu todo tipo de homem e mulher - o publicano ou homem comum; a dona de casa ocupada em Martha; Maria, a amante das coisas do pensamento; a prostituta; os sacerdotes, os escribas, os Fariseus, os pescadores, os ricos, os príncipes, os mendigos. Pela compaixão por desses diversos aspetos da natureza do homem ou da Sua natureza, Ele foi capaz de apreender as tentações, os pecados, as nobres virtudes de todos esses que são tão representativos da natureza humana hoje, como o eram há dois mil anos atrás.

É, por conseguinte, fácil perceber que o Puritano ou o Epicurista, e as pessoas que exacerbam apenas um lado da sua natureza, uma maneira de ver a vida e a eternidade, estão longe do Reino de Deus ou, pelo menos, são apenas elementos nessa multidão de almas subdesenvolvidas que ainda têm um longo caminho diante de si, e que não ascenderão facilmente aos mundos superiores que os aguardam no Pós-vida.

CONHECIMENTO E SABEDORIA

Não confundam a reclamação que faço da Sabedoria com a perspetiva de que "Conhecimento seja virtude." Académicos e eruditos pedantes de todas as eras têm, nas suas vidas e condutas, provado a falsidade desse ditado. Não posso repetir o suficiente que o conhecimento não torna um homem sábio. O camponês que não sabe ler nem escrever pode ser abençoado com uma graça de sabedoria que falte por completo a um filósofo, a um cientista dotado ou a um teólogo brilhante.

"Os primeiros serão os últimos e os últimos os primeiros."

Nesta bela frase, Cristo falou por toda essa gente simples e obscura que recebeu esse dom do Espírito Santo que chamo de Sabedoria.

GAUTAMA, CONHECIDO COMO O BUDA

Consideremos a vida de Jesus em comparação com o exemplo de Buda. Vamos comparar os ditos imortais de Cristo com "As Quatro Nobres Verdades" anunciadas por Gautama no primeiro sermão que proferiu em Benares. Elas são os seguintes:

"A de que o sofrimento é universal, nenhum homem está livre dele desde o nascimento até à morte.

A de que a causa desse sofrimento reside no desejo ou anseio, que leva ao renascimento e à continuação do desejo e infelicidade.

A de que a libertação do sofrimento deve ser obtida através da supressão do desejo, da ausência de paixão de todo tipo; através daquele estado mental tranquilo que se contenta e não tem ânsia do que não possui.

A de que esse resultado deve ser obtido pela busca do santo caminho óctuplo, a saber, da crença correta, da aspiração correta, da palavra correta, da conduta correta, dos meios corretos de subsistência, dos objetivo e esforços corretos, da memória correta, da meditação correta."

Dessas Quatro Nobres Verdades desenvolveu-se um elevado código ético. Buda exige dos seus seguidores que observem as seguintes regras:

Nenhum ser vivo deve ser morto. Ninguém deve tomar o que não lhe foi dado. O adultério é estritamente proibido. Nenhum homem deve proferir uma inverdade. Todas as bebidas intoxicantes devem ser evitadas. . . Nenhum alimento para ser ingerido depois do meio-dia. Ninguém deve comparecer à dança, canto, música ou exibições dramáticas; não devem ser usadas grinaldas, perfumes, unguentos e ornamentos pessoais; não se deve deitar em leitos elevados nem largos e ninguém deve possuir ouro nem prata."*

** A pedido do comunicador as citações referidas acima foram lidas da enciclopédia Harmsworth. Beatrice Gibbes.*

Ver-se-á a partir desse esboço grosseiro que Buda e Cristo não estão inteiramente em uníssono nos seus ensinamentos. Constatar-se-á que diferem consideravelmente em certos aspetos se as suas palavras forem cuidadosamente comparadas.

Buda afirma que a libertação do sofrimento deve ser obtida pela supressão do desejo. Ele exige que ele seja drenado na fonte; que, de facto, os seus seguidores deveriam liquidar uma certa parte fundamental da sua natureza terrena.

Cristo, por outro lado, requer dos Seus discípulos que eles controlem os desejos, que eles sejam governantes sábios na sua própria casa. Ele não quereria que eles condenassem essa parte vital da sua natureza.

O Jovem que assistiu às bodas de Caná e transformou a água em vinho, violou a ordenança de Buda que exigia aos seus seguidores que eles não partilhassem de bebidas intoxicantes. O Cristo que permitiu que a mulher O ungisse com preciosos unguentos ofendeu uma vez mais as

regras de Gautama. Quando o Mestre festejou com publicanos e pecadores, quando Ele partilhou de refeições peixe e carne, Ele uma vez mais se afastou do caminho estreito dessa fé oriental.

Além disso, alguns dos Seus ditos estão repletos de amor e desejo de vida. As próprias palavras: "Para que tenham vida e a tenham em maior abundância," expressam uma amplitude de visão que não se mostra conforme com os pontos de vista do grande Mestre oriental. Sinalizo com esta afirmação que há necessariamente um enriquecimento da vida espiritual por meio de uma experiência ampla e plena, não apenas no sentido contemplativo e ascético, mas no exercício de todas as perceções que Deus concedeu ao homem.

A religião de Jesus o Nazareno é a religião do destemor. Ao passo que a religião de Buda sugere uma certa pusilanimidade moral que não podemos argumentar com nenhuma bela frase como a de que o seu objetivo assentava no desenvolvimento espiritual, ou num anseio pela perfeição espiritual que tinha, por objetivo, escapar da condenação do renascimento. Buda revela um medo do sofrimento, um receio da natureza que Deus lhe concedeu, ao exigir dos seus seguidores que eles deveriam suprimir todo o desejo, que eles deveriam considerar qualquer felicidade obtida através dos sentidos como sendo de carácter prejudicial e assim, a fim de escapar dela, eles devam fugir, por assim dizer, devam evitar a tentação, virar as costas ao mundo e à carne.

Cristo, porém, enfrentou a carne e o demónio, viveu na companhia de todos os tipos de homens e não percebeu nenhum mal numa expressão controlada do desejo. Não, em vez disso, Ele reconheceu que nascemos neste mundo para que, tirando proveito das lições que ele tem a oferecer-nos, e tendo-as aprendido corajosamente, possamos desenvolver o nosso carácter e habilitar-nos mais a prosseguir a nossa jornada em níveis mais elevados de consciência no mundo além-túmulo.

É verdade que Cristo não condenou aqueles eremitas, os Essénios, que viviam separados dos homens, em oração e contemplação. Ele viu que tal destino era adequado a certa gente. Mas o Seu próprio exemplo mostra que a reclusão silenciosa dos Essénios não lhe bastava, por perceber as suas limitações que, em suma, levavam apenas à expressão de uma parte da natureza do homem. Assim, Cristo escolheu o caminho mais corajoso e saiu pelo mundo a mostrar através do Seu exemplo, como era possível estar no mundo e ainda levar uma vida perfeita. Ele não tentou, em momento algum, procurar definhar qualquer parte da Sua natureza. Por vezes mostrava-se irado, outras vezes triste, outras ainda alegre e feliz que nem uma criança, ou nobre e inspirado como quando enfrentou os sacerdotes e os escribas e todo o mal que as suas pequenas almas mesquinhas congeminavam. Em suma, Jesus criou um modo de vida que, para homens e mulheres, é o mais elevado até agora conhecido nesta terra.

Buda pregou um código ético grandioso. Mas exigiu dos seus seguidores um retiro do mundo, uma supressão da tentação. Ele virou as costas à vida. Porquanto o estoico e o santo tinham poder sobre os outros aspetos da sua natureza e finalmente exerciam domínio sobre todas.

Assim, Buda dificilmente pode ser descrito como Cristo é descrito — ou seja, como o Homem Perfeito. Pois o sábio ocupou o lugar inferior na natureza de Gautama; ele não se deixou governar por aquela sabedoria humana e compassiva que foi (a marca) de Cristo, a qual, na plenitude do seu florescimento, provou que o Mestre era, em verdade, o Filho de Deus.

CRISTO, BUDA E O MUNDO ESPIRITUAL

À primeira vista, parecerá que Buda tenha declarado toda a lei de uma vida virtuosa com a Quarta Nobre Verdade.

"Que esse resultado deve ser obtido pela busca do santo caminho óctuplo, designadamente, pela crença correta, aspiração correta, linguagem correta, conduta correta, meios corretos de subsistência, objetivo e esforço corretos, memória correta, meditação correta."

No entanto, quando Buda usa o adjetivo "correto," ele aponta uma retidão segundo Gautama que não é exatamente a mesma coisa que justiça (retidão, integridade) segundo Cristo. Buda teria, sem dúvida, desaprovado a resposta que Cristo deu aos Fariseus quando eles disseram:

"Por que os discípulos de João jejuam com frequência e fazem orações, à semelhança dos discípulos dos Fariseus, mas os teus comem e bebem?"

A quem Ele disse:

"Acaso os convidados das bodas poderão jejuar enquanto o noivo está com eles? Mas dias virão em que o esposo lhes será levado, e então nesses dias jejuarão."

Aqui Jesus aconselha os Seus discípulos a obter prazer da vida enquanto podem. Chegará hora em que eles deverão jejuar quando os dias de alegria terminarem. Por outras palavras, há um tempo para o jejum e um tempo para a satisfação do desejo de uma vida de alegria e saúde, para o júbilo e a alegria inocente.

Buda teria aprovado a reconciliação entre o pai e o filho pródigo, mas ele teria condenado o festival, a ingestão do bezerro cevado, as palavras alegres do pai: "É justo que regozijemos e nos alegramos. Pois este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado."

Gautama exige a extinção do sentimento passional, da alegria emocional conforme vem estampada neste recurso. Pela sua natureza fria e ascética haveria de perceber o perigo de maior sofrimento para o pai depois dessa hora de prazer inocente - sofrimento provocado, porventura, por ciúmes entre os irmãos, ou por outro fracasso da parte do filho pródigo. Mas Cristo elogiou essa alegria natural do pai indulgente e, ao fazê-lo, teve a visão mais refinada da vida do homem.

Jesus, diz numa outra passagem, ao povo:

"Não andem de semblante triste como os Fariseus." Ele parece achar que faça parte do dever de um homem bom ser um homem feliz.

Quando Ele enunciou aquele estranho e maravilhoso ditado:

"Todo aquele que procurar salvar a sua vida deverá perdê-la; e aquele que perder a vida a preservará," Ele criticava o rico e o poderoso. Mas essas palavras podem igualmente ser aplicadas à doutrina fria e austera do Buda.

Ao buscar o autodomínio, o Budista está fadado a praticar um egoísmo frio. Ele não faz mal a nenhum homem. Ele poder até, beneficiar ocasionalmente as pessoas se ele as ensinar, incitando uma vida moral e ascética. No entanto, ele está principalmente preocupado com a sua própria salvação. Ele dedica-se quase que por inteiro ao bem-estar da sua própria alma. Ao eliminar o desejo e todo o sentimento humano que dele brota, ele isola-se do corpo comum da humanidade. Com o tempo, ele passará a viver, por assim dizer, numa ilha deserta. Após tais práticas, após uma vida dessas, qual será pois o seu destino no mundo além-túmulo?

Suponhamos o facto de que ele seja um daqueles Budistas probos que tenha escapado à condenação do renascimento. Na terra, ele não cometeu nenhum dos pecados do homem comum, mas mostrou-se precavido ao pensar no amanhã. Pior ainda, ele pensou de forma assídua em toda a eternidade. Por conseguinte, no mundo por vir, ele tenderá novamente a viver no isolamento e talvez venha a existir por eras do tempo na crisálida do pensamento que o envolveu durante a sua vida terrena. Ele estagna — permanece no que pode ser descrito como um contentamento vegetativo. Ele provavelmente trabalhará sob a ilusão de que alcançou o céu Budista. Não obstante, a perspetiva terrena que tinha ainda o restringirá mesmo que ele passe além do Terceiro plano e alcance o Quinto plano da consciência. Ele não se tornará verdadeiramente sensível a Deus e ao Seu poderoso universo, embora ele possa continuar a meditar nas coisas divinas.

Ele ficará mais ofuscado e mais negativo e será como uma pessoa adormecida que não consegue acordar do seu sonho. Assim como todo o seu mundo de ilusão pode ser despedaçado pela súbita convicção de que, ao se recusar a ter algo que ver com os seus companheiros de peregrinação pela terra, ele se tenha condenado ao isolamento da alma-grupo. E, no Quinto plano, onde ele devia esclarecer-se e desenvolver-se espiritualmente através da vida comunitária levada dentro dele, ele é incapaz de se juntar aos seus irmãos; o seu próprio modo de vida colocou-o demasiado aparte. Assim, ele terá que optar por reencarnar, ou enfrentar o medo que sente, ou, deverá através de enorme agonia, romper a crisálida de egocentrismo intelectual em que se fechou.

Se ele puder enfrentar essa crucificação de todo o seu ser, se ele puder abrir a sua alma à fraternidade de todos os elementos psíquicos e à lei de que devem ser "membros uns dos

outros" não no sentido meramente intelectual, mas no sentido real e ativo, então ele poderá, porventura, escapar à sentença que ele impôs a si próprio, a saber, que deveria, durante um vida terrena, pelo menos, enfrentar toda aquela experiência da qual ele escapou, para chegar a um termo com o medo que abrigava e, vencendo-o, esforçar-se por expressar os seis aspetos da alma — o amante, o espírito orgulhoso que se isola, o hedonista, o estoico, o santo, o sábio e o estudioso do mundo, e permitir que o sábio, na medida do possível, governe todos os outros aspetos. Com uma vida dessas poderá elevar-se acima do comum das massas, e poderá, em verdade, alcançar algum destino elevado. Pois, em todo o caso, ele treinou até à perfeição uma parte da sua natureza e agora, soltando as correntes do resto, com toda a probabilidade tornar-se-á uma influência poderosa, alistada no serviço do Bem.

O NAZARENO E O DISCÍPULO DE CRISTO

Mostrei, com isto alguns dos perigos que cercam o caminho do Budista na Vida Futura, ou seja, se ele observar ao pé da letra os ensinamentos do seu Mestre. Mas é justo que eu deva agora escrever sobre os perigos que podem assediar os discípulos de Cristo se eles procurarem seguir-Lhe o exemplo, seguir-Lhe os passos que ele deu durante a sua vida na terra. A palavra Cristão foi degradada e maculada. Milhões de supostos Cristãos em cada geração amaldiçoaram os inimigos, odiaram os vizinhos e praticaram todas as crueldades com o semelhante. Por isso, será melhor descartarmos o termo "Cristão" quando falamos dos seguidores de Cristo. A frase "Jesus de Nazaré" evoca a imagem de um Homem Perfeito, de uma vida nobre e inspirada. Assim, eu preferia usar a palavra "Nazareno" ao invés de "Cristão" ao escrever sobre o homem moderno que busca — na medida do que é capaz — seguir os passos do Mestre.

Jesus de Nazaré exige dos Seus seguidores que enfrentem a vida sem medo. Ele requer que eles expressem toda a sua natureza, aqueles seis aspetos ou *eus* que eu descrevi nas páginas anteriores. Ele sabiamente exige deles um padrão de conduta que, ao homem médio, parecerá praticamente impossível de alcançar. Pois apenas um ideal sublime poderá despertar o esforço sobre-humano. É provável que nenhum ser humano consiga levar a cabo ao pé da letra, os mandamentos de Jesus. Mas, como Seu discípulo, ele levará uma vida melhor do que se seguisse o conselho de qualquer outro mestre. Porque a Grande Realidade do Espírito que, em essência, é a doutrina pregada por Cristo, é o ideal mais elevado até agora pregado aos homens. Nenhum outro caminho é tão difícil de seguir. O Nazareno encontra-se, em particular no século XX, assediado por todos o tipo de problemas se ele for fiel ao seu credo. Ele não poderá dar tudo o que ele tem aos pobres, e ele precisa pensar no amanhã se quiser ganhar o seu sustento e tiver outros à sua dependência. Contudo, ao fazê-lo, se tiver sempre presente a fraternidade da humanidade, e se não se permitir ser presa de infindável ansiedade, ele estará a seguir esse conselho do Mestre.

Jesus ordenou-nos que abençoássemos aqueles que nos amaldiçoam, pediu-nos que amássemos os nossos inimigos. Se, uma vez mais, procurarmos tanto quanto razoavelmente possível, adotar

essa atitude humana para com as pessoas que têm procurado ofender-nos e prejudicar-nos, estaremos a percorrer o caminho de Cristo.

Ao enfrentar o dia-a-dia o Nazareno* deve anotar o pensamento: "Somos parte uns dos outros." Esta frase traz a sua própria bênção às atividades diárias. Ela irá sugerir ao homem que a repete para consigo próprio aquela ampla tolerância que o ajudará a si e aos demais. As palavras, "somos parte uns dos outros" e "amem os vossos inimigos" encerram a sua própria sabedoria implícita. Sugerem que, ao magoarmos os outros, nos prejudicamos a nós próprios, e que ao ajudarmos os outros nos ajudamos a nós próprios. Cristo falou com bastante veemência sobre os laços familiares. O discípulo d'Ele não se deve restringir aos afetos familiares. Todo homem devia ser considerado por ele como seu irmão e cada mulher sua irmã, pois todos somos filhos do Nosso Pai Celestial. Se este conselho tivesse o seu devido lugar no pensamento dos homens, haveria um fim para as perigosas diferenças presentes entre as nações, e a Europa Cristã não mais negaria vergonhosamente a Cristo com ameaças de guerra e com manobras contínuas com fins de vantagem económica. Isso romperia com as barreiras da nacionalidade e, enquanto Nazarenos praticantes, aquelas nações violentamente divididas, membros de uma família, haveriam por fim de viver em unidade e acordo.

**(NT: Aqui no sentido de seguidor de Cristo, bem entendido.)*

O espírito de São Paulo mostrou-se, em certos aspetos, mais em harmonia com o espírito de Buda do que o espírito de Cristo. Pois São Paulo tinha medo do pecado e da morte ou — nos termos modernos — da vida e amor passional. Paulo receava os desejos da sua própria natureza tal como Gautama os receava. E assim ele esquivou-se desse maravilhoso modo de vida que foi imortalizado nas passagens dos Evangelhos.

Cristo dominou a Sua natureza e foi destemido, corajoso. O objetivo dos Seus discípulos deve ser o de alcançar ao estado de inocência intrépida. Assim viverão eles num plano de consciência que é mais elevado do que aquele em que existem os discípulos de Buda ou de Paulo.

O santo sustentava que todos os homens eram por natureza maus, que existia neles um ser que ele chamava "o velho Adão." Esse velho Adão é meramente uma outra designação para os desejos que Buda denunciou. Esses dois grandiosos ascetas mostram-se de facto em uníssono quanto ao medo do pecado. Cristo não evocou, em momento algum, a figura sinistra do "velho Adão." Ele não se preocupou com o tema sobre a qual Paulo cismava continuamente — a tirania do pecado. Assim, Ele, Jesus de Nazaré, foi isento de pecado e fez uso de todos "os talentos" de que falou na Sua parábola. Ele viveu a Sua vida em pleno, ao expressar toda a Sua natureza através do amor que sentia pela humanidade. Embora Cristo não odiasse, Ele podia mostrar-se encolerizado. A perfeita indignação expressou-a Ele em mais que uma ocasião quando Ele denunciou os Fariseus, e, naquele incidente notável em que expulsou os cambistas do Templo.

Assim, os Seus discípulos poderão, no zelo que tiverem pela pureza, ser arrebatados pela ira justa, que brota das profundezas da natureza humana e que é capaz destruir velhas formas de hipocrisia, ganância e tirania.

As palavras-chave na filosofia Budista são contenção e o controlo de si (presença de espírito). Mais uma vez, um apego demasiado severo ao homem natural levará ao enterro de uma força excelente para o bem; levará ao definhamento de um poder que, dirigido de maneira correta, beneficiará toda a humanidade. São Paulo e Buda foram dotados de muitos talentos. Só que enterraram alguns desses talentos e aconselharam os seguidores a fazer o mesmo. Cristo, porém, mostrou com a Sua vida e a Sua pregação que todos os dons de Deus precisam ser usados, que nenhuma parte da natureza humana deve ser sufocada ou consumida.

Nascemos neste mundo com um corpo, uma mente e um espírito que nos anima. Esses três devem ser empregados ao serviço de nós próprios e ao serviço dos outros. Devemos gozar de vida em abundância e, enquanto seguidores de Jesus de Nazaré, não ter parte nem que ver com o pecado e a morte conforme pregado por Paulo; nem qualquer dos receios pela nossa salvação pessoal que tanto preencheu a mente do Buda quando ele buscou o Caminho do Espírito.

Paulo deixou claro que o sangue de Cristo poderia redimir o homem e obter para ele o perdão dos seus pecados. Mas os seres humanos não podem ser magicamente salvos pelo sangue de Cristo. Eles só podem salvar-se através de um esforço corajoso que se estende por um longo período de tempo. Um homem é um ser responsável, responsável por si próprio, pelo Grupo de Consciência ao qual pertence, e igualmente responsável para com Deus. Assim, ele deve, como qualquer artista, trabalhar, esforçar-se, através das lágrimas, da infelicidade, da alegria e do amor com a sua própria natureza, até que, finalmente, isso adote forma e beleza verdadeiramente à imagem e semelhança da Beleza Absoluta.

A doutrina de Paulo acerca da inferioridade das mulheres, o receio que tinha das mulheres e a ideia de que Deus poderia ser subornado por um arrependimento repentino, foram inspirados pela parte vesga da sua natureza. Essas ideias são inteiramente indignas do homem que levou uma vida tão nobre e abnegada; e parecem-me a mim, agora, pertencer a uma velha e errada ordem de ideias humanas.

Poderei parecer demasiado severo na crítica que faço a Paulo e ter alterado as opiniões que abrigava sobre esse grande santo desde aquele longínquo tempo em que, procurei em versículos expressar a minha reverência e admiração pelo Apóstolo de Tarso. Devia, no entanto, ficar plenamente claro que na passagem acima referida ele é comparado a Cristo. Todas as outras luzes desbotam na presença da Sua luz.

O Homem Divino e até mesmo o homem espiritual, porém bastante humano, só podem ser contrastados para excessivo detrimento deste último. No meu poema procurei imaginar e expressar por palavras os aspetos mais elevados da natureza e vida de São Paulo. Não se

segue necessariamente que eu tenha falhado em apreender tais erros de julgamento da sua parte que, em verdade, eram a expressão do lado emocional da sua natureza e foram igualmente criados em parte pelo condicionamento de que foi alvo no início da vida e pelas circunstâncias que o cercaram durante a sua juventude.

Todos os homens ficam aquém do ideal do homem: todos cometeram, em maior ou menor grau, certos pecados por pensamento. Em nenhum respeito menosprezará a grandeza da luta que Paulo empreendeu, o carácter nobre da vida que levou, nem a altivez do propósito que abrigou se ele evidenciar ter sido influenciado pela educação que teve, pelas tradições da família, pela atitude de espírito que predominava entre o seu povo e tribo durante aquele período agitado. Aqui, neste capítulo, escrevo enquanto crítico e não poeta. Assiste-me uma diferença considerável no método de abordagem.

Ao escrever sobre Cristo e a Sua vida e ditos conforme descritos nos Evangelhos, ignorei as críticas e brigas discussões dos altos críticos. Estas não dizem respeito a um ser desencarnado, porquanto eu percebo nos Evangelhos a reputação de uma vida perfeita — e se é que existiram interpolações ou não na narrativa do Novo Testamento, só me importa a maneira ideal de viver que vem registada para sempre nas Escrituras de Mateus, Marcos, Lucas e João. Não é fácil, garanto-lhes, entender o sentido e o significado de obras como as dos quatro Evangelhos. Mas se os homens tiverem em mente a sabedoria contida na natureza de Cristo, nas Suas ações e pensamentos, e as aplicarem ainda que de forma irregular à sua própria vida, eles estarão a preparar-se para a longa jornada que eventualmente os levará além da personalidade humana, ao reino da vida divina transcendente.

Tampouco me interessa a longa disputa acerca da divindade de Cristo. Todos os homens e mulheres são inspirados pelo espírito. O Espírito é um pensamento de Deus. Assim, todos os homens e mulheres são filhos do "Nosso Pai Celestial." Mas Cristo é o Filho supremo de Deus. Pois pode-se dizer que Ele é a manifestação da essência da Sabedoria Divina na forma humana. Só Ele entre os grandes mestres, enfatizou a importância da lei eterna do amor. Aqui, no pós-vida, compreendemos, como os homens nunca poderão compreender, que essa lei possui um significado cósmico, significado esse que só poderá ser entendido até certo ponto, se for reconhecido que o Espírito é a substância real do universo; que a matéria que pode ser descrita como uma forma de manifestação do espírito, que é, de facto, apenas uma vestimenta tecida pelo princípio intelectual e inspirador.

O amor que a sabedoria encerra é a energia de integração que faz de uma soma de coisas um cosmos. O homem não é tão individual e separado quanto costuma acreditar. Pode-se dizer que ele seja apenas uma das fibras do seu Grupo. A sua própria salvação, ou rapidez do seu ritmo de progresso, será, pois, grandemente aprimorado se o amor que a sabedoria encerra se tornar sua finalidade e objetivo, o prémio que ele procura obter na corrida — o tesouro depositado no céu conforme Cristo descreveu.

Pois, se esse poder de amar sabiamente for vigoroso nele, ele poderá elevar o nível de consciência rapidamente no seu Grupo, ele será uma força vigorosa para a integração daquele ser mais poderoso do qual ele é parte. Platão poderia ter chamado tal ser quando na sua harmonia essencial, um deus. Porque, uma vez complementado e moldado num todo, ele expressa perfeitamente a Sabedoria Divina.

Assim, o objetivo do peregrino não é meramente o desenvolvimento dos seus próprios poderes espirituais, mas o desenvolvimento de tais poderes em todo o Grupo. E Cristo forneceu a pedra angular para tal criação no Sermão da Montanha e no mandamento em que enunciou que devemos amar e ajudar o semelhante. Nos seus ditos, Platão também fez uma importante contribuição para o progresso e evolução do peregrino, por o amor Platónico representar uma atitude de veneração e devoção da Beleza e da Bondade Eterna.

Essa atitude poderá parecer ser principalmente de carácter religioso. Mas tem uma aplicação universal e cósmica e não pode ser limitada a nenhuma religião praticada pela geração atual. Vai muito além da personalidade humana; sugere aquela reverência pelo Mistério de Deus que se acha notavelmente ausente do pensamento dos homens e mulheres da geração atual. De qualquer modo, certos pensadores importantes da minha geração interessavam-se muito mais com o estudo da desintegração, com o próprio processo da destruição. Assim, perderam o poder de reconhecer a possibilidade de (existência de) uma Mente Suprema, uma Inteligência que orientasse toda a criação. Tornaram-se, de facto, incapazes de uma atitude de veneração e devoção para com a Beleza e Bondade eternas. Esse espírito platónico precisa ser reconquistado para que haja integração e não desintegração do mundo civilizado atual. Mas também precisa ser acompanhado por uma perceção do significado e da verdade eterna da vida assim como das palavras de Cristo.

A vida do homem na terra pode ser descrita como um mero episódio. Ele precisa enfrentar muitos episódios em diversos planos de consciência no mundo além-túmulo. Se ele seguir os conselhos de Platão e de Cristo, ele terá não só ultrapassado muitos dos companheiros do seu grupo, como também os atrai para cima através da energia da integração, através da grande lei cósmica do amor envolto em sabedoria.

Pois ele não está apenas preocupado com a própria salvação pessoal; ele interessa-se pelo seu amado, por aqueles outros, seus companheiros da alma, que de facto são necessários para a realização da sua própria natureza, se ele entrar velozmente na Grande Realidade que a Vida Eterna encerra. Mais subtil e mais belo é o ideal do seguidor de Cristo e de Platão do que o sonho do discípulo de Buda de que se poderá dizer estar principalmente preocupado no desenvolvimento e salvação espiritual individual. Na vida do pós-vida os dois caminhos são percebidos por nós e escolhemos de acordo com a nossa natureza se deveremos seguir o caminho do Budista ou o caminho de Jesus de Nazaré.

APÊNDICES

APÊNDICE I

PREVISÃO* E MEMÓRIA

Poderá descrever-se a Grande Memória como contendo o registo de toda a vibração da vida universal. Toda experiência tem a sua duplicata nesse registo, nessa crônica da eternidade. Poder-se-á dizer que passado, presente e futuro se acham consagrados na Imaginação da Mente Suprema. Mas essa Grande Memória não deve ser confundida com a memória da pessoa. As duas são distintas no sentido de que são aspetos diferentes da Grande. Cada indivíduo devia ser comparado a um rio. Apenas parte da sua memória sobe à consciência da alma num determinado momento. Após a morte, porém, a mente é solta e menos impedida. Mas, até que a alma alcance permanentemente, o Quinto e o Sexto planos, o indivíduo ainda vive dentro de limites bem definidos. No Quinto plano ele tem parte nas memórias e experiências dos outros membros do seu Grupo, e a sua sabedoria e capacidade de viver intensamente são assim bastante incrementadas. Até mesmo no Quinto nível de consciência, ele pode não conceber toda a Grande Memória, e normalmente registar apenas as experiências e o conhecimento do seu Grupo.

** Quer dizer, profecia.*

No entanto, a alma, quando enredada no corpo físico, pode ascender — conforme eu lhes disse — a patamares mais elevados de consciência. Pode entrar, porventura por momentos, na Grande Memória e perceber alguma imagem de um evento passado ou futuro que não se ache contida na sua memória individual. O mistério da previsão, a "segunda visão do Escocês," pode ser explicado assim pela ascensão da consciência que, elevada a um nível mais elevado, percebe de forma fragmentária alguma experiência no passado ou no futuro da qual a alma não tinha conhecimento prévio. Por outras palavras, ele passa da memória individual para a Memória Universal, vive cosmicamente durante um relâmpago do tempo, e depois volta ao confinamento do eu individual e da memória individual.

Quando os seres desencarnados procuram comunicar com a terra podem ser reconhecidos através dos fragmentos da memória individual que transmitem e, sobretudo, pelo sentido de carácter que eles deixam sugerir com a fraseologia e perspetiva que empregam na conversa. Fiquem certos de que, a menos que sejam dotados — como certos homens na terra são dotados, de profecia — eles não serão capazes de prever eventos futuros, não serão — ou dito por outras palavras — capazes de tirar proveito da Grande Memória, por não terem o poder de passar para esse estado. No entanto, um grande número de seres desencarnados vive num

reino do espírito que possui um maior alcance, e eles por vezes podem vislumbrar certos eventos que muito em breve venham a ter lugar. Por poderem ver um pouco mais longe ao longo do caminho, e terem um maior conhecimento das forças que estão envolvidas no conflito diário da vida da terra.

O MUNDO CONCEPTUAL

Desde os tempos em que José interpretava os sonhos proféticos do Faraó, os homens têm, em certos casos ao longo dos tempos, trazido de volta, do sono, pequenos quadros subjetivos de imagens de eventos futuros, alguns dos quais vistos somente em miniatura. No estado de plena consciência de vigília, outros têm previsto muitas vezes de modo vago, mas ainda assim corretamente, certos acontecimentos que ocorrem alguns meses, um ano ou alguns anos após as previsões feitas. Todos esses sonhadores de sonhos, esses profetas, videntes e até adivinhos genuínos (embora humildes e menosprezados), entram temporariamente noutra dimensão do tempo, ou melhor, o espírito deles avança seis meses ou porventura cinco anos e, durante um breve instante, entra naquele mundo futuro que já é concebido como um ato de pensamento na Imaginação de Deus. Chamem a essa secção da Grande Memória de "mundo conceptual."

É possível à alma ou consciência desperta em certas ocasiões escolher deliberadamente a futura cena da visão. O próprio processo dá-se assim: O foco de consciência do sensitivo torna-se temporariamente aliado do espírito de algum indivíduo que lhe franqueia o acesso, ao desejar que ele lhe leia o futuro. Então, através do espírito dessa pessoa, o clarividente é comutado para aquela onda no éter que está ligada àquela porção do mundo conceptual que encerra a sua história pessoal.

O clarividente não tem tarefa fácil, porquanto o seu consultor pode possuir desejos ativos e urgentes, e esses desejos serem expressados por meio do pensamento emocional; especialmente se o leitor do futuro descrever eventos que sejam da maior importância para ele. Ele poderá então desligar o clarividente do alinhamento com a onda que lhe estabelece o espírito temporariamente em sintonia com o mundo conceptual. Puxada assim de volta, a mente do sensitivo lerá apenas o desejo imaginado do assistente e o interpretará como algum futuro acontecimento. Muitos prognósticos errados são feitos desse modo.

A SUGESTIONABILIDADE DOS MÉDIUNS

Quando um médium se submete a um transe profundo, a inteligência que o controla temporariamente está habitualmente em estado parcialmente hipnótico e, portanto, facilmente exposta à sugestão. Muitos casos de fraude, cometidos por médiuns que praticam fenómenos físicos, podem ser atribuído a tal condição. Se alguma das pessoas presentes na sessão suspeitarem ou anteciparem — mesmo que subconscientemente — de engano ou trapaça por parte do médium, os seus pensamentos — particularmente quando baseados em preconceito

emocional — serão tão poderosos no seu efeito quanto as ordens de um hipnotizador dada a um paciente.

Atuando com base nas auto-sugestões emitidas pelos presentes, uma médium honesta cometerá atos fraudulentos sem, no entanto, deixar de ser completamente inocente. Os autores dessa fraude são, na realidade, as testemunhas dos supostos fenómenos, e nenhum real avanço na investigação da mediunidade física será conseguido até que os céticos e pessoas de espírito científico percebam esse facto, percebam que não são idiotas nem meros observadores, mas que desempenham um papel na sessão, e que tanto podem deturpar os resultados como realmente exercer uma influência direta sobre as ações do espírito comunicante. Se um círculo de indivíduos emocionalmente céticos supuser subconscientemente que nenhum fenómeno possa possivelmente ser produzido, eles inibirão os fenómenos, persuadirão o comunicador hipnotizado de que ele é impotente e, por causa dessa inibição, ser inteiramente responsáveis por a sessão se revelar estéril em resultados.

APÊNDICE II
ESPÍRITOS DA NATUREZA

Escrevendo sobre as crenças Dionisíacas dos Gregos, Walter Horatio Pater observa:

"A inteligência superior que medita profundamente sobre as coisas persegue em pensamento a produção de força e dulçor nas veias de uma árvore."

De facto, o que é para o homem moderno a química da natureza era para os Gregos antigos a mediação das almas vivas. De acordo com a religião de Dionísio árvores e flores eram os habitáculos de tais seres. Isso é algo mais do que fantasia airosa, e poderá chegar tempo em que os poetas venham a indagar de novo se as árvores e plantas são detentoras de alma. Pois, atualmente, a fotografia revelará maravilhas. No entanto, a resposta que dou precisa ser negativa. O termo alma, conforme a defini, implica uma certa individualidade mental. Árvores, plantas e as formas mais simples de vida são controladas pelo que pode ser descrito como "mente impessoal." * Nas formas superiores da vida animal, as almas embrionárias expressam-se e por fim descobrimos a sua expressão mais avançada nos corpos do homem.

Árvores e plantas respiram e possuem sistemas nervosos. Em que é que elas diferem nos princípios de estrutura do homem e dos animais superiores? Podemos descobrir a nossa resposta a essa pergunta apenas por meio de nosso conhecimento do mundo invisível.

**NT: Mente coletiva ou de colmeia.*

Conforme afirmei, durante toda a vida o homem é acompanhado pelo seu corpo duplo ou unificador. O seu âmago ou germe é o corpo etérico, que se desenvolverá durante a velhice, ou nos últimos anos da vida de um homem. Então tomará forma e contornos e torna-se a vestimenta usada pela alma no mundo além da morte. Dentro do corpo etérico reside a semente do corpo subtil. Se o viajante decidir não voltar à terra e se aventurar em direção ao mais além esse corpo subtil floresce e desabrocha no mundo de Eidos.

Bem, as árvores, as plantas e todas as formas de vida mais simples possuem apenas o corpo duplo ou unificador. Sem ele a planta não poderia respirar. O duplo recebe os elementos vitais e assim nutre a planta. Será de reconhecer que quando a planta murcha e fenece, seja provável que, com o tempo, essa seja uma desintegração do corpo unificador invisível, e com efeito, essa será uma conclusão correta. No entanto, até mesmo no caso dessas formas inferiores de vida, uma essência permanece que reencarna quase imediatamente. Quer dizer, esse fator rapidamente reentra no mundo vegetal e novamente a velha história das estações se desenrola.

Embora o pensamento moderno rejeite a antiga crença nos espíritos da natureza, os Gregos da antiguidade estavam mais perto da verdade quando povoavam rios, vales, topos de montanha e riachos com criaturas invisíveis, ou cuja presença só podia ser percebida através do meio em que residiam. Naturalmente, aplicar-lhes o termo "alma" seria incorreto. Não há semelhança de tipo nenhum, e a sua energia vitalizante brota de outra fonte.

Esses chamados espíritos da natureza podem ser múltiplos em carácter, e cada unidade aparente ser composta por diversos. A essência que emana de uma floresta em certas estações do ano, por exemplo, pode coalescer e tornar-se unificada, e conquanto irracional no significado usual da palavra, pode assumir a forma que chamamos de duende e ser capaz não só de movimento, assim como de ter um efeito emocional sobre um ser humano que procure a solidão nas clareiras frondosas da floresta ou à beira de um rio ou lago.

Tais reações podem ser de carácter suave e benéfico, pode proporcionar sustento ao duplo ou corpo de unificação do ser humano, pode levá-lo a uma nova ligação com a vida primordial. Por outro lado, se tal ser humano não for habitualmente equilibrado e for facilmente suscetível a sugestões nocivas, essas essências ou espíritos da água, da terra, do ar e do mundo vegetal, podem afetá-lo pela negativa. Qualquer que seja a reação psíquica, os antigos tinham razão em acreditar que as regiões rurais e campestres por vezes têm presenças invisíveis dessas. Eles estavam errados ao descrever essas entidades por termos aplicáveis aos seres humanos.

O homem, ao possuir um corpo etérico, é a expressão da alma ou de uma mentalidade individualizada. Assim, ele é o provedor de uma ordem superior de consciência. Mas vocês não devem, conquanto estudem a sua estrutura, confundir a aura com o corpo duplo ou unificador.
A aura pode ser descrita como a irradiação da vida através do corpo físico. Pode ser percebida não apenas na relação que tem com os seres humanos, mas em relação a várias inteligências desencarnadas em diferentes níveis de consciência.

A SOBREVIVÊNCIA ANIMAL

Tenho pouco a acrescentar ao ensaio sobre os animais que apareceu em *Caminho para a Imortalidade*. Os nossos amigos 'estúpidos' podem tornar-se nossos companheiros novamente no mundo da Ilusão se formos genuinamente apegados a eles e se o afeto for correspondido. Mas apenas os animais altamente desenvolvidos partilham da nossa vida no Terceiro plano.

Contudo, a morte do corpo material não implica necessariamente a imediata destruição do instinto do caçador, do desejo da excitação de alvejar ou abater de aves e animais e da pesca de peixes. No mundo da Ilusão o desportista pode satisfazer esse instinto ao máximo. Mas as suas vítimas não são, como na terra, animadas do princípio vital. Eles são apenas uma criação da sua imaginação. Via de regra, e durante muito tempo ele não terá consciência desse facto e continuará a desfrutar do seu desporto. Vocês poderão, por exemplo, ser informados de que algum amigo vosso (falecido) tenha andado a caçar perdizes, mas vocês dificilmente acreditarão em tal coisa.

No entanto, se perceberem que tal pessoa estaria a criar inconscientemente uma ocupação para si próprio a partir das suas memórias terrenas, então poderão aceitar a alegação de que, no mundo pós-vida, ele ainda cace perdizes. Essas perdizes poderão ser descritas como formas de pensamento concebidas e moldadas na mente subconsciente do indivíduo. A ânsia do caçador de caçar pássaros *gera* esses pássaros. Eles têm vida meramente no sentido de serem animados pelas ondas elétricas do pensamento que emana da mente do caçador e serem estimuladas pelo seu desejo. Os pássaros são reais no sentido de que serem feitos de substância etérica. Quando o caçador finalmente percebe que o faisão, perdiz ou galinhola brotam da sua imaginação, ele provavelmente não experimentará a gratificação intensa que se segue a um bom dia de caçada.

No Quarto plano não existem animais tal como vocês os conhecem. Mas nós podemos ter companheiros no mundo de Eidos que podem ser classificados como animais e pássaros. As suas formas são estranhas, bizarras, belas e grotescas. São almas embrionárias que mais tarde nascerão na terra.

* * *

Sir Lawrence Jones enviou-nos o seguinte extrato do eu *diário privado*, que registam sessões tidas com a falecida Miss K. Wingfield. Data de 16 de Fevereiro de 1901. A Miss Wingfield encontrava-se em transe. Será interessante notar a semelhança de ideias transmitidas através da Geraldine Cummins após tal lapso de tempo. Sir Lawrence escreve:

"Eu perguntei o que é que acontece inicialmente aos desportistas quando passavam e às tribos que vivem da caça, etc."

H. respondeu: "Os desportistas dão continuidade ao seu desporto, por exemplo, os atiradores criam pássaros pelo prazer de as caçar — não matar — não há o que matar aqui. Existe um plano justamente acima da terra onde se pode criar o que se quiser. Para aqueles que passam ainda repletos de uma paixão qualquer, como caça ou viagem, podem prosseguir com tais ocupações — não o tempo todo, mas retroceder a essa esfera da recreação. Só que passado um tempo descobrem que os não satisfaz mais uma vez que nada de espiritual tem em si e então alçam-se acima ou além disso. A bondade Divina concede-lhes tanto quanto queiram daquilo por que anseiam. Arte e ciência são diferentes, e perduram por serem atividades espirituais; existir alma nelas. . ."

Beatrice Gibbes.

APÊNDICE III
INSANIDADE

Não fiz qualquer estudo sobre a insanidade durante os meus trinta e cinco anos de vida celestial. O ensaio que se segue foi escrito a pedido de três conhecidos meus desencarnados, em relação a quem eu apenas agi como secretário. Não sou, pois, responsável por grande parte do material que este ensaio encerra, nem mesmo pela maneira como vem organizado. Aqui e ali o leitor poderá atribuir-me algumas das frases; essas foram escritas com base no conhecimento superficial que tinha de uma questão obscura e difícil.

F.W.H. Myers.

Ao usar o termo "insanidade," desejo designar os visados que se encontram trancados em manicómios por todo o país, e pessoas em liberdade no mundo exterior que padecem de alguma forma de neurose aguda que as impede de ocupar o seu lugar na sociedade; por não serem realmente responsáveis pelas suas ações em determinados momentos.

Pode-se dividir os insanos em duas classes. No primeiro grupo figuram os indivíduos que, por alguma lesão orgânica, são incapazes de estabelecer um contacto seguro com o duplo ou corpo unificador. Esse mecanismo unificador transmite o comando da alma ao cérebro. Se doença na parte física impossibilitar tal conexão, a alma será incapaz de controlar a glândula pineal, por exemplo, ou certos centros cerebrais, de modo satisfatório, e o corpo humano assemelha-se a um navio sem piloto, a flutuar sem propósito pelo mar da vida. Contudo, o piloto não se desagregou. Via de regra, ele é apenas parcialmente isolado dos seus meios de expressão e,

por conseguinte, incapaz de registar as suas experiências nos centros de memória do seu corpo material em qualquer medida efetiva. O duplo ainda se comunica com o plexo solar, o plexo sacro e os outros centros nervosos, de modo que o corpo material ainda é sustentado com vida e pode, pois, permanecer perfeitamente saudável, e funcionar naturalmente de acordo com os ditames da mente subconsciente.

Não aludi, em nenhuma ocasião anterior, àqueles seres que são popularmente chamados de espíritos presos à terra. Esses, são de dois tipos. Encontramos entre eles espíritos não-humanos ou sub-humanos; estes nunca encarnaram na terra na forma humana. Muitos deles, porém, pertenceram anteriormente ao mundo animal e são capazes de interferir com o corpo duplo ou unificador, e por vezes são mesmo capazes de assumir o controlo e possuir o ser humano. Uns poucos casos de insanidade violenta são provocados por obsessão por espíritos não humanos. Geralmente estes são incuráveis, mas obsessões desse tipo constituem uma pequena minoria.

Contudo, interessa-nos principalmente os casos de loucura devidos à interferência dos recém-falecidos nas comunicações vitais que se verificam entre a alma do homem vivo e o seu duplo. Esses deslocam-se por meio do corpo unificador para o organismo material. Acho que posso dizer que entre pelo menos 40 ou 50 por cento dos pacientes tratados em hospícios são obcecados por habitantes nas zonas mais baixas do Hades, ou como eu poderia mais apropriadamente descrever como o "mundo terrorista."

Seres humanos de carácter brutal, assassinos, criminosos, viciados em drogas, rufias, arruaceiros e provocadores, financeiros inescrupulosos que anseiam apenas por poder, indivíduos possuídos pelo ciúme ou pelo desejo de vingança, reúnem-se nessa esfera e encontram-se presos na sua única paixão absorvente e nos hábitos profundamente enraizados que engendraram durante a sua vida terrena.

O estudante precisa compreender claramente que tais seres só podem obcecar homens e mulheres que estejam, em algum aspeto, psiquicamente deficientes. Indivíduos egocêntricos ou de vontade débil, inertes ou almas subdesenvolvidas, por exemplo, abrem-lhes a porta, ao passo que almas saudáveis e equilibradas não podem ser abordadas por essa ralé da humanidade que se jogaram pelas margens da morte e têm, via de regra, pouco ou nenhum senso de responsabilidade em relação aos seus semelhantes. Encontram-se nas trevas, a noite das paixões baixas e de um egoísmo que os absorve por completo e, na sua angústia, anseiam com todo o poder da sua natureza pela vida terrena da qual foram separados. Sem qualquer sentido real de uma vida mais elevada e de um universo espiritual, eles vagam dentro deste mundo intermediário até que, finalmente encontram uma luz e percebem um ser humano. Essa luz é a aura de um homem ou mulher vivo. Ela atrai o espírito errante que nela entra avidamente, e então é frequentemente enredado nos fios que unem o duplo ao corpo físico. Instantaneamente surge o conflito.

Em alguns casos o ser desencarnado não sabe que está morto. Ele debate-se a fim de obter posse dos meios de comunicação com as glândulas pineal e pituitária — dois dos centros primordiais através dos quais a personalidade humana se expressa. Ele pode realmente atacar a mente de uma mulher e, se for bem-sucedido, dar por si no controlo do seu corpo.

Muitos dos delírios dos loucos são inspirados pelo alarme de um ser desencarnado que descobre estar colocado em circunstâncias tão extraordinárias. Apenas vagamente consegue ele perceber o mundo material através dos sentidos e centros de memória de outro ser. Mas naturalmente essa caricatura de existência, em que ele ignora o facto de estar morto, desperta nele quer raiva, quer o frenesi do medo ou alguma outra emoção mais pueril. Ele pode ser desalojado da sua posição de controlo através do proprietário do corpo em questão caso este seja suficientemente forte para o obrigar a soltar aquela parte do corpo unificador que governa os centros do cérebro, mas esse raramente é o caso. Ele pode, entretanto, em certos casos, ser tratado com sucesso por meios psíquicos, ou seja, através da intervenção do plano da terra.

Um membro da profissão médica e um médium de considerável poder e bom carácter, podem servir a humanidade com sucesso num trabalho muito nobre caso busquem, por meio de um certo tratamento sugestivo, atrair o obsessor do louco para o duplo do médium. Este último deve ser capaz de entrar em transe profundo e precisa ser uma pessoa saudável e um indivíduo equilibrado. O tratamento é o seguinte:

Pode-se aplicar eletricidade ao paciente pois essa força perturba o obsessor, faz com que ele lute para escapar do confinamento do corpo que usurpou. Se for bem-sucedido a sua atenção será naturalmente captada pela luminosa nuvem áurica que paira ao redor do médium. Este entrou em transe, e assim o ser desencarnado avidamente toma posse do corpo dele e usa as suas cordas vocais. Então o médico conversa com ele e descobre por esse modo a razão porque ele tentou retornar à terra por esses meios não naturais. Se o ato tiver sido cometido por questão de ignorância, se esse estranho do outro mundo não tiver consciência de que morreu, então informações sobre esse facto, uma argumentação e sugestões cuidadosa o levarão a entender que cometeu um crime grave e deve entregar o corpo furtado, e renunciar à sua presa. Pois o médico lhe garantirá que jamais conseguirá viver plenamente na terra no sentido lato da palavra numa forma estranha, e que, para ele, só pode haver infelicidade enquanto ele continuar nesse presente estado de dissociação. Ele é aconselhado a concentrar-se em algum poder espiritual mais elevado e em amigos ou parentes que passaram antes dele para o além. Os pensamentos dele propagar-se-ão como o som viaja na terra e alcançarão as mentes desses parentes qualquer que seja o nível de consciência em que se encontrem.

Afirmei que precisam perceber que, quando um médium se encontra mergulhado em pleno transe, a inteligência que o controla temporariamente, está muitas vezes, até certo ponto, em estado hipnótico, e é, pois, facilmente sugestionável. Via de regra, esse ser desencarnado segue o conselho e obedece às ordens do controlador. Ele desaloja-se permanentemente do duplo do paciente, e em muito pouco tempo a alma deste último assume de novo o controlo

total e a sua mente volta ao normal; não permanecem vestígios remanescentes da insanidade que pareciam deixá-lo completamente perturbado.

Tratamento através da transferência temporária do espírito obsessivo para um médium em transe profundo, segundo me é dado entender, é praticada com sucesso, não apenas nos dias atuais, mas era praticado nos tempos antigos. No entanto, eu não recomendaria a sua adoção generalizada por parte da prática médica por mais que o seu valor possa ser reconhecido no futuro. Porquanto muito poucos médiuns são suficientemente equilibrados no carácter e suficientemente fortes, tanto mental como fisicamente, para se sacrificar assim de forma devota, e permitir que um estranho, que muitas vezes pertencia quando em vida a uma ordem inferior de seres humanos, entre e controle temporariamente o seu duplo e, por conseguinte, o seu cérebro material.

Um médium corre um risco considerável se não possuir um bom desenvolvimento espiritual, porquanto — se for maligno — o obsessor transferido pode esforçar-se por prejudicar o delicado aparelho que ele agora controla. Consequentemente, apenas aqueles que tiverem sido cuidadosamente testados e forem conhecidos por possuírem um poder excecional, deveriam ter permissão, sob o cuidado vigilante de um médico, para arriscar o que bem pode ser a sua própria vida dessa maneira.

Aquele indivíduo extremamente raro, um automatista talentoso, pode, em certas circunstâncias, tratar o insano com resultados benéficos. Desde que ele seja inteligente e equilibrado, ele pode prestar assistência da seguinte maneira sem correr qualquer risco real de lesão para si próprio.

Ele deve manter a plena consciência quando estiver em sessão e o seu controlador ou guia se esforçar por lidar com as entidades obsessivas. Precisamos, contudo, presumir que o controlador em questão já possui alguns dos antigos conhecimentos ocultos. Por meio do emprego de certos símbolos e frases ele poderá invocar poderes psíquicos que, se exercidos durante um certo período, poderão beneficiar o paciente mesmo que ele não esteja presente quando o automatista estiver a trabalhar. Este último, é claro, deve ser provido de um objeto que tenha sido usado com frequência pelo paciente, porquanto ele atua como foco para o controlador, e lhe possibilita encontrar, como quem diz, o comprimento de onda do paciente, e assim estabelecer uma conexão segura com a sua mente subconsciente.

Escrevo, neste caso, a respeito de certos indivíduos excecionais que não são meramente automatistas dotados. Eles possuem igualmente conhecimento oculto que lhes permite atrair um controlador que possa fazer uso dos fundamentos culturais a ser encontrados na sua memória. Tal como no caso de *daimon* de Sócrates, essa inteligência comunicante possui uma visão mais ampla do que o médium que ele controla e pode, pois, tratar certos indivíduos que sofrem de perturbação com uma boa medida de sucesso.

UM SEGUNDO MÉTODO DE TRATAMENTO

Durante os dias das civilizações Egípcia e Caldaica os homens tinham ciência de outro método eficaz de restaurar a razão e a normalidade daqueles que estavam mentalmente atormentados. Esse conhecimento era da posse apenas por alguns videntes e mestres e, transmitido a certas pessoas especialmente selecionadas, estava em voga quando os Romanos eram senhores da Palestina e sudeste da Europa. Inúmeros milagres relatados no Novo Testamento foram realizados através desse conhecimento de cura. Quando Cristo expulsou demónios dos enfermos que Lhe eram trazidos, Ele trabalhava como qualquer especialista mental em Harley Street,* ou seja, fazendo uso de um tratamento que era aplicado com sucesso em outros casos. Mas além disso Ele colocava em jogo todos os recursos da Sua própria personalidade, bem como o Seu Poder Divino. O exorcismo de espíritos malignos, ao qual se faz referência em várias narrativas da Bíblia, não deve ser descartado como mera lenda e mito. Alguns desses casos podem ser tão corretamente relatados como qualquer dos que figuram na Revista Médica Britânica.

**NT: Rua situada no coração da Londres, intitulada em homenagem a Edward Harley, (conde) que desde o século 19 abrigou vasta quantidade de especialistas privados em medicina e cirurgia. Desde então, o número de médicos, hospitais e organizações médicas só aumentou. Fonte: Wikipedia.)*

Mas o médico de 30 d.C. estudava e preparava-se para a cura dos enfermos de uma maneira muito diferente daquela agora empregada nas nossas escolas médicas. No início da era Cristã era necessário que o indivíduo possuidor de ambição de preparar a mente e o corpo para o trabalho futuro praticasse muitas austeridades, se retirasse numa época da sua vida da companhia dos homens e vivesse em completa solidão. Ele precisava retirar-se de todo contacto com outros espíritos humanos durante um período, se quisesse desenvolver e incrementar os poderes da sua própria mente para poder dominar não apenas a mente de outro, mas igualmente o seu corpo material.

De momento, estamos interessados principalmente na doença da insanidade, e é perfeitamente verdade que em 30 d.C. era possível a um mestre médico, em pleno estado de consciência, curar mentalmente e de forma instantânea os aflitos, e restaurar-lhes a razão e inteligência. E se ao cético moderno tal cura parece incrível, será apenas por ele desconhecer o facto de que o longo treino e preparo do corpo e da mente do médico eram necessários para que ele pudesse operar uma cura aparentemente milagrosa. Era igualmente essencial durante esse período de treino que ele admitisse a existência de um mundo invisível povoado de seres desencarnados, e que estudasse esse mundo. Por outras palavras, a pesquisa psíquica era uma característica tão importante do seu currículo quanto a anatomia é do currículo do estudante de medicina dos nossos dias.

Contudo, para que o mestre adquirisse poder e controlo sobre o insano, ele precisava, antes de mais, através da meditação e de diversos exercícios de concentração, de fortalecer a própria mente assim como estabelecer contacto com a Mente Suprema. Através de uma

disciplina Espartana, através do jejum e do estudo experimental das forças vitais ele obtinha uma perceção mais clara de seu próprio aparelho físico e do seu duplo. Com o tempo, ele adquiria tal domínio sobre si próprio que chegava a ser capaz de controlar a energia neurológica, a força vital que lhe fluía para o corpo da sua forma unificadora através dos centros nervosos.

Precisamos ser bastante claros quanto ao carácter dos estudos anatómicos que empreendia. O duplo é a contrapartida etérica do corpo material; eles andam juntos desde o início até o fim, desde o nascimento até a morte; as duas formas são organizadas e controladas pelas forças vitais; estas últimas são controladas e organizadas pela consciência. O espírito dos seres humanos — particularmente quando eles se agrupam em multidões ou em grandes cidades — choca-se inconscientemente entre si. Fronteiras que acreditamos invioláveis, são cruzadas e os seres humanos não possuem tanta independência de pensamento e individualidade quanto imaginam.

Um estudante de medicina que pretenda a figurar como mestre nos domínios psíquicos precisa, em algum dos estudos que empreende, porventura no seu primeiro ano, retirar-se do mundo para poder estabelecer barreiras que defendam as fronteiras da sua mente de qualquer ataque, não importa quão insidioso, do exterior.

Descreverei agora um desses exercícios de concentração. O aluno precisa imaginar continuamente um objeto com que se funda durante um período. Essa prática é, claro está, bem conhecida dos místicos e ocultistas. Mas levaria muito tempo discutir os detalhes aqui. O treino, conforme descrevi, pode eventualmente induzir o estado superior de vida; mas também pode ser empregado a serviço da ciência médica no tratamento dos insanos.

Quando um grande mestre ordenava a expulsão de um demónio de um homem, ele geralmente elegia esse homem como um objeto com o qual ele podia fundir-se; quer dizer, o seu espírito fluía além dos limites, invadia e tomava posse da mente subconsciente do paciente. Enquanto isso, com todo o seu poder, ele concentrava a sua própria força vital no duplo do paciente, o que tinha o efeito de uma perturbação elétrica, e o espírito ou demónio autor da obsessão obsessivo era instantaneamente compelido a soltar-se do alojamento usurpado como que por um terramoto.

As palavras de ordem que acompanhavam tal ato completavam esse ataque efetivo ao inimigo. Para este último, que geralmente se encontrava em condição suscetível à sugestão, tanto mais recetivo era à autoridade do outro. Assim, o espírito obsessivo poderia ser forçado a abandonar o seu domínio, mas em certos casos em que a ocupação tinha sido prolongada, ou em que o diabo, ou demónios, tivessem estabelecido um controlo absoluto, era essencial que uma alternativa fosse proporcionada. No caso dos porcos Gadarenos, vocês se lembrarão, os espíritos malignos foram ordenados a entrar no rebanho. Esse ato aparentemente gratuito era fundamentado com base na razão, pois o Mestre sabia muito bem que o exorcizado rapidamente retornaria à luz (aura) que originalmente o atraíra e tomaria posse da sua antiga

vítima de novo, em vez de vagar pelas trevas. Assim, os porcos foram sacrificados para que a sanidade dos homens que Ele curou fosse preservada.

"Toda a vara de suínos correu violentamente de um lugar íngreme para o mar e pereceu nas águas." As inteligências desencarnadas controladoras foram dominadas por um medo violento quando descobriram que estavam em associação com os duplos dessas bestas, e aprisionados dentro de organismos de um tipo tão primitivo. Aterrorizadas pela estranheza que gerava e o seu bruto carácter procuraram escapar da única maneira possível, e assim provocaram o suicídio da vara. Essa experiência dura pregou-lhes uma lição inesquecível. Uma vez que eles foram desprendidos da extraordinária associação que tinham com a vida animal, eles não procuravam mais assombrar seres humanos, porquanto eram compelidos através dessa segunda morte a tomar consciência da sua própria morte, de que não tinham conhecimento prévio. Conforme afirmei, muitas almas não desenvolvidas não percebem que passaram para uma outra vida se eles estiverem repletos somente da noção das condições físicas e tiverem pouca ou nenhuma consciência dos processos intelectuais e espirituais, daquela natureza superior que eles não procuraram durante a sua existência terrena.

O PREPARO

Ao raiar da aurora, ou de madrugada, era costume o mestre buscar a comunhão com Deus. Ele elegia essa altura por causa da quietude do mundo, em que todos exceto alguns dormem, e tantos milhares de espíritos humanos estão imóveis e em repouso. Durante as atarefadas horas do dia, as emanações do seu pensamento podem atrapalhar e interferir, podem reunir-se qual névoa, e obstruir um terapeuta de almas que siga os passos do Mestre. Mas assim que ele tiver vivido ainda que momentaneamente nas alturas com Sabedoria ele manterá a comunicação com elas ao longo do dia.

Se surgir a necessidade, ele deverá ser capaz de atrair a si aquela Iluminação que levou Cristo a exclamar: "Eu sou a Luz do Mundo." Ele expressava, então, a verdade além de todas as outras verdades conhecidas do homem, de que é possível ao indivíduo que anda pelo mundo envolto na densa veste da carne tornar-se Deus no sentido em que a Sabedoria Criadora cintile através dele e preencha todo o seu ser. Assim, por um breve momento enquanto ele possa alcançar, embora debilmente, o Poder Divino que, quando concedido em pleno, é capaz de mover montanhas, curar enfermos, expulsar demónios, e proferir as Palavras Imortais de Vida. Não obstante, naquela grande era, somente Cristo podia afirmar que era a Luz do Mundo, pois nenhum outro homem poderia assim desenvolver-se no âmbito do Espírito Santo e tornar-se como o Seu Criador.

"Comanda os ventos e eles te obedecerão."

Esta frase, para o espírito racionalista dos indivíduos da época atual, haveria de parecer mera fanfarronice de um tolo e poderia porventura sugerir que o orador fosse um indivíduo que possuía um espírito desequilibrado e sofresse de mania de grandeza. Mas um mestre

repleto, por um breve período, da Divina Sabedoria Criadora pode alterar os cursos dos ventos por ele ser, nesse instante, um canal para a expressão do Princípio Formativo, a Imaginação que criou a Terra e a mantém através da lei natural, e pode através do funcionamento dessa mesma lei realmente mudar as correntes de ar, comandar os ventos, fazer com que sopre do oeste para leste em vez de do norte para sul.

Talvez nenhum ser humano volte a atingir aquele domínio de si próprio, obter aquele controlo perfeito sobre a mente que lhe permita dominar a Natureza. Mas uns quantos, que são filhos do Reino, podem, através de uma vida dedicada ao estudo e desenvolvimento da sua natureza espiritual e intelectual, aprender a curar os doentes a um simples toque da mão, curar o mentalmente perturbado a uma ordem dada, superar as leis da gravitação de modo a andar sobre as águas, ou realmente controlar a matéria para que o milagre da multiplicação dos pães e peixes possa ser realizado de novo.

O processo que produz o chamado milagre pode ser descrito como o princípio da mente aumentado a uma intensidade de tal modo excecional por meio da concentração que se torna capaz por meio de um ser humano de dominar temporariamente a matéria, controlá-la através do conhecimento da lei natural e através da comunicação com a sua Origem Inescrutável.

O estudante de medicina dos dias atuais pode com vantagem ampliar o seu currículo. Não tem cabimento no seu poder seguir os detalhes da preparação que eram essenciais à formação de um mestre no tempo de Cristo. Mas faria bem em dedicar uma porção do seu tempo ao estudo e desenvolvimento do seu próprio espírito. Eu mencionei numa página anterior um simples exercício de concentração em que o pensador procura fundir o seu espírito com o objeto durante um breve momento. Essa prática exercida apenas por alguns minutos diários, caso o indivíduo seja dotado, conceder-lhe-á um poder definido, um domínio sobre si próprio, que pode levá-lo a ser capaz não apenas de inspirar confiança quando visita os doentes, mas que pode, no devido tempo, transmitir-lhes uma certa vitalidade através da sua mera presença. E assim os seres humanos enfermos serão beneficiados por o médico saber que a forma não cria o espírito, mas é o espírito quem cria e, por conseguinte pode - até mesmo quando concentrado com uma inteligência moderada, mas com paciente deliberação - controlar a matéria e o corpo físico em considerável medida.

A MULTIPLICIDADE DE ESPÍRITOS AGARRADOS À TERRA

Ao escrever sobre a insanidade, até agora aludi apenas às almas inteiramente más, àquelas entidades violentas que eram chamadas de demónios nos tempos antigos. Mas inúmeros ignorantes, seres humanos de mentalidade trivial aberta perambulam ou demoram-se pelas portas da morte. São desprovidos de tendências especialmente viciosas, e poder-se-á dizer que se trate de indivíduos que não têm qualquer perceção dos processos psíquicos evolutivos. Durante a sua vida terão sido incapazes de qualquer espiritualidade real e vivido apenas no sentido material. Tais viajantes no caminho para a imortalidade não têm qualquer conceção do carácter contínuo do percurso que é trilhado na eternidade.

Ansiando apenas por experiências sensuais, pelo mundo denso da Matéria, eles conseguem ser bem-sucedidos no domínio parcial da personalidade de outra pessoa. Possuem uma certa manha e normalizam a posição que ocupam no corpo estranho que procuram possuir. Exemplos característicos desse tipo de vitimização podem ser encontradas em alguns casos de personalidade múltipla. Muitas vezes, esse tipo de dupla possessão funciona muito bem devido à habilidade do obsessor, que não terá começado impulsivamente por apreender uma ou duas das importantes linhas de comunicação com o corpo material, mas tomado posse com êxito do duplo do paciente e com plena consciência controla durante um período de tempo todo o organismo vivo.

A outra classe pertencem as obsessões que são ilustradas pelo caso de um ou mais delírios insensatos e banais, porém não violentos que se repetem a intervalos. Nesses casos, as almas imaturas e incultas que acabei de descrever, geralmente encontram-se ainda no estado de dormência que por vezes prevalece durante um período considerável do outro lado da morte. Mentalmente, acham-se inteiramente absorvidos nas condições terrenas e na vida que deixaram para trás. A aplicação intelectual e espiritual é-lhes estranha à natureza. O egoísmo mesquinho e a indolência mental que os imbuem levam a que permaneçam nessa condição, e aí o semelhante atrai o semelhante. O ser que sonha, o ser desencarnado, vagueia pelo subconsciente de algum ser humano débil, mistura-se com ele e esforça-se por reproduzir algum acto especial ou fantasia inerente que figure na memória subconsciente do paciente.

Embora ainda se expresse de maneira lúcida, o obsedado é impelido, através dessa invasão, a demonstrar uma e outra vez esse ato particular, o modo de pensamento, ou complexo que é assim sugerido pela outra alma. A alma pode, com efeito, residir no âmbito da alma e o espírito no âmbito do espírito.

Nesses casos, a autossugestão e o tratamento hipnótico poderão ser usados com resultados favoráveis, isto é, se a consciência do invasor não tiver residido durante muito tempo e não se achar fortemente entrincheirada. De momento, esta última não tem consciência no sentido ativo de vigília. O estado de sonho em que se encontra indica falta de unidade e ausência de qualquer foco de concentração. O propósito e o desejo deliberado de controlar uma forma física não se declaram. Assim, a multidão invasora que pertence aos estratos inferiores do eu subconsciente pode, através do presente conhecimento do homem, ser examinada e gradualmente eliminada da mente do paciente.

Inúmeros indivíduos, que padecem de alguma ilusão tola e ainda assim são capazes de levar vidas sãs e normais, pertencem a esta categoria e apresentam problemas desconcertantes aos parentes e ao médico que os assiste. Pois muitas vezes pode tornar-se cruel, ou porventura impossível, separá-los e, no entanto, embora continuem a levar uma existência parcialmente racional, o tratamento faz-se urgentemente necessário para evitar que, ao despertar gradualmente, o invasor que sonha se esforce por obcecar e prejudicar permanentemente a mentalidade do paciente.

DECADÊNCIA SENIL

Ao considerarmos a evidência de deterioração senil em pessoas muito idosas, temos que reconhecer que elas estão a viver de modo praticamente completo no mundo além da morte. E embora a sua mente subconsciente possa não estar realmente invadida por nenhuma alma (desencarnada) que se encontre na condição do sonhar, o desapego que encetam abre o cérebro até certo ponto à influência das ideias errantes que emanam da mente coletiva (Inconsciente Coletivo). Sobrevém a expressão difusa e ineficiente de uma personalidade que foi outrora inteligente e activa.

Na realidade, a consciência do velho está agora a residir quase que por inteiro no mundo intermediário, e apenas uma parte do seu eu subconsciente ainda mantém comunicação ativa com os centros nervosos que não se acham localizados no cérebro, mas estão principalmente relacionados com o funcionamento do organismo. Uma pessoa muito velha, pois, que é descrita pelo termo "senil," poderá muito mais apropriadamente ser chamada de "espírito que partiu," porque ela já está morta. Ela atravessou o Estige (rio), e resta apenas o corpo sem a "Palavra" que lhe conferia vida inteligente.

MELANCOLIA (DEPRESSÃO)

Os médicos provavelmente dir-lhes-ão que acham os pacientes que sofrem de melancolia extremamente difíceis, se não impossíveis, de tratar. Esse tipo infeliz de doença mental e o carácter permanente que a caracteriza pode ser mais facilmente entendido se aceitarmos a teoria dos espíritos obsessores, e sobretudo o carácter especial de alguns desses obsessores que se esforçam por tomar posse dos indivíduos em questão. Geralmente essas almas invasoras, após a morte, terão sido tomadas pelo desejo violento de retornar a todo o custo para a terra. Por vezes eles não são verdadeiramente cruéis; possuem vontades fortes e muitas vezes têm um intelecto vivo. Mas em comum com aqueles seres referidos anteriormente, eles têm noção apenas do valor da vida terrena. A frase: "É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus," pode ser usada aqui num sentido especial.

É claro que esse reparo feito por Cristo tem um significado muito mais vasto; mas certamente que expressa o facto de que os indivíduos que desfrutaram da riqueza e dos muitos prazeres que proporciona, em toda a sua extensão, se encontram em forte desvantagem quando transpõem a sepultura. Terão vivido tanto em função do próprio deleite entre as coisas materiais, em meio à rica e plena satisfação dos seus inúmeros desejos que não encontram refúgio em si próprios, e encontram, de facto, após a morte apenas um vazio; e assim, ansiando de todo o coração pelas alegrias materiais, facilmente obtidas por eles em vida, se aproximam eles do mundo visível. Buscam apaixonadamente o caminho de volta e, irrefletidamente tomam posse do corpo de algum ser humano débil, geralmente da maneira anteriormente descrita.

Mas quando seres desencarnados, impelidos pela força motriz da forte emoção, assim capturam firmemente as rédeas do controlo e dão ordens à inteligência residente para se retirar, eles ficam muitas vezes permanentemente presos dentro do duplo desse estranho.

Lenta mas seguramente eles percebem o seu crime, um crime cometido, de qualquer forma, em parte pela ignorância da verdadeira situação. Eles dão por si numa prisão, acorrentados a um organismo estranho através dos seus desejos egoístas; mas são demasiado ignorantes, e devido à existência terrena protegida de que gozaram, demasiado inexperientes para ser capazes de fazer o tremendo esforço que lhes concederá a libertação.

Tais indivíduos geralmente são bastante ordinários e humanos no carácter, e assim, são invadidos pelo remorso. Para eles, parece não haver possibilidade de reparo; eles não vêem maneira nenhuma por meio da qual possam restaurar a liberdade de espírito e o controlo do corpo material ao seu hospedeiro involuntário, de modo que mergulham no desespero, e se por acaso não chegarem a sugerir suicídio ao cérebro do paciente, eles farão com que ele exiba sinais de melancolia aguda. Dia após dia, ano após ano, ele permanecerá inerte, com o rosto devastado e atormentado, enquanto a sua alma se retira, e o estranho, um prisioneiro desesperado e sem esperança, ocupa-lhe o lugar; não pode nem abandonar a posição que ocupa nem fazer um uso racional e coerente dela. Possivelmente apenas um mestre que tomasse o curso de treino prescrito no tempo de Cristo, poderia tratar casos de melancolia pronunciada, e libertar o intruso.

ALUCINAÇÕES

As alucinações têm sido descritas por membros da profissão médica como impressões de falso sentido. Podem ser visuais, auditivas e táteis. Geralmente referem-se a questões ligados à vida íntima do paciente, despertadas por entidades obsessivas independentes da sua própria memória. Essas, usam os centros de memória de um estranho com resultados desastrosos. Nesses casos, o inimigo, ou inimigos, fazem ataques a intervalos e, via de regra, não procedem a um controlo inteligente. Encontram-se apenas associados de forma intermitente com o paciente ou, se permanentemente presentes, ainda não dominaram o mecanismo da expressão. Em inúmeros casos, o obsessor pode ser comparado a uma criança que se senta ao piano e bate dois acordes alternados. Ele é incapaz para a tarefa de tocar coerentemente esse instrumento e repete os mesmos sons uma e outra vez.

Exemplos desse tipo podem ser encontrados entre pessoas mentalmente atormentadas, que continuam dia após dia, a proferir o mesmo remorso. Ele ou ela terá cometido algum crime. Ele diz que roubou vinte mil libras, ou assassinou a tia. Em tais ocasiões a entidade invasora está meramente a colocar em movimento algum desejo ou imagem reprimida na mente subconsciente do paciente. Na verdade, as duas almas, paralisaram através do conflito a ação inteligente no seu plano. Assim, a cena imaginada na mente — tal como, por exemplo, um roubo

de vinte mil libras — preenche-lhe todo o horizonte mental, por assim dizer, e reduz o indivíduo a um estado de total incapacidade mental.

Se a neurose brotar de condições que tenham predominado durante uma vida anterior, o paciente não se enquadrará na categoria dos obcecados. Ele estará a sofrer de algum defeito no seu corpo unificador, mas os seus sintomas permitirão ao médico descobrir se existe dualidade; se dois espíritos estão a procurar controlar o único mecanismo (organismo) visível.

DELÍRIOS

Os dois principais tipos de delírio são as ideias de grandiosidade e a mania de perseguição. Aqui os *eus* das duas partes fundem-se e constroem um terceiro personagem, uma personalidade embuste a partir dos fatores básicos da vida subconsciente. Uma mulher anuncia que é a Rainha Vitória e esforça-se por desempenhar o papel de uma rainha. Talvez ela sempre tenha vivido em uma posição humilde e inferior. É a partir dos materiais dos estratos submersos do *eu* que as duas almas, que assim coalescem, constroem uma nova personagem que apresenta, em muitos aspetos, as características de um autômato. Pois, uma vez mais, a união da inteligência normal acha-se ausente através da paralisia provocada pela mistura de duas consciências e, assim, inibem-se mutuamente.

Lembrem-se de que, na maioria dos casos, o espírito invasor tem que se valer dos materiais existentes nos centros de memória da mente do indivíduo. Mas sobre ela pode estampar alguma ideia fixa própria, e assim deixar a trapalhada ainda mais confusa."

Poderei dizer que a origem da perturbação mental não se encontra em nenhum desarranjo dos poderes de raciocínio, mas nos materiais apresentados a esses poderes. Pois embora os sintomas nervosos anómalos pareçam surgir do conflito, contudo um conflito entre, por exemplo, o instinto de rebanho e os instintos primários, não explica, em muitos casos, o mistério da perturbação do espírito. O conflito debilitou as defesas da psique e, em certos casos, a mente subconsciente do paciente recebe material sugestivo resultante da mistura do *eu* subliminar do obsessor com o seu próprio. E com o tempo, a interferência dessa terceira entidade conduz a uma condição de insanidade.

Tornar-se-á bastante claro, pelo exposto, que existem muitos graus de invasão da psique, e que eles variam de acordo com o poder da alma obsessiva, de acordo com a capacidade que mostra de dirigir o aparelho, e de acordo com o estado do seu próprio subconsciente. O carácter físico e psíquico das vítimas também determinará a natureza e o tipo de insanidade que se instala. O médico poderá, então, procurar aplicar os modernos métodos de tratamento psicológico. Examina o paciente e emprega os métodos da ciência da psicanálise — ciência que foi desenvolvida depois do meu tempo. Mas eu acho que posso afirmar com alguma confiança que, quando os casos de obsessão são curados por esses meios, o êxito resulta da atração da atenção do paciente diretamente para as ideias de perseguição ou inquietação que são descritas como complexos, e assim, o levam a expulsar a entidade invasora.

Uma vez que a atenção inteligente se foque na condição sombria, o seu dono poderá dominar o seu adversário, que, afinal, é muito prejudicado quando se associa com o subconsciente de uma memória estranha. Talvez seja algum medo antigo que tenha levado o ser humano vitimado a ignorar essa condição sombria, ou a abandoná-la, e a deixá-lo assim exposto às forças invasoras. Em certos casos em que a luz da inteligência recai sobre ele, as trevas dissipam-se e desvanecem-se, e o paciente vê a sua sanidade restaurada por completo.

Mas também há casos em que o tratamento da psicanálise fracassa em restaurar a normalidade e o equilíbrio ao homem enfermo. Num breve ensaio deste caráter, não consigo discutir de modo extenso qualquer tratamento específico. No entanto, acho que posso dizer que em um grande número dos casos, o fracasso da psicanálise se deve ao facto de o paciente tanto poder facilmente ser dominado pela natureza do complexo assim como libertado da sua influência. Devido a que o complexo tenha uma certa vida artificial quando estimulado por outra inteligência. Assim, eu creio que estou certo ao dizer que a psicanálise só pode ter sucesso naqueles casos em que não há uma entidade obsessiva, ou, se houver, não terá obtido um domínio definido e, por conseguinte, pode facilmente ser rejeitada da maneira que descrevi.

Não me foi possível neste breve ensaio cobrir todo o campo da insanidade e discutir até mesmo pela rama a influência que o mundo invisível da consciência pode ter sobre os indivíduos que apresentem anomalia, passíveis de serem derrotados pela doença da insanidade durante algum período da sua carreira terrena. Eu nem sequer aludi aos inúmeros casos em que a loucura se deve a uma lesão ou a alguma malformação no corpo unificador. De facto, na maioria dos casos de insanidade causada por obsessão, esse corpo unificador com o tempo sofre consideravelmente e, em casos incuráveis, é, via de regra seriamente danificado ou tornado inoperável.*

**(NT: Edgar Cayce exemplificou vários deles que apontava a possessão devida a causas fisiológicas acidentais, como quedas, malformações, etc.)*

APÊNDICE IV
JUSTIÇA

Quando os homens falam de um Deus justo, geralmente atribuem-Lhe as qualidades humanas do erro. Eles pensam num juiz justo, um que pune o criminoso por alguma ofensa cometida contra sociedade, e não são capazes, nem tampouco durante a sua vida terrena virão alguma vez a ser capazes de perceber, com espírito perfeitamente imparcial, se a justiça foi feita e o ofensor recebeu o que merecia. Somente a Mente Cósmica Divina conhece o passado desse ofensor e o passado de cada indivíduo da sociedade da qual ele faz parte. Somente a Mente Cósmica pode, pois, livre dos preconceitos humanos, pronunciar julgamento, absolver ou corrigir o alegado Criminoso. Assim, a justiça, conforme definida pelo homem, difere em todos

os aspetos da justiça quando é considerada ao nível cósmico e vista à luz maior da eternidade. Mas essa visão sempre deverá ser oculta ao homem.

Ele precisa viver no âmbito de uma conceção limitada; e assim não se pode dizer que Deus tenha parte que ver com a justiça, pois quase inevitavelmente o ser humano usa essa palavra de maneira preconceituosa e ignorante. Ele não pode examinar o futuro potencial, nem o passado do suposto criminoso, nem pode, via de regra, considerar se a sociedade como um todo não é o verdadeiro criminoso por ter, por indiferença ou incompetência, deixado esse indivíduo em tais circunstâncias em que ele é impelido a ofender e a infringir a lei.

Somos, em certo sentido, todos nós, transgressores, criminosos, todos, na medida em que, com as nossas imperfeições, de forma ignorante, insensata, uma e outra vez, violamos a lei divina. E se o Espírito Eterno fosse um Deus justo — justo no sentido humano da palavra — de facto, encontraríamos um castigo tão pesado que nunca mais haveríamos de condenar nenhuma criatura viva. Mas o Espírito do Cosmos misericordiosamente não visa a justiça conforme ela é concebida pelo homem, e assim essa Mente Suprema reconhece o mal meramente como pensamento desregulado, dissociado e imperfeito que lentamente, através de tal desordem, evolui para uma condição harmoniosa ordenada na vida da alma-grupo e na vida cósmica.

APÊNDICE V
CORPO, ALMA E ESPÍRITO

O artigo que se segue, da autoria de Beatrice Gibbes, apareceu no jornal Espiritualista "Light" a 18 de Março de 1937.

Logo após a publicação do *Beyond Human Personality*, o Sr. Stanley De Brath escreveu-me a indagar se eu poderia perguntar a Myers se elucidava algumas das observações que fizera com respeito aos diversos "corpos" que refere no *Way to Immortatlity* e na obra mencionada acima.

Essas respostas nunca foram publicadas antes, e como parecem esclarecer a questão (de acordo com as perspetivas do comunicador), poderá ser de interesse registá-las. O Sr. De Brath gentilmente consentiu que citasse as perguntas dele, que me levaram ao curto ensaio que se segue.

Extrato de uma carta do Sr. De Brath com respeito à obra *Beyond Human Personality*:

> *Poderá dizer-me qual a relação que existe entre o Duplo, enquanto força de unificação, e o corpo etérico? A mim parecem-me ser a mesma coisa. Quando afirma que "a Alma precisa operar por intermédio do Duplo," não estará a usar a "Alma" a respeito daquilo que eu chamo "Espírito"? Não estou a procurar justificar-me, só queria ter a certeza.*

Assim que a oportunidade surgiu., eu li o acima exposto ao comunicador Myers. Ele respondeu da seguinte maneira:

Peço que transmitam os meus agradecimentos ao Sr. De Brath pela carta amável e encorajadora. Eu empreguei deliberadamente o termo Alma quando desejei designar a mente consciente em todas as atividades conscientes. Contudo, tal consciência pode ser descrita como uma mistura de Espírito — vale dizer, inspiração da mente supraconsciente e as reações dos sentidos, os desejos e instintos do corpo material, daquela parte da memória que o homem comum é capaz de reter e usar durante as horas de vigília.

O Espírito poderá ser definido como aquela parte do *Eu Maior* que de forma nenhuma é impressionado ou influenciado pelas reações do corpo físico. Existe num plano de existência superior; mas quando a Alma do homem — a mente consciente — é intimamente abarcada pelo Espírito, os poderes de visão são espantosamente ampliados. Ela pode transcender o tempo e o espaço e conhecer os estados elevados da experiência mística. Mas ele pode não permanecer nessas alturas de abnegação por período de tempo nenhum durante a sua vida terrena.

Inevitavelmente, essa Alma deverá cair de volta no corpo físico e a mente torna-se uma vez mais num composto, ao reagir a condições e à vida no mundo material, enquanto, em intervalos, de acordo com o desenvolvimento que tiver atingido, pode ser iluminada por clarões que dissipam momentaneamente as trevas e inspiram um pensar correto, decisões sensatas e amor de um carácter sábio, abnegado e altruísta.

Eu considero o Duplo como o intermediário entre a mente e o cérebro, a quantidade etérica que liga a inteligência superior e a inferior, e o veículo que habilita a unidade de controlo a harmonizar as diversas funções. Ele atua como um mecanismo que liga o cérebro com o intelecto e lhe passa as suas imagens. O Duplo é de carácter semi material, porquanto o éter deve ser descrito como o antepassado da matéria.

Uma outra carta do Sr. De Brath comporta o seguinte parágrafo:

O "Duplo" e o "Corpo Astral" parecem não ter lugar nos termos de uma linguagem precisa. Parece que Corpo, Alma e Espírito seja tudo quanto possamos compreender aqui — o Corpo pertence à matéria, a Alma à Energia, e o Espírito ao Poder Diretor. A Mente — o poder do pensamento — é comum em diversas medidas a todo o universo corpóreo e não devia ser usado com respeito a mais nenhuma parte dele. É uma função do ser vivo, e não uma entidade. Talvez eu possa empregar o termo "Duplo" como "Corpo Etérico" nesta vida da encarnação, e "Corpo Etérico" em relação à aparente Alma do Outro Lado, certo? Sempre deve subsistir uma certa confusão quanto à expressão entre o seu lado da vida e o nosso, por ser tão difícil sermos precisos na linguagem que empregamos. . . Tudo quanto queria era precisão na medida do que a podermos entender deste lado. Entendo que o "Corpo Astral" seja idêntico ao "Corpo Etérico."

Numa ocasião posterior, eu li esse conteúdo ao Myers. Ele está de acordo que seria vantajoso conseguir uma definição clara dos termos Alma, Espírito e Duplo, e escreveu o seguinte:

A Casca contém o Corpo Etérico. Esses dois, durante a vida de um homem, são descritos por mim como o Duplo ou corpo de união. Por uma questão de clareza seria bom, creio bem, adotar a excelente descrição do Sr. De Brath — designadamente, Corpo, Alma e Espírito.

"Duplo pode ser empregue em relação ao Corpo Etérico nesta vida imediata, desde que se perceba que existem duas divisões dele — designadamente a casca, ou parte vital, que só deixa o Corpo Material por altura da morte, e a parte etérica, que passa deste Corpo Material durante o sono.

O termo "Corpo Etérico" devia ser usado quando escrevemos sobre seres desencarnados. Mas esse termo "Corpo Etérico" não me parece transmitir todos os atributos da Alma no mundo pós-vida. Porquanto a Alma é algo mais do que essa forma extremamente plástica a que aplicamos o termo "etérico." A Alma é, na minha opinião, a força-motriz, a energia que tão primordial é na vida consciente ativa do ser desencarnado.

O termo "Mente" não devia ser usado, conforme o Sr. De Brath afirma, sempre que descrevêssemos qualquer parte do universo. Mas eu incluiria sob a designação de "Alma," no caso do ser desencarnado, aquela força-motriz que faz uso e faz uso da Mente. Não acho que o termo "Corpo Etérico" seja adequado para descrever essa força ou energia, por a considerar como sendo somente a forma ou aparência que possuímos deste lado. Do mesmo modo, o termo corpo material ou físico não será adequado enquanto descrição de toda a existência consciente do homem.

O termo "Alma" é necessário nesse estado terreno, como é necessário quando descreve o indivíduo existente numa condição etérica.

O CORPO MATERIAL

O DUPLO - Que consiste da casca e da congénere etérica.

A ALMA - A força-motriz, a parte consciente durante a vida ativa na terra.

O ESPIRITO - A inspiração ou luz de cima que só pode ser reconhecida de forma intermitente como funcional, embora zele por todo o ser, e note cada detalhe tal como um artista pode observar uma pintura ou desenho.

Estes quatro termos parecem descrever o homem durante a sua vida na terra. Parece que os Ocultistas apontam com o termo "Corpo Astral" o:

CORPO ETÉRICO - A aparência do homem desencarnado, a sua forma externa.

Contudo, julgo que o termo Astral deveria ser descartado, por não ter relação nenhuma com o que pretende descrever. Os termos "Corpo Subtil, Corpo Imagem e Corpo de Luz" são termos que será melhor não discutir em relação com a vida imediata após a morte; via de regra, não desempenham qualquer parte nela.

ALMA - A força-motriz ou energia.

ESPÍRITO - A luz de cima, a inspiração.

APÊNDICE VI

NOTAS SOBRE A REDACÇÃO DO 'ALÉM DA PERSONALIDADE HUMANA'

O artigo que se segue, da autoria de Beatrice Gibbes, surgiu no jornal "Light" de 29 de Outubro de 1936. Será de interesse que referência tenha sido feita em 1933 quanto à possibilidade de guerra em 39 conforme a observação espontânea feita a respeito do Japão mostra. A mente da consulente, conforme será plenamente visto, associou esses comentários com a guerra da Abissínia e a guerra civil Espanhola.

Feda. O espírito controlador da Sr.ª Osborne Leonard afirmara que as entidades comunicantes muita vez vêm a uma sessão, encarregadas, por assim dizer, de certas coisas que desejam dizer - coisas que em certo sentido memorizaram no plano Invisível, e parecem ansiosas por fazer passar tais observações.

A mesma observação se aplica a Frederic Myers na escrita do Além da Personalidade Humana. Houve diversas ocasiões em que ele mostrou considerável ansiedade para escrever um ensaio sem quaisquer das preliminares do costume, designadamente, o primeiro ensaio intitulado "Esta Era Mesquinha e Insignificante."

Como isto foi escrito na sessão após aquela que foi dada a Sir Oliver Lodge, nós - pelo menos eu - certamente antecipamos uma referência qualquer à pessoa dele. Mas a resumida introdução que se segue foi tudo quanto ocorreu nessa ocasião:

"Astor, Eis o Poeta."

"Frederic Myers. Boa noite."

À exceção do último parágrafo, que foi acrescentado três meses mais tarde, todo este ensaio foi transcrito numa hora e dezassete minutos. Myers parecia bastante perturbado e agitado no momento da escrita. Quando terminou ele acrescentou:

"Madame, peço-lhe que me perdoe. Vi uma nuvem a aproximar-se da terra. Pode não a acometer. O homem tem o poder de escolher. Mas senti-me compelido a escrever este aviso. Perdoe-me, peço-lhe. Intitule-o "Esta Era Mesquinha e Insignificante". Chame cão a um homem e pelo menos despertar-lhe-á o interesse senão a raiva. Esta noite chamei-lhe isso."

Eu perguntei o que tinha inspirado este ensaio e que falasse da sombra que viu a chegar à assombrar a Terra. Ele respondeu:

"O velho perigo de guerra, não de imediato mas dentro de alguns anos. A maior esperança para a humanidade reside na expulsão desse deu material chamado "nação" no sentido de que não existem nações, apenas níveis ou graus de consciência, somente grandes agrupamentos de homens; brancos, amarelos, negros, e castanhos. E todos eles têm que aprender que a qualidade, e não a quantidade, devem perfazer o ideal; que a beleza e a

força são melhor obtidas pela limitação, pelo controlo dos números e por uma noção universal de companheirismo."

Refere-se à guerra com a Rússia e a Alemanha?" perguntei eu.

"Sim, e o Japão," respondeu ele. "Pode não chegar a suceder. Mas uma nova religião é desesperadamente necessária, uma que seja diferente da velha em certos aspetos."

O que se segue foi escrito em Dezembro de 1933. Sugeri, conforme será notado, que a Rússia e a Alemanha eram centros bélicos. Provavelmente eu estava enganada ao mencionar qualquer nação na altura e devia ter formulado a minha pergunta de modo menos sugestivo à automatista. No entanto, conforme as coisas se revelaram, a "sombra" parece ter sido símbolo da guerra entre a Itália e a Abissínia, e da guerra civil Espanhola; embora a atitude mútua da Rússia e da Alemanha pareça ser uma ameaça à paz da Europa durante algum tempo.

Em Março de 1934, Myers subitamente escreveu um parágrafo que pareceu, à altura, não ter qualquer relação com coisa nenhuma, por não ter qualquer relevância no que tinha acabado de escrever. No final do parágrafo, porém, deu instruções para que fosse acrescentado ao capítulo "esta Era mesquinha e Insignificante."

Parece mais do que nunca, que, à semelhança dos Escritos de Cleofas, Frederic Myers recorde bastante o que escreveu, onde e quando. Isso poderá ser, é claro, somente quando o comunicador está associado com a sua Médium ou "Intérprete" como Myers prefere tratar a automatista. Seja como for, é um facto.

No dia seguinte à redação do ensaio acima referido, Myers escreveu:

"Senhoras, receio ter escrito movido pela emoção na última ocasião. Os escritores deviam alçar-se acima de toda emoção uma vez envolvidos no ato da composição. Receio que a moinha composição contenha a retórica mais impetuosa que a de um orador do Exército de Salvação. Mas devo assegurar-lhes que na realidade não abrigo tendências revivalistas. Tenho, por vezes, um mero sentimento de impaciência com as coisas conforme se mostram, um desejo de atacar e derrotar ideias populares e convencionais. . ."

"O Paraíso Flor de Lótus" é um outro exemplo do mesmo tipo Foi escrito numa hora e vinte minutos. F. Myers abriu a sessão com um:

"Boa noite, senhoras. Devemos continuar com as nossas observações acerca do baile de fantasias da eternidade?"

De seguida mergulhou na escrita do ensaio, e terminou com um:

"Perdoe-me madame, de repente fiquei carregado com a ideia deste ensaio e tive que o escrever de imediato."

Noutras ocasiões, ao chegar, ele rapidamente escreve uma frase como se receasse esquecê-la de seguida. Depois, durante a redação do escrito, ele para e faz sinal com a mão da automatista na direção em que eu coloquei a página cheia, a indicar que pretende que lha

leia em voz alta. Quando lha leio em voz alta, ele escreve entrelaçando-a nessa secção do escrito que o conduzira a ela. Noutras ocasiões, enquanto se encontra a meio de um ensaio qualquer, ele escreveu na margem, "O meu parágrafo de abertura, coloque-o aqui." A seguir prossegue com o que estava a escrever.

O que se segue é um exemplo de tal método:

"Frederic Myers. Boa noite, senhoras. Devo introduzir o tema 'Amor envolto em sabedoria é a energia de integração que faz um cosmos da soma das coisas.' Esta tese resume as condições que prevalecem no caso de muitas almas no Pós-Vida. . ."

Confesso que não me surpreende um pouco sequer que o Myers tenha querido anotar isso de imediato! Por outro lado, o ensaio intitulado "Dia do Armistício" publicado na totalidade no jornal Light de Novembro de 1934, foi escrito sem qualquer premeditação no plano Invisível, na medida em que eu o posso atestar. O Editor pedira-me se eu poderia obter uma mensagem da parte do Myers acerca disso. A Miss Cummins não tinha conhecimento disso e o pedido fora feito enquanto ela se encontrava ainda na Irlanda. Quatro dias após o seu retorno tivemos uma sessão, e após uma certa "bisbilhotice" eu perguntei de modo casual se ele sabia de alguma coisa com respeito ao dia do Armistício — o que significava. Ele respondeu que tinha conhecimento de que o Dia do Armistício significava o término da guerra entre todos os países da Europa.

Sem mais preparo, ele escreveu os primeiros seis parágrafos. A seguir fez uma pausa e disse que "receava ser inadequado por ter vindo sem preparo." Pediu que lhe relessem o último parágrafo, a seguir ao que escreveu a porção restante à exceção do último parágrafo, que ele adicionou no dia seguinte. Com respeito à beleza do estilo, não consigo distinguir diferença entre os ensaios "preparados" e aqueles escritos sem qualquer premeditação.

Em resposta a uma pergunta da minha parte, Myers afirmou que pensa "na ideia inicial aparte deste mundo." Logo, caso a automatista se tenha mostrado tranquila antes da sessão — como a Geraldine Cummins sempre se esforça por estar — ele por vezes "dá uma vista de olhos pela mente dela" antes de começarmos a sessão. Com respeito à redação da Parte II do livro em questão, Frederic Myers frequentemente queixava-se das dificuldades que experimentava em encontrar uma linguagem adequada com que transmitir as ideias. "Estou a debater-me com uma ideia difícil para a qual não há palavras," escreveu ele. . .

"A intérprete está preparada para mim, porém a linguagem capaz de descrever a vida estelar ainda não foi imaginada." De uma outra feita: "...Mas eu asseguro-lhe que não me traz prazer nenhum escrever sobre estes problemas intricados que diz respeito aos nossos destinos estelares. Por ser como se eu pensasse em fazer fogo sem combustível. As ideias fazem-se presentes, porém, nenhuma palavra foi criada que as expressasse convenientemente." Um dia, contudo, enquanto ele comunicava essa difícil secção do livro, ele escreveu algo de ânimo leve e a seguir, achando que precisava voltar à tarefa, de súbito declarou: "Agora vamos lá contemplar as estrelas de novo," e voltou à Parte II do livro.

Uma importante parte ligada à identidade do comunicador veio à luz há cerca de uma nos atrás. Por entre os comentários que fez de abertura num escrito que não tinha relação com o *Beyond Human Personality*, Myers fez uso da frase: "Os corações mortais são compelidos por coisas mortais." Sir Lawrence Jones reconheceu isso como um comentário da autoria da tradução que o Myers fizera de uma frase de Virgílio. *'Sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt'* ("As lágrimas despertam lágrimas, e a honra suscita, e os corações mortais deixam-se mover pelas coisas mortais.") *Ensaios Clássicos*, página 120. (Um livro que nenhuma de nós tínhamos lido.)